

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO “Prof. Mariano da Silva Neto”
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

LOURENILSON LEAL DE SOUSA

**HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO JAICOENSE: DOS PRIMEIROS
ALDEAMENTOS AO GINÁSIO PADRE MARCOS**

**Teresina-PI
2010**

LOURENILSON LEAL DE SOUSA

**HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO JAICOENSE: DOS PRIMEIROS
ALDEAMENTOS AO GINÁSIO PADRE MARCOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal do Piauí, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Maria do Amparo
Borges Ferro

**Teresina-PI
2010**

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco

S725h Sousa, Lourenilson Leal de.
 História da educação Jaicoense [manuscrito]: dos primeiros
 aldeamentos ao ginásio Padre Marcos / Lourenilson Leal de
 Sousa. – 2010.
 140 f.

 Impresso por computador (printout).
 Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Piauí,
 Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação
 em Educação, 2010.
 “Orientadora: Profª. Drª. Maria do Amparo Borges Ferro”.

 1. Educação - História - Piauí - Jaicós. 2. Memória.
 3. Cultura Indígena - Piauí. I. Título.

CDD 370. 981 22

LOURENILSON LEAL DE SOUSA

**HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO JAICOENSE: DOS PRIMEIROS
ALDEAMENTOS AO GINÁSIO PADRE MARCOS**

APROVADA EM:

Teresina (PI), 27 de Setembro de 2010.

Prof.^a Dr.^a Maria do Amparo Borges Ferro - Orientadora
Universidade Federal do Piauí - UFPI

Prof. Dr.^a Marlúcia Menezes de Paiva – Avaliadora Externa
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

Prof.^a Dr.^a Carmen Lúcia de Oliveira Cabral
Universidade Federal do Piauí - UFPI

Prof. Dr. Francisco de Assis de Sousa Nascimento (Suplente)
Universidade Federal do Piauí - UFPI

*A minha querida esposa Anne Karoline
Bandeira Bonfim Leal e famílias,
especialmente, ao amor maternal de
Ana Maria de Sousa.*

Dedico de todo coração.

AGRADECIMENTOS

Momento difícil este em que paramos para recordar todos aqueles que, de alguma maneira, contribuíram para a produção desta pesquisa. O trabalho agora apresentado é ao mesmo tempo solitário e coletivo, pois desde os estudos preliminares da elaboração do projeto até a colocação do ponto final, vários foram meus colaboradores nessa empreitada acadêmica. Vou tentar não esquecer ninguém, mas sei que corro o risco de fazê-lo.

De início, agradeço a Deus pela generosidade da vida. Aos meus pais Lourival de Sousa e Antônia Judite Leal de Sousa pelo esforço em criar e educar seus cinco filhos. De modo especial, Ana Maria de Sousa minha infinita gratidão aos seus preciosos cuidados maternos desde a minha tenra infância.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), agradeço pelos debates acalorados e enriquecedores, que muito me estimularam no decorrer do curso de Mestrado e, especialmente, à Maria do Amparo Borges Ferro, pela orientação paciente e segura deste trabalho. Aos professores da banca de qualificação, Francisco de Assis de Sousa Nascimento (UFPI), Carmen Lúcia de Oliveira Cabral (UFPI) e José Augusto de Carvalho Mendes Sobrinho (UFPI), agradeço pelas críticas pertinentes e sugestões.

Aos colegas do curso, agradeço pelo companheirismo e descontração nos bastidores, sem o que a vida acadêmica seria fatigante por demais. Aos funcionários do PPGED e funcionários das instituições nas quais pesquisei. Também estendo os meus agradecimentos a Suely Maria Bona e Pires, pela eficiência em realizar seu sobrecarregado ofício de secretária.

Pelo apoio em Teresina, ao amigo José Luís de Oliveira Silva que me apoiou com sua amizade desde os dias longínquos em que cursávamos o primeiro ano do curso de Pedagogia na Universidade Federal do Piauí. Na cidade de Jaicós e de Padre Marcos, aos amigos que generosamente receberam-me com carinho e atenção: Francisco da Chagas Cruz, José Rafael Lélis, Teresinha Freitas de Carvalho Leal, Geraldo de Carvalho, Maria Adelite de Carvalho, Aurení, Maurício, Batista, Márcia, Márcio Ranger e Dílson de Carvalho Dantas – meus agradecimentos mais uma vez.

A convivência amiga e essencial com minha esposa Anne Karoline que soube pacientemente, compreender minhas ausências e as vezes que tive que deixá-la sozinha com

“os fantasmas da sua voz”. E hoje aqui está, minha sorte grande, dando-me a energia necessária para não parar.

E por fim, a todos que contribuíram com seus comentários, sugestões e experiências para enriquecimento e valorização deste trabalho, os meus sinceros agradecimentos.

[...] os dias são todos iguais como uma unidade cronológica, mas são muito desiguais como unidade sociológica. Cada dia diferente pelo acontecimento que traz, pelo sentido que traz, pelos fatos que o marcaram, pois esse dia é marcante para nossa cidade, foi neste dia que surgiu em Jaicós mais uma das marcas desta cidade, que não cresceu tanto materialmente, mas que cresceu intelectualmente, mais que cresceu espiritualmente. É uma cidade que traz a marca da cultura. Jaicós nasceu há duzentos e tantos anos sobre a marca da cultura do padre Marcos que deixou aí a primeira instituição escolar do Piauí.

Prof. Mariano da Silva Neto

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo investigar a História da Educação em Jaicós – cidade localizada no Centro-Sul do Piauí e que figura entre as mais antigas do estado –, a partir do processo de transferência de conhecimentos entre colonos, catequizadores e indígenas até a institucionalização do ensino comunitário por meio do Ginásio Padre Marcos. O recorte temporal de análise compreende os anos de 1714 a 1953. No decorrer do período investigado, também são estudados: o ensino de primeiras letras público e particular; a trajetória de um importante estabelecimento piauiense de ensino da primeira metade do século XIX – a escola Boa Esperança; a trajetória profissional de alguns alunos que ali estudaram e o encerramento das atividades educativas desta escola; a institucionalização do ensino público, com destaque para a educação comunitária do Ginásio Padre Marcos que pertencia a Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC). No processo de investigação das sociabilidades educativas, são analisadas as estratégias para transmissão de conhecimentos, assim como a escolarização do ensino público e comunitário. As fontes exploradas, nesta pesquisa, fazem parte do material documental conservado no Arquivo Público do Piauí: Hemeroteca, Fundo Legislativo, Fundo Judiciário e da Fototeca. Além destas, utilizamos preciosos arquivos de particulares e depoimentos orais de ex-alunos e ex-professores da última escola pesquisada. Para as análises dos dados adotou-se o referencial teórico-metodológico da História Cultural, pela dimensão plural em suas possibilidades de investigação: Peter Burke (2004), Jacques Le Goff (2003), Maurice Halbwachs (1990), Paul Thompson (1992), Michel de Certeau (2003 e 2007), e outros, como também na produção de diversos historiadores brasileiros e piauienses. Portanto, investigar e esclarecer o processo de constituição da educação pública, privada e comunitária na sociedade jaicoense, possibilitou entender sua organização escolar, sua implantação e institucionalização.

Palavras-Chave: Educação. Memória. Jaicós. História Cultural.

ABSTRACT

This research has as objective investigates the History of the Education in Jaicós - located city in the Center-south of Piauí and that it represents among the oldest of the state -, starting from the process of transfer of knowledge among settlers, catechizing and indigenous until the to transform in institution of the community teaching through the Gym Priest Marcos. The temporary cutting of analysis understands the years from 1714 to 1953. In elapsing of the investigated period, they are also studied: the teaching of first government paper and matter; the path of an important establishment piauiense of teaching of the first half of the century XIX - the school Good Hope; the professional path of some students that there studied and the closing of the educational activities of this school; the to transform in institution of the public teaching, with prominence for the community education of the Gym Priest Marcos that belonged the National Campaign of Schools of the Community (CNEC). In the process of investigation of the educational sociabilities, the strategies are analyzed for transmission of knowledge, as well as the education of the public and community teaching. The explored sources, in this research, they are part of the documental material conserved in the Public File of Piauí: Hemeroteca, Fundo Legislativo, Judiciary Fund and of Fototeca. Besides these, we used precious files of matters and former-students' oral depositions and former-teachers of the last researched school. For the analyses of the data the theoretical-methodological reference of the Cultural History was adopted, for the plural dimension in their investigation possibilities: Peter Burke (2004), Jacques Scans Goff (2003), Maurice Halbwachs (1990), Paul Thompson (1992), Michel of Certeau (2003 and 2007), and other, as well as in the several Brazilian historians' production and piauienses. Therefore, to investigate and to explain the process of constitution of the public education, toilet and community in the society jaicoense, he made possible to understand each other that school organization, his implantation and in institution.

Keywords: Education. Memory. Jaicós. Cultural History.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Imagem de Nossa Senhora das Mercês – Jaicós (PI). Século XVIII.....	28
Figura 2 – Mapa das Distribuições Espaciais dos Aldeamentos	35
Figura 3 – Matriz da Igreja de Nossa Senhora das Mercês (comemorações do primeiro centenário)	46
Figura 4 – Matriz da Igreja de Nossa Senhora das Mercês (reformada)	47
Figura 5 – Galo na torre da Matriz de Nossa Senhora das Mercês.....	48
Figura 6 – Casa do Padre Marcos em que funcionou a Escola Boa Esperança.....	61
Figura 7 – Felipe Tiago Gomes. Jaicós-PI, 1977.....	79
Figura 8 – Portão de entrada do Ginásio Padre Marcos.....	82
Figura 9 – Colégio Padre Marcos da CNEC.....	86
Figura 10 – Comemorações aos 160 anos de Independência	87
Figura 11 – Representação teatral dos ex-alunos da CNEC.....	87

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Cronologia dos índios Jaicós.....	31
Quadro 2 – Ex-alunos da escola Boa Esperança	66
Quadro 3 – Professores Públicos da Comarca de Jaicós no século XIX.....	72

LISTA DE SIGLAS

AHU – Arquivo Histórico Ultramarino

APPI – Arquivo Público de Estado do Piauí

CCE – Centro de Ciências da Educação

CNEC – Campanha Nacional das Escolas da Comunidade

FUNDEF – Fundo de Desenvolvimento do Ensino Fundamental

ICES – Instituições Cenevistas de Ensino Superior

IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Nacional

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MEC – Ministério da Educação e Cultura

RIHGB – Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

RIGHP – Revista do Instituto Geográfico e Histórico Piauiense

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I	
1 HISTÓRIA E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: SUBSÍDIOS TEÓRICOS PARA A RECONSTITUIÇÃO DA EDUCAÇÃO EM JAICÓS	19
1.1 Diálogos necessários da pesquisa.....	19
1.2 Renovação epistemológica da história.....	21
CAPÍTULO II	
2 JAICÓS, DOS PRIMÓRDIOS À “TERRA DO GALO”	26
2.1 Aldeamento de Nossa Senhora das Mercês, Proteção ou Devassamento?.....	26
2.2 Freguesia de Nossa Senhora das Mercês, Prosperidade e “Corredor de Migração” no Centro-Sul Piauiense.....	39
2.3 A Vila de Jaicós, Espaço de Prestígio Político no Império Brasileiro.....	41
2.4 Memórias da Fazenda Boa Esperança.....	48
CAPÍTULO III	
3 ESCOLA BOA ESPERANÇA: INSTITUIÇÃO OITOCENTISTA DE UM MESTRE SINGULAR	51
3.1 O “Benemérito Educador”, Marcos de Araújo Costa.....	51
3.2 “O Berço da Tradição Escolar” Piauiense: Educação Elementar e Instrução Secundária.....	55
3.3 Fechamento da Escola (1850).....	59
3.4 Ex-Alunos da Escola Particular de Boa Esperança: Trajetória Escolar e Profissional.....	62
CAPÍTULO IV	
4 EDUCAÇÃO ELEMENTAR: DA INSTRUÇÃO PÚBLICA AO GINÁSIO COMUNITÁRIO PADRE MARCOS	68
4.1 Implantação e Estruturação do Ensino Público Elementar.....	68
4.2 Das Escolas Isoladas ao Grupo Escolar Anísio de Abreu.....	74
4.3 Ginásio Padre Marcos, “educar para desenvolver”.....	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS	93
ANEXOS	102
ANEXO – A: Depoimento de Dílson de Carvalho Dantas.....	103
ANEXO – B: Depoimento de Francisco da Chagas Cruz.....	112
ANEXO – C: Depoimento de Maria Adelite de Carvalho.....	128

ANEXO – D: Depoimento de Geraldo de Carvalho.....	130
ANEXO – E: Depoimento de Teresinha Freitas de Carvalho Leal.....	136
ANEXO – G: Hino Oficial do Ginásio Padre Marcos (CNEC).....	140

INTRODUÇÃO

Entendemos que as sociedades produzem cultura e que cada grupo, em cada época, tem suas diferenças e peculiaridades, cada qual com sua maneira de viver, sua economia, religião e traços culturais, que, por sua vez, influenciam os processos educativos. A educação também interfere a seu modo nos diversos aspectos sociais. Assim também ocorre na cidade de Jaicós (PI), com sua memória presente nas lembranças do povo, nos documentos, nas ruínas. Memórias visíveis, vitoriosas, ou ainda, esquecidas, rejeitadas, confusas ou fragmentadas. Memórias depositadas em arquivos públicos e privados, outras vezes, sem lugar, consideradas “menores” perante a história, e, sobretudo, à macro-história. Contudo, todas elas, memórias ativas no processo do viver escolar, urbano, memórias constitutivas de identidades.

Nesse sentido, empreendemos a pesquisa com objetivo de investigar a trajetória educacional de Jaicós (PI) a partir da catequização dos gentios nos primeiros aldeamentos à institucionalização da rede escolar pública jaicoense (1750-1953). Em cada época, um povo tem perguntas a fazer. Nem sempre elas são respondidas. A construção e a busca desse saber dão-se a partir do conhecimento do passado não como algo inerte, mas em permanente movimento entre o novo e o antigo, entre o que se passou e o que se vivencia.

A busca pelo conhecimento do período adotado suscitou várias questões para esta pesquisa: como ocorreu o processo de aculturação dos índios naquela povoação? Que estratégias foram realizadas para a “domesticação” dos indígenas? Quais as influências, na sociedade jaicoense, dos ensinamentos do Padre Marcos em sua fazenda Boa esperança? Que caminhos rumaram os alunos que, por três décadas, estudaram na escola-internato da fazenda Boa Esperança? Após 1850, que outros professores surgiram no cenário educacional jaicoense? A ocupação do professor constituía a única fonte de sustento dos indivíduos que a ela se dedicavam? Quais as práticas educacionais produzidas pelos mestres-escolas da região? Como se deu o processo de instalação das Escolas Reunidas Anísio de Abreu? Quem foram os professores, e alunos, do Grupo Escolar Anísio de Abreu? Qual a contribuição das primeiras professoras Normalistas para a qualidade do ensino nessa região? Como a população, de acordo com sua condição, tinha acesso ao ginásio Padre Marcos na década de cinquenta do século XX?

Este trabalho é uma pesquisa de estudo exploratório, pois se propõe a obter informações sobre a problemática abordada, com o intuito não apenas de fornecer fatos em uma ordem cronológica, mas, principalmente, produzir uma reflexão do que é historiografado, como afirma Vieira (1998, p.50): “o trabalho final do historiador também deve aparecer como um momento de reflexão e não como um produto acabado; deve reconstituir o próprio percurso de investigação”.

O método utilizado no presente estudo foi o histórico que, segundo Diehl (2001, p. 21), “é a constelação de regras do pensar o passado. As regras indicam os processos pelos quais o passado humano é contemporizado como história”. A presente pesquisa teve como intenção não apenas descrever e reconstruir os fatos, mas promover uma reflexão a partir da compreensão efetiva da trajetória educacional ocorrida em Jaicós (PI) do século XVIII até a segunda metade do século XX. A escolha pelo recorte de tempo justifica-se para facilitar a pesquisa em função do tempo do Curso de Mestrado em Educação da UFPI. O recorte cronológico ao longo da pesquisa teve recuos e avanços no sentido de compreender melhor o objeto de estudo. Além disso, mesmo sendo um estudo de história local, sempre foram realizadas as interconexões necessárias com a história do Piauí e do Brasil.

Para a construção desta pesquisa foram utilizadas as fontes escritas, documentos em arquivos públicos, arquivos particulares, instituições públicas e privadas, pesquisa bibliográfica em livros, monografias, dissertações e informações veiculadas na imprensa escrita. Em seguida, recorreremos às fontes da entrevista não diretiva, que, conforme Richardson (1999, p.210), “permite ao entrevistado desenvolver suas opiniões e informações da maneira que ele estimar conveniente. O entrevistador desempenha apenas funções de orientação e estimulação”. Dessa maneira, o entrevistador apenas apresentará o tema no início, mantendo-se interessado, facilitando o processo da entrevista e esclarecendo alguns pontos obscuros sobre a questão.

No Arquivo Público do Estado do Piauí foi possível verificar documentos sobre a educação de Jaicós, desse modo foram feitas análises nas falas e mensagens dos presidentes e governadores, nos relatórios dos diretores e inspetores da instrução pública, nas leis e regulamentos do ensino público, nas nomeações e substituições de professores, petições e requerimentos ao Juízo de Órfãos da Vila de Jaicós, nos mapas, tabelas e quadros, nos pedidos de licença e atestados médicos. Estas fontes são importantes não somente sobre a memória da educação jaicoense, mas também sobre as redes de relações de poder que se estabeleciam em torno daquela localidade.

As análises foram feitas adotando o referencial teórico-metodológico da Nova História, por esta possibilitar o conhecimento do cotidiano de alunos e professores da época, não se limitando apenas à história dos dirigentes educacionais. Numa perspectiva ampliada, a ideia das práticas educativas aparece como tributária do conceito de práticas culturais, desenvolvido tanto por historiadores quanto por sociólogos, como Michel de Certeau (2007), Pierre Bourdieu (1996) e Roger Chartier (1990). Respeitando as diferenças entre eles, consideramos adequadas aos propósitos desta pesquisa suas definições das práticas como “maneiras de fazer” cotidianas dos sujeitos históricos, relacionadas social e culturalmente, na construção de seus espaços, suas posições e suas identidades.

Devemos observar também que os obstáculos para o trabalho do pesquisador estão na carência de documentação, na limitação dos registros produzidos, na não-preservação, somada a outros fatos ligados à conservação e arranjos adequados. No caso das Escolas Indígenas, criadas pelo o Diretório dos Índios na segunda metade do século XVIII; da Escola Particular de Boa Esperança, mantida pelo Padre Marcos de Araújo Costa; e, principalmente, na fase da institucionalização da Instrução Pública no século XIX e XX, não é diferente. Os documentos referentes ao Grupo Escolar Anísio de Abreu e ao Ginásio Padre Marcos, esta última comunitária e a primeira pertencente à rede escolar do estado, restringem-se, no geral, aos “Livros de Matrículas (1931 a 1953)”, a alguns poucos cadernos e livros didáticos de ex-alunos, aos livros de Inspeção Escolar e a frequência dos alunos e alunas e professores e professoras.

Na sede da administração estadual da Campanha Nacional das Escolas da Comunidade (CNEC) no Piauí, há um arquivo (no sentido da acumulação dos documentos) e não há um arquivo (no sentido de sua organização). Os documentos conservados do Ginásio Padre Marcos não receberam até o momento um tratamento arquivístico, o que oferece inúmeras dificuldades ao trabalho de campo. Assim, a nossa pesquisa apresenta, como resultado, uma lacuna no tocante às referências documentais que, impedidas de serem citadas adequadamente, merecerem no geral a lacônica observação: “arquivo da CNEC”.

É necessário apontar ainda para outro aspecto pertinente à pesquisa, ou seja, o de refletir sobre as possibilidades de trabalho com outras fontes que podem fornecer subsídios de inestimável valor. Assim, trabalhamos com periódicos da época, pesquisando desde legislação e atos normativos sobre a instrução primária e secundária até anúncios comerciais, informes diversos, catálogos livreiros, artigos literários, políticos, educacionais, entre outros. E fotografias do Ginásio Padre Marcos – gentilmente cedidas pelo ex-aluno Francisco da

Chagas Cruz –, correspondências privadas, textos autobiográficos e de memórias, depoimentos registrados nos arquivos familiares de (antigos) alunos cenequistas.

A história oral como fonte de pesquisa preocupa-se em registrar com fidelidade as interpretações de indivíduos sobre seu mundo. É uma técnica/metodologia de produção oral de documento que, em virtude da riqueza dos detalhes, pode trazer grandes contribuições para (re)construção de um dado objeto. Na busca de depoimentos de sujeitos que vivenciaram a escolarização dos jaicoenses, a partir da implantação do Grupo Escolar Anísio de Abreu (1931) e do Ginásio Padre Marcos (1953), colhemos depoimentos, gravados e posteriormente transcritos, de ex-diretores, funcionários, professores e professoras, familiares de ginásianos e moradores de cidades vizinhas de Jaicós-PI. Nem todos os depoimentos foram analisados no corpo desta pesquisa devido ao limite temporal da mesma, mas ficarão nos anexos para futuros estudos sobre o tema.

Ao final deste trabalho estão alguns documentos e elaboramos quadros anexos, indicados ao longo dos capítulos, com objetivo de ampliar e localizar as informações e referências constantes no corpo do trabalho, cuja estrutura possui quatro capítulos.

No primeiro capítulo, “História e História da Educação: subsídios teóricos para a reconstituição da educação em Jaicós”, apresentamos o referencial teórico e metodológico da pesquisa, enfatizando o diálogo que a História da Educação faz com a História, a Sociologia, a Antropologia e a Filosofia.

No segundo capítulo, “Jaicós, dos primórdios à terra do galo”, apresentamos o processo de povoamento desta região, alguns atores que a habitaram e a moldaram, feita de modos de sociabilidade que condizem com seus aspectos desgrehados e seus lugares-comuns. Naturalmente sensível aos eventos coletivos que pontuam seu calendário, presta-se de boa vontade ou com alegria, conforme versos do poeta e advogado Donato Ângelo Leal à alegria deliberada das “[...] alvoradas festivas e da tua banda-de-música [...]”. Com toda minúcia de seus regulamentos do Império brasileiro, relatórios dos administradores da província e relatos de viajantes a descrevem ora como um aldeamento, ora com um espaço de prestígio político ou ainda como “o berço da educação escolar piauiense”; mostram-na também impassível ou enfurecida, reagindo com tenacidade e vigor aos acontecimentos da sua formação social, política e econômica.

No terceiro capítulo, “Escola Boa Esperança: instituição oitocentista de um mestre singular”, tratamos da contribuição do Padre Marcos de Araújo Costa para a educação elementar e instrução secundária no Centro-Sul piauiense. Explicamos os motivos que

levaram ao fechamento desta escola e, também, a trajetória escolar e profissional de alguns ex-alunos que ali estudaram.

No quarto capítulo, “Educação Elementar: da instrução pública ao ginásio comunitário Padre Marcos”, reconstrói os passos da implantação e da estruturação do ensino público elementar na cidade de Jaicós-PI, e por fim, a Educação Comunitária do ginásio da CNEC.

Dessa forma, o surgimento da escola elementar e secundária nos rincões do sertão piauiense, especialmente, na região que compreende o município jaicoense, pode ser explicado pelos interesses das principais famílias de boa fortuna em oportunizar que seus membros adquirissem instrução formal e, assim, prosseguissem na escolarização. No entanto, as análises realizadas no decorrer deste estudo ficam perceptíveis que somente uma pequena parcela da população tinha acesso as luzes do saber formal – onde homens letrados conquistavam relevantes posições, geralmente cargos públicos, em um território de pouquíssimas oportunidades de ascensão social.

A pesquisa que empreendemos movida pela formulação e problematização traz a marca da subjetividade e ainda da incompletude, do lacunar diante da complexidade do objeto e suas várias dimensões. Nesse processo de investigação nos deparamos muitas vezes com o inesperado e o desconhecido, o que nos levou a fazer mais perguntas do que o esperado. Contudo, reafirmamos que o nosso propósito foi, além de apresentar aspectos sobre a trajetória educacional jaicoense, reconstruir as experiências educativas resultantes de um passado não longínquo. Que este trabalho contribua para o debate e as pesquisas sobre a História da Educação no Piauí e, especialmente, para o povo jaicoense.

CAPÍTULO I

HISTÓRIA E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: SUBSÍDIOS TEÓRICOS PARA A RECONSTITUIÇÃO DA EDUCAÇÃO EM JAICÓS.

A história é, antes de ser uma prática científica, uma prática social ou, mais exatamente, como seu objeto científico é, também, uma forma de tomar posição ou adquirir sentido em determinada sociedade, a epistemologia da história é, por sua vez, em parte, uma história; o que é ilustrado, de maneira exemplar, pelo caso francês. [...] A história é a referência obrigatória, o horizonte incontornável de toda a reflexão.

Antoine Prost (2008)¹

1.1 Diálogos Necessários da pesquisa

Em uma sociedade da informação e do conhecimento novos modelos de aprendizagem e de educação se fazem emergir. Para Alarcão (2003), a educação tem assumido a capacidade de perceber objetos, pessoas e acontecimentos, sendo a investigação sobre a educação uma necessidade para o reconhecimento das potencialidades como também de suas problemáticas.

Desse modo, surge a necessidade de se investigar a educação também nos seus aspectos da memória pelo “[...] fato de o passado não se colocar enquanto massa de dados, mas a ideia de que o passado é construído e continuamente reconstruído a partir de uma problemática do presente” (SOUZA, 2004, p. 16). Portanto, o estudo do processo educacional ao longo do tempo refere-se à existência e à vida real dos homens do passado e sua investigação conduzirá à compreensão do tempo presente, pois a recuperação da memória pressupõe a narrativa das experiências vividas entre diferentes gerações.

O historiador francês Pierre Nora, em seus estudos dedicados à memória, constrói a expressão “lugares de memória”. Focaliza-os, em seus discursos, como os testemunhos de

¹ Historiador, professor da Université Paris I e pesquisador na área de história da sociedade francesa no século XX nos seus múltiplos aspectos: grupos sociais, instituições, mentalidades.

uma memória que não existe mais. Em sua interpretação, o que evidenciamos hoje como revalorização teórica da memória esconde um vazio. Sua expressão é enfática: “fala-se tanto da memória, precisamos porque ela não existe” (NORA, 2006, p. 16). Tudo aquilo que chamamos de memória, conclui Nora, já não o é, é história. É memória que vive “sob o olhar de uma histórica reconstruída” (NORA, 2006, p. 17).

A partir do reconhecimento da necessidade da pesquisa histórica educacional é que surge o desafio de se pesquisar a história da cidade com suas teias e tramas, para compreender o processo que a gerou. Assim, investigar a educação jaicoense do século XVIII à primeira metade do século XX revelará a trajetória educacional de um povo, bem como da sociedade em questão, valorizando sua memória, que pode ser perdida sem o trabalho do historiador, considerando aqui as supostas ausências de estudos relacionados à temática adotada. A educação como objeto de investigação é de vital relevância para a compreensão da formação cultural de uma sociedade. Assim, a História da Educação é um campo historiográfico particular pois, os “[...] valores educacionais de um período histórico são muito instrutivos, já que não só revelam o tipo de pessoas que são aí criadas, como também os próprios valores daquela cultura” (THOMAS, Keith apud FONSECA, Thais Nivia de Lima, 2008, p. 53).

Para Lopes e Galvão (2005) surge neste contexto o campo de pesquisa da História da Educação. No primeiro momento, desenvolve-se principalmente nas Escolas Normais e nos cursos de formação de professores e, posteriormente, nos cursos de Pedagogia das Faculdades de Filosofia. Nesse sentido, a História da Educação não se desenvolve, em sua trajetória, como uma área da história, embora seu objeto fosse compreender o passado das sociedades. São educadores que se esforçam em compreender suas práticas e solucionar problemas do ensino que se constrói este campo de pesquisa. Por meio da discussão do pensamento pedagógico que a Filosofia da Educação traz uma valiosa contribuição para as fontes de investigação ao pensamento dos grandes educadores. Porém, essa inserção da História da Educação no campo da Pedagogia e a sua aproximação com a Filosofia da Educação trouxe, tradicionalmente, um certo vício para se pensar naquilo que deveria ser a realidade e não naquilo que ela é. O aspecto negativo foi que os pesquisadores da História da Educação possuíam uma tendência em explicar os fenômenos educativos do passado em si mesmos, sem relações com outros aspectos das sociedades características da mesma época.

Em todos os casos, para se tornar um historiador da educação competente, é preciso que o pesquisador tenha uma formação rigorosa e específica, o que supõe, entre outras condições, um mergulho no que é próprio ao campo do outro. Para o pedagogo e o educador de modo geral, é necessário um profundo mergulho nas teorias e metodologias da História, a

fim de que se possa capacitar um pesquisador com habilidade para realizar a “operação historiográfica”, conforme teorizado por Michel de Certeau (2007). Existe um certo preconceito que segrega os historiadores da educação que, mesmo com habilidade e competência e tratando de temas para os quais são indicados para investigar, principalmente quando se pensa que a educação é objeto da cultura e que a cultura é o cerne da Nova História Cultural, não gozam de prestígio e credibilidade acadêmica junto aos historiadores por formação. Somente na década de 1970 se inicia sistematicamente, nos curso de Pedagogia, a introdução de uma disciplina específica que trata da História da Educação brasileira. Segundo Lopes e Galvão (2005) destacam, nas últimas décadas do século XX, o aparecimento de duas grandes tendências que influenciaram decisivamente o campo da História da Educação, contribuindo para o processo de sua renovação: o Marxismo e a Nova História Cultural.

1.2 Renovação epistemológica na história

As pesquisas mais recentes do final do século XX abandonaram a ideia de um contexto único, que pudesse basear as explicações para qualquer objeto. O que se coloca com mais frequência é que a base da história é o estabelecimento de relações e de associações, sempre que possível. Quanto mais o pesquisador for capaz de associar as informações que aparecem nas diversas fontes com que trabalha, aos estudos já realizados sobre o tema, com teorias que se estudou e outros documentos que não necessariamente faziam parte do seu *corpus* documental original, mais ele conseguirá construir sensibilidades sobre a leitura desse tempo.

Nos últimos anos verifica-se um avanço nos aportes teórico-metodológicos do campo da História da Educação em estudos que investigam não somente o ensino e a escola, mas também crianças e os jovens, o livro e a leitura, as mulheres, a violência e uma diversidade de temas. A História da Educação está sendo “[...] entendida aqui enquanto um campo de investigações em que se torna cada vez mais necessário dar visibilidades aos seus diferentes objetos: a escola, o professor, os alunos, os materiais escolares; processos e formas de aprendizagem, entre tantos outros” (VEIGA, 2008, p. 19).

Os historiadores têm considerado que é preciso perscrutar no dia-a-dia da escola de outros tempos múltiplos aspectos como os métodos de ensino, os materiais didáticos utilizados, as relações professor(a)/aluno(a) e aluno(a)/aluno(a), os conteúdos ensinados, os

sistemas de avaliação e do controle disciplinar. As pesquisas mais recentes também têm considerado relevantes para se compreender a história do ensino questões como a inserção das meninas e mulheres nos sistemas de ensino (como alunas e professoras), as discussões em torno da implementação da co-educação, a formação dos(as) professores(as) e os próprios processos de como se deu a progressiva afirmação da escola no interior das diferentes sociedades como instituição central, ou seja, como espaço privilegiado para a transmissão do conhecimento.

Outra tendência da pesquisa histórico-educacional é a história das disciplinas e dos saberes escolares. Ao estudar os conteúdos do ensino, os programas, as provas, os manuais e os exercícios escolares esses estudos contribuem para um maior conhecimento do que ocorria dentro da escola. Os estudos sobre manuais escolares, por exemplo, diferentemente do que ocorria há alguns anos, quando o que buscavam mostrar era a ideologia transmitida por eles, passam a ter como principal objetivo a compreensão dos procedimentos de transmissão dos saberes.

Nas novas temáticas está a reconstituição da história da formação dos leitores individuais, em geral intelectuais ou personalidades, como políticos, médicos, advogados e professores que pode ser realizado através do estudo de suas bibliotecas particulares, do levantamento das leituras que faziam e das marcas de anotações que deixaram nos livros.

Os historiadores da educação têm examinado as diferentes maneiras como se dá a inserção de homens e mulheres no mundo da escrita e do universo da leitura. Lopes e Galvão (2005) dizem que tão importante quanto o estudo dos leitores e dos modos de ler para reconstruir as apropriações da leitura, é a investigação dos diversos usos que dela eram feitos nas diferentes sociedades e em épocas diversas. Para os historiadores da educação interessa, sobretudo, investigar as modalidades escolares de uso da leitura e da escrita, através de seus diferentes veículos.

A história da família é um dos domínios mais pesquisados e que exigem esforços para realizar grandes sínteses, como a história dos pais e das mães ou da paternidade e da maternidade. Estudos sobre história da gravidez, do nascimento, da amamentação, da mortalidade infantil, do abandono de crianças, da escolarização, do trabalho dos meninos e meninas em instituições como fábricas, asilos, creches e escolas maternas têm sido mais privilegiados. Alguns autores chegam a denominar as crianças de os grandes mudos da história. Estudos sobre os jovens (e das jovens) têm mostrado relevância na busca de soluções dos principais conflitos da trajetória histórica dos processos educativos e escolarização. As mulheres também são um frutífero campo de pesquisa da história da educação, pois por toda

história da humanidade foram elas as mais discriminadas da produção historiográfica. Então, investigar o movimento feminista, principalmente a emancipação intelectual das mulheres, têm sido de enorme deleite e relevância social para os historiadores (as) da educação na contemporaneidade.

Lopes e Galvão (2005) afirmam que a matéria-prima para o historiador reconstruir os rastros deixados outrora são as fontes. O avanço teórico-metodológico ampliou os horizontes da pesquisa histórico-educacional, mas subordinou o pesquisar a um grande desafio que é saber trabalhar com a imensidão de fontes silenciosas no contexto educacional. As autoras advertem que o trabalho com as fontes exige, antes de tudo, paciência. Cada fonte, cada documento, tem um valor relativo estabelecido a partir da possibilidade de coerência com os outros, conforme o trabalho a que é submetido, e das relações que o pesquisador consegue estabelecer com informações trazidas por outros estudos sobre o tema, sobre a metodologia e teoria da história. O cruzamento e confronto das fontes poderão também ajudar no controle da subjetividade do pesquisador. Para este é indispensável dar inteligibilidade ao material de que se dispõe e uma das ferramentas mais importantes para que isso ocorra é o necessário estabelecimento de categorias. Nesse sentido, as autoras expõem que um dos desafios dos historiadores é quebrar, aos olhos do leitor, a impressão de que a história narrada é coerente e isenta de contradições.

O historiador Le Goff (2003, p. 536) diz que “[...] o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder”. Deste modo, os vestígios deixados tornam-se representação de uma temporalidade que não existe mais. No entanto, o historiador não é um fabulista redigindo fábulas, e impõe-se a reflexão. As anedotas têm de ceder espaço ao discurso científico e à argumentação pautada por critérios de veracidade e plausibilidade, ou seja, “no limite, não existe um documento-verdade, todo documento é mentira, cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo” (LE GOFF, 2003, p. 538).

O trabalho com o arquivo constitui, assim, um jogo de aproximações e oposições entre o acidental e o singular, o único e coletivo, o sentido e a verdade, as formas de expressão popular e a linguagem do historiador. A tensão se organiza entre a paixão de recolher por inteiro o arquivo, de oferecê-lo integralmente à leitura, de jogar com seu conteúdo ilimitado, e a razão, que exige que seja habilmente questionado para adquirir sentido. É entre paixão e razão que se decide escrever a representação da memória através da história escrita. Afinal, não existe história simples, nem mesmo história tranquila. E, se o arquivo serve realmente de observatório social, só o faz através da desordem de informações

aos pedaços, do quebra-cabeça imperfeitamente reconstituído de acontecimentos obscuros, forjando perguntas a partir de silêncios e balbucios.

As sociedades humanas, ao longo do tempo, produziram cultura, cabendo à história registrá-la ou como permanências ou como modificações. Ao historiador cabe a tarefa de interpretar os fatos acontecidos, analisando o que foi deixado pelas sociedades, investigando e sistematizando os acontecimentos, sem olvidar a localização das mudanças e transformações em cada sociedade, em um dado momento. No entanto, o historiador não fica preso ao passado e às suas interpretações, que geralmente são resultados do seu tempo. Nenhum relato histórico é descomprometido das teorias escolhidas pelo historiador, já que cada qual possui uma concepção de mundo. Dessa forma, nem sempre o que é historiografado constitui uma verdade absoluta. O que é construído pelo historiador será cabível de reavaliações, sendo, portanto, a história uma ciência em contínua construção.

Vários estilos configuraram a forma de se escrever a história. Desse modo, por algum tempo, predominou a concepção positivista na tarefa historiográfica, baseando-se na sucessão dos fatos, na exaltação dos heróis, nos grandes feitos. Estudava-se o que era conveniente para se manter a ordem, cultivando a crença no documento oficial como uma única maneira de a história ser construída como uma verdade absoluta. A concepção marxista enfatizava as lutas de classes, afirmando-se se dar a partir delas o movimento de toda a história de cada sociedade humana através do tempo.

No século XX, surgiu a Revista *Anales*, que teve como ponto de partida as interpretações de Lucien Febvre e Marc Bloch, que propunham a passagem da história-narração para a história-problema. As tendências mais recentes, chamadas de História Cultural, História das Mentalidades, também conhecidas como a História Nova, enfatizam o total relativismo da história em busca de uma história total. A compreensão do cotidiano e o processo que o gerou fazem parte das mais novas teorias e discussões, abrindo espaços para vários aprofundamentos.

História Cultural possibilita uma síntese melhor da compreensão histórica através do cotidiano. Convém observar que não existe algo tão inserido, seja individualmente ou coletivamente à cultura quanto, a educação que se destaca como fato histórico existente em toda época e em qualquer sociedade, segundo Brandão (1994, p. 09) “[...] existe a educação de cada categoria de sujeitos de um povo, ela existe em cada povo, ou entre povos que se encontram”.

A educação é um componente fundamental da cultura dos povos e sofre modificações conforme as necessidades e aspirações de cada povo. Deste modo, a educação

[...] tem sua história que é a história da mudança e do desenvolvimento que a educação tem experimentado através do tempo e dos diversos povos e épocas. Por outro lado, como a educação é parte da cultura e esta também está condicionada historicamente, variando segundo as características dos povos e das épocas, a história da educação é também parte da história da cultura e estuda suas relações com a ação educativa (LUZURIAGA, 1990, p.02).

Estudar e historiografar a educação tendo como referencial de análise a Nova História Cultural nem sempre é possível somente a partir dos documentos oficiais, sendo extremamente importantes as fontes orais e as memórias, como mostra Nunes (2003, p.15), “[...] as escolas são celeiros de memórias, espaços nos quais se tece parte da memória social”. Através da palavra de alunos e professores é que também se pode conhecer a história da sociedade que a gerou, uma vez que a educação não é um fenômeno neutro e está diretamente ligada ao social.

O recorte da nossa pesquisa a princípio demonstra-se longo, mas se tratando das experiências educativas territoriais torna-se curto. O fio condutor que permitiu-nos hierarquizar e estruturar esse enredo da escolarização jaicoense foram as permanências da transmissão da cultura letrada entre religiosos e indígenas na Colônia, a institucionalização do ensino público e particular no Império e República e, por fim, o ensino comunitário da CNEC.

CAPÍTULO II

JAICÓS, DOS PRIMÓRDIOS À “CIDADE DO GALO”²

*Para mim Jaicós,
eras e continuarás sendo
a velha cidade sem pressa,
mal disfarçando,
sob a aparência juvenil dos telhados brancos,
a velhice cicatrizada nas calçadas.*

[...]

*Por muito tempo,
os sussurros domésticos das tuas feiras,
as discretas alvoradas festivas
de tua banda-de-música
e o badalar dolente dos sinos da tua Matriz
não feriram os tímpanos do mundo.*

*Por muito tempo,
o mundo deixou-te em paz,
invulnerada em tua identidade,
nos teus costumes típicos,
na tua vida mansa, sem pressa.*

(Donato Ângelo Leal, 1983)³

2.1 Aldeamento e Povoação de Nossa Senhora das Mercês: proteção ou devassamento?

O Império Português, na época moderna do século XVI, através da sua ação administrativa no Piauí colonial, lançou as bases do processo de ocupação do solo piauiense.

Para os estudos sobre as monarquias ibéricas em suas múltiplas interseções com os vastos domínios que comandaram, a centralidade do campo da política, ou das formas como os reinos metropolitanos conduziram, ou tentaram conduzir, a gestão de suas conquistas, há muito se ultrapassou a simplista, e hoje talvez ingênua, dicotomia metrópole-colônia. A reunião de extensos e dispersos espaços territoriais, os tipos de dominação empreendidos ao longo de três séculos, os diversificados sistemas culturais e

² A cidade de Jaicós também é conhecida na região pelo nome de “cidade do galo” porque desde da construção da matriz de Nossa Senhora das Mercês possui um adorno de um Galo colocado na torre esquerda da igreja.

³ Nasceu na localidade Caiçara que atualmente faz parte do município de Campo Grande do Piauí que foi desmembrado do município de Jaicós-PI, em 1994. Exerceu o cargo de Juiz de Direito, aposentou-se da magistratura e depois atuou como brilhante advogado na capital cearense.

religiosos encontrados nos espaços conquistados, e a maior ou menor possibilidade de impor um modelo de governo a regiões tão heterogêneas vêm exigindo investigações cada vez mais voltadas para os estudos de caso e para variadas conjunturas que, na longa duração, passaram a compor a história européia da expansão marítima à crise do regime monárquico moderno. (HERMANN, 2009, p. 10).

No primeiro momento, foram os padres da Companhia de Jesus responsáveis pela evangelização e catequização dos “gentios”⁴. Melo (1991, p. 09), diz que “[...] os Pe. Francisco Pinto e o Pe. Luis Figueira foram os primeiros Jesuítas a pisarem no solo piauiense, e a efusão do sangue de um e a caridade extrema de ambos se constituem a mais preciosa relíquia de nossa Igreja”. Assim, decorrido, inicialmente, o fracasso dessa primeira missão no ano de 1607, possibilitou-se abrir não só as primeiras capelas, mas as primeiras trilhas no norte do Piauí.

Com as mesmas intenções dessa tentativa missionária vieram outras, por exemplo, a missão de S. Francisco Xavier, em 1656. Devido ao contato constante entre missionários e povos indígenas e da “boa notícia” da paz foram criados os primeiros aldeamentos e se organizassem as mais diferentes relações de trabalho. Ao passo que, no Centro-Sul da Província, o Pe. Felipe Burel e Pe. Miguel de Carvalho, em 1697, já haviam percorrido essa região realizando seu trabalho de difusão da fé católica, pois nesse território localizava-se “a sesmária concedida a Julião Afonso Serra, em 1676, o qual estabeleceu ali um arraial de índios domesticados para a defesa de suas fazendas e lavouras, [...] a mais importante delas conhecida por Cabrobó” (BASTOS, 1994, p. 401).

Conforme Oliveira (2005), em 13 de junho de 1714, o aldeamento de Nossa Senhora das Mercês conseguiu se instalar definitivamente quando Bernardo de Carvalho e Aguiar, Mestre de Campo, solicitou ao Coronel Antônio Borges Leal Marim, rico pernambucano (de origem portuguesa) com muitas terras no Piauí, através de uma carta para ele pedindo-lhe que o ajudasse a “não só aldear os índios já dispersos, mas ainda que aceitasse o arraial em suas terras”. Após uma difícil marcha de seis meses, se conseguiu que voltassem ao Piauí pouco mais de uma centena de Jaicós que foram aldeados nas melhores terras do centro-sul piauiense.

A primeira capela de Nossa Senhora das Mercês foi concluída em 05 de março de 1723, que passou a ser visitada regularmente pelo seu pároco. Com o afastamento de

⁴ Selvícola, o mesmo que “gentio da terra”, habitante do território brasileiro, encontrado pelos colonizadores que aqui chegaram durante a época das grandes navegações. Possuidores de cultura e vida distintas em relação aos portugueses. Espalhavam-se por todo o litoral e interior desse imenso território.

Bernardo de Carvalho da direção militar daquela porção da Capitania, a aldeia e Missão entrariam em decadência.

Pela existência da imagem de Nossa Senhora das Mercês do século XVIII, FIG. 01, esculpida em madeira, no estilo barroco, que se encontra guardada na Casa Paroquial da cidade, em Jaicós-PI, podemos elucidar a presença dos jesuítas no território piauiense, provavelmente trazida pôr eles, que pela tradição catequizaram e evangelizaram os índios Jaicós até que eles fossem expulsos do território brasileiro pelo Marquês de Pombal, em 1759.



FIGURA 01 – Imagem de Nossa Senhora das Mercês – Jaicós (PI). Século XVIII.
Fonte: Arquivo Particular Francisco das Chagas Cruz

No segundo momento, ainda quanto à povoação das terras piauienses, chegaram os desbravadores⁵ do sertão Nordestino, que fomentaram as terras pelas quais passaram, com a

⁵ Segundo, Cláudio de Albuquerque Basto (1994), no Dicionário Histórico e Geográfico do Estado do Piauí. O sertanista Domingos Afonso, o Mafrense – também chamado Domingos Afonso Sertão –, veio para o Brasil por volta de 1670. Rico fazendeiro e possuidor de grande extensão de terras no Piauí, por ele explorada a partir de 1674. A mais importante de suas fazendas foi a Cabrobó, que deu origem a Oeiras. Se não foi o descobridor do Centro-Sul do Piauí, há de ser considerado como o seu verdadeiro colonizador e povoador. Residia na fazenda Sobrado, à margem esquerda do rio São Francisco, 40 léguas ao Sul de Juazeiro (BA). Com seu irmão Julião e auxiliados por Francisco Dias d'Ávila e Bernardo Pereira Gago, após percorrerem 30 ou 40 léguas do sertão, atingiram o território do Piauí, aí entrando pelas cabeceiras do rio Piauí, estabelecendo as primeiras fazendas de gado, com animais trazidos das margens do rio São Francisco. Atravessou a serra da Tabatinga e desceu na contra-encosta pelos vales do Piauí e do Canindé, onde fundou as fazendas de gado que, mais tarde, seriam conhecidas por “fazendas do fisco”, “fazendas nacionais” ou “fazendas estaduais”, nos atuais municípios de Oeiras, Picos, Jaicós e Simplicio Mendes.

instalação das fazendas para criação de gado vacum, onde se alicerçou uma zona pecuarista, produto de um clã senhoril e de seu subproduto político: o mandonismo rural. “Devagarinho, manadas baianas, imensas e silenciosas, percorreram léguas e léguas do território brasileiro, espalhando-se entre a região do São Francisco e daí ao Piauí, a Goiás e Mato Grosso” (DEL PRIORE, 2001, p. 92).

Nesse meio físico os primeiros povoadores estabeleceram currais, os currais de dentro por formarem um arco, a partir do São Francisco até o encontro do Parnaíba com o mar. Distinguiam-se dos currais de fora que partiam de Pernambuco, e com outro arco, mais próximo do litoral, subiam pela Paraíba. Rio Grande do Norte, até encontrarem no Ceará com os currais de dentro. Nesta fase inicial, o Piauí era o “sertão”, de território pertencente para à Bahia, parte a Pernambuco e parte ao Maranhão. O Piauí divide-se assim por três pólos de atração: o do mar (representado pelo Maranhão), a da Bahia, de influência no sul do Piauí e a força do centro, onde, nas chapadas, os primeiros povoadores se estabeleceram. Muitas vezes essas forças geográficas contrárias dominam os destinos da Capitania e da Província. A unidade, o desenvolvimento demográfico, o crescimento das vilas e cidades se verificarão ora atraídos por um pólo, ora por outro. (KNOX, 1986, p. 12).

Segundo Knox (1986), ao longo de sua pesquisa sobre o “Piauí na primeira metade do século XIX”, a topografia física do “sertão de dentro” foi uma das “forças”, entre outras, que em sua morfologia natural contribui para o surgimento dos primeiros núcleos urbanos. Dessa forma, os caminhos naturais produziram mais do que as primeiras povoações, como, também, as principais rotas comerciais do território nordestino e da região Norte do Brasil. O território que o Piauí ocupa nos dias atuais, ficava localizado em um ponto estratégico que ligava as principais regiões administrativas da Coroa Portuguesa.

Uma das figuras emblemáticas para a conquista do sertão foi o rico português Garcia d’Ávila, que, tendo recebido terras de pasto nos campos de Itapoá, do governador Tomé de Sousa, logo as estendeu até a enseada de Tatuapara, onde ergueu uma construção com traços medievais: a Casa da Torre. Em pouco tempo, tornou-se um dos mais ricos homens da Bahia. Dele dizia-se ter “tanto gado que não lhe sabe o número, e só do bravo e perdido sustentou as armadas Del-Rei”. (DEL PRIORE, 2001, p. 92).

O repovoamento do território do “sertão de rodela”, que originou a primeira Capital do Piauí, consolidava-se como uma importante região de fazendeiros onde se desenvolviam outras atividades econômicas que foram necessárias à sustentação do desenvolvimento social e político do período colonial.

A imensidão das fazendas de gado do Nordeste já tinha chamado atenção do jesuíta Antonil por se estenderem de Olinda à freguesia de Nossa Senhora da Vitória, no “sertão do Piaghuy”. A origem do atual município de Oeiras foi de apenas uma única fazenda, denominada Cabrobó, fundada por sesmeiros de Garcia d’Ávila. O antigo núcleo da fazenda, seus casarões, currais e casas de moradores e agregados geraram a cidade da Mocha, nome do riacho que banha a área. Na região, casas de barro cobertas de palha, currais de pedra ou madeira, pequenas roças de mandioca, feijão e milho funcionavam como âncora para o gado que se criava solto. Pastagens sem limites funcionavam como campos de engorda, onde o vaqueiro só pisava para buscar bezerros novos e fazer nova choupana. Fazendas grandes agregavam tenda de ferreiro e carpinteiro, cercados para separação de reses, reservas de pasto e lavouras de subsistência. (DEL PRIORE, 2001, p. 93-94).

Carvalho (1993) no seu minucioso documento sobre a “Descrição do Sertão do Piauí⁶”, datado de 1767, deixou valiosas informações sobre o processo de povoamento do território piauiense, as quais nos permitem reconstruir não só uma topografia da região, mas a possibilidade de compreendermos muitos outros aspectos dessa população aqui fixada, por exemplo: índios domesticados e escravos em que ambos serviam aos seus proprietários. É possível verificar que ainda não havia uma criação intensiva do rebanho, mas já estava se construindo um arcabouço de que seria uma das regiões mais importantes para a criação intensiva dos rebanhos bovinos e, principalmente, das relações de dominação e usurpação dos sertanejos frente aos indígenas.

No começo do século XVIII foi rápido o povoamento nas proximidades da Mocha. Os novos sesmeiros e vaqueiros não tiveram a prudência necessária no trato com o selvícola. A necessidade do braço humano para o trabalho e a ganância pelas melhores terras levou o branco a tomar um por um todos os lugares férteis e de abundantes águas, deixando sem nada seus indefesos proprietários que, pela força eram escravizados e humilhados também pelo brutal gesto de verem maculada a honra de suas famílias. Isto gerou, por parte dos Jaicós o ódio ao branco que, a partir de então se tornaram hostis, reagindo uns com a arma da vingança traiçoeira, outros com a fuga, se embrenhando pelas matas do Parnaguá e sul maranhense. (MELO, 1991, p. 120).

Segundo Baptista (1994, p. 89), o primeiro contato dos índios Jaicós com o homem branco ocorreu no ano de 1674, nas proximidades do rio Gurguéia. Na tabela a seguir é

⁶ Pe. Miguel de Carvalho, sacerdote português, servindo na Diocese de Pernambuco, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Cabrobó, percorreu as fazendas do extremo sul piauiense no ano de 1694. Momento este em que ele fez um levantamento das fazendas instaladas aqui no Piauí e, também, produziu importantes dados sobre a população.

possível compreender a trajetória desta população indígena que desapareceu completamente dos registros históricos.

QUADRO 01
Cronologia dos Índios Jaicós

Ano	Descrição
1674	Está no Gurguéia, com a COARATIZ.
1697	Está nas margens do Canindé.
1714	Revolta com fazendeiros, prepara-se para a luta. Reúne 400 guerreiros e é combatida por Carvalho e Aguiar. Perde 85 deles antes de se render.
1731	Seu principal e Antônio de Sousa
1760	É seu principal Ambrósio de Sousa. Está aldeada no local Cajueiro. Com o falecimento de A. Sousa, seu principal passa a ser Sousa Pinto.
1761	Seu aldeamento conta 355 índios.
1762	Consegue escolar para os índios pequenos.
1767	Está no Cajueiro com 28 fogos.
1770	É criada a missão do Cajueiro onde reside novo diretor. Forma uma tropa para ajudar os Rego conta a nação ACROÁ. Vilela é substituído por João Ribeiro.
1773	O principal passa a ser Floriano Cardoso.
1774	Barros Rocha é seu novo diretor.
1778	Massaroni tenta ensinar a cultura da cochonilha a seus índios. Sousa Brito passa a ser o principal da missão.
1790	Ataca a PIMENTEIRA, junto com a GUEGUÊS. Oito de seus índios estão na tropa de Miranda.
1799	Seus índios abandonam a aldeia e vivem dispersos.
1811	Luta em Amarante e não aceita o cativoiro.
1857	Ainda existe.

Fonte: BAPTISTA, João Gabriel, 1994, p. 26.

A origem dos índios Jaicó, conforme o Quadro 01, cujo nome também é encontrado com as grafias Jeicó, Jaikó e Geicó, foram localizados por Martius em Juazeiro, Bahia, tendo parentesco linguístico com os Acoroá (SPIX; MARTIUS, 1968, p. 275). As primeiras reclamações sobre o comportamento dos índios Jaicós apareceram “[...] no ano de 1711, em uma propriedade da família Rocha Pita, na ribeira do Canindé, ou seja, os fazendeiros mataram barbaramente quatro Jaicós, rebelando vivamente aqueles gentios que, desesperados, não mais deixaram em paz fazendas e fazendeiros, causando-lhes imensos prejuízos” (OLIVEIRA, 2007, p. 89).

Os missionários religiosos criam uma estratégia para livrarem os povos “gentios” da exploração dos colonizadores que foi a instalação de novas reduções indígenas longe do litoral, que de início seguiram o curso do Rio São Francisco, entrando pelo o sertão dos atuais

estados de Sergipe, Alagoas, Pernambuco e Bahia. Segundo Rezende (1976), para essa região do sertão “[...] vieram jesuítas, capuchinos, franciscanos e os oratorianos, todos procurando aldear e evangelizar os índios” (REZENDE, 1981, p. 26).

Entrando pelos sertões, os missionários foram fundando novos aldeamentos em Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte e Ceará. “No Piauí ocuparam a região Centro-Sul, em especial Oeiras, São Gonçalo e a região dos rios Canindé e Itaim. Estiveram os índios Jaicós aldeados no aldeamento Nossa Senhora das Mercês” (MIRANDA, 2004, p. 26).

Depois da demarcação do local da instalação dos aldeamentos e agrupados no mesmo espaço territorial, dava-se início a sagrada missão de catequização. A missão se processava da seguinte maneira:

[...] a política básica dos jesuítas foi a mesma em todo o Nordeste. Opondo-se à escravidão do gentio, eles realizavam um programa de catequização nos pequenos povoados ou aldeias, onde tanto os grupos tribais locais quanto os índios trazidos do sertão pudessem receber instrução e orientação espiritual. Os índios eram educados para viver como cristãos, conceito que incluía não só a moralidade, mas também os hábitos de trabalho dos europeus. Como os jesuítas concordavam com os colonos quanto aos barbarismos da cultura indígena, pouco se fez para adaptar ou preservar o modo de vida dos nativos. Os padres usavam da cultura tupi que pudessem facilitar a conversão, [...] Nos limites do possível, instituiu-se nas aldeias uma vida religiosa plenamente católica. Os nativos aceitavam a nova fé seletivamente. As irmandades de leigos e certas festas religiosas com Domingo de Ramos foram prontamente aceitas, ou pelo menos é o que depreende dos relatos, às vezes idílicos, deixados pelos jesuítas. Para os índios, contudo, a aculturação forçada das aldeias era simplesmente o menor de dois males. (SCHWARTZ, 1988, p. 49).

Ao longo dos séculos, repete-se como devem ser e o que deveriam fazer para concretização da missão evangelizadora nos aldeamentos e se fazia, especialmente, em três propósitos:

A **doutrinação**, tratava-se de ensinar a doutrina do catecismo aos índios e fazê-los aprender as orações e o modo de fazer isso era repetir muitas vezes as palavras até os índios aprenderem de memória e serem capazes de responder corretamente às perguntas e dizer as orações, o importante era saberem repetir certo as palavras, mesmo que não compreendessem o que diziam; a **moralização**, significava fazer os índios aprenderem a viver à maneira dos portugueses e conforme com a moral cristã, onde deveriam andar vestidos, reorganizar as famílias com uma mulher só, e aprender a trabalhar como os brancos, e a respeitar a propriedade particular, que era coisa que os

índios não conheciam; **a sacramentalização**, preparar os índios para o batismo, o mais depressa possível e ensiná-los a frequentar os sacramentos, casarem-se religiosamente, assistir à missa, e, só nos casos de índios já completamente “civilizados”, receber a eucaristia. (REZENDE, 1981, p. 41).

O processo de aculturação e interação dos nativos seguiu-se em ritmo e intensidade dos elementos materiais e intelectuais da cultura imposta pelos portugueses. A religião, precisamente, era um dos meios mais eficientes de aculturação.

O primeiro sinal superficial de aculturação era a doação de um nome português. Os inventários de 1572-4 relacionavam muitos indígenas que ainda usavam exclusivamente seus nomes nativos, apesar da tendência dos portugueses de atribuir-lhes nomes que pudessem reconhecer e pronunciar sem dificuldade. [...] a atribuição de nomes portugueses, seu reconhecimento e, por fim, sua aceitação constituíam-se em passos na direção da integração à comunidade do engenho. Quando possível, o processo era formalizado pelo batismo dos ex-pagãos. A adoção de novos nomes fora um aspecto importante na vida dos tupis, marcando mudanças no *status* social. Os nativos compreendiam facilmente a importância e o significado da cerimônia batismal e a relação entre um novo nome e um novo *status*. (SCHWARTZ, 1988, p. 64).

Oliveira (2007), na pesquisa acerca do “Povoamento Colonial do Sudeste do Piauí: indígenas e colonizadores, conflitos e resistências”, cita o aldeamento de Nossa Senhora das Mercês entre os mais antigos da província, pois foi “[...] fundado em 1714, no lugar chamado de Cajueiro (lembrando que esses povos se rebelaram, mas foram novamente aldeados em 1731, aldeamento que deu origem à cidade de Jaicós)” (OLIVEIRA, 2007, p. 40). Em 1759, já vigorando o Diretório dos índios, de 1758, existia no Piauí apenas o aldeamento de Nossa Senhora das Mercês, localizado no lugar Cajueiro, 1731, onde estavam agrupados os índios Jaicós.

De acordo com Ferreira (1959, p. 507), “no início da povoação, o local era conhecido como Cajueiro. Remonta a 1731 a criação da aldeia e, em 1762, já era habitada por uma população de 354 índios domésticos, contando-se 28 moradias no povoado”. Por essa época, era a aldeia governada por um “Diretor Principal”, chamado Valetim de Sousa Pinto, que fora nomeado por Portaria de 3 de novembro de 1760, do então governador da província, João Pereira Caldas, em substituição a Ambrosio de Sousa, que falecera. Em 1767, o mesmo governador da Província, ordenou a criação de duas escolas na povoação dos Jaicós, uma para os índios e outra para as índias com professores próprios. Em cartas dirigidas ao diretor da

aldeia dos índios Jaicós havia informações de que a remuneração aos professores da povoação tinha que ser feita da seguinte forma:

Nas povoações de índios da capitania [...], se estabeleceu pagar-se aos mestres das escolas das mesmas povoações com um alqueire de farinha por ano, por cada um dos rapazes ou raparigas que se ensinassem nas ditas escolas; porém, com a limitação, de que nunca dariam mais de dois alqueires os pais, que mais de dois filhos trouxessem nas referidas escolas. E porque este sistema é o mesmo que se deve praticar à que nesse lugar mandei constituir, o declaro assim a Vossa Mercê para nesta conformidade o faça observar; e para que também fique certo, em que o sobredito pagamento se poderá satisfazer em outros quaisquer gêneros comestíveis, reduzidos à quantidade que, pelo seu competente preço, corresponder ao da farinha em que fica regulado o dito pagamento; porque haverá ocasião em que não tendo os índios um gênero, lhe seja mais fácil pagarem em outro aquela satisfação, e porque também aos mestres não deixará se ser assim igualmente útil e conveniente. E o papel, que para a escola se precisar, o vará Vossa Mercê prevenir pelo produto do negócio do comum a mesma povoação. (COSTA, 1974, p. 170).

Desse modo, a catequese nos aldeamentos, pós-expulsão dos padres jesuítas do território brasileiro, cumpria sua finalidade primordial: a adaptação do gentio ao trabalho e ao convívio social. Nesse meio-tempo, “os aldeamentos de povos indígenas exerciam atividades diversas. Aprendiam a praticar a agricultura, desenvolviam atividades domésticas e, principalmente, eram utilizados como soldados nas expedições posteriores”. (OLIVEIRA, 2007, p. 42).

Uma política implícita, porém comum, durante todo o período colonial foi o deslocamento inter-regional forçado de indígenas. Primeiro, permitiu aos europeus aproveitarem a habilidade militar de seus aliados nativos, usando-os contra os povos ainda não submetidos ao jugo português. Segundo, afastava povos potencialmente perigosos de seu ambiente nativo e colocava-os em um meio estranho, onde seriam menos ameaçadores. Finalmente, os portugueses empregavam os índios em atividades com as quais já estavam familiarizados. (SCHWARTZ, 1988, p. 52-53).

Para o historiador Machado (2002, p. 31), a finalidade dos aldeamentos era o de “[...] garantir a consecução do processo de aculturação dos indígenas, para torná-los submissos às normas de comportamento impostas pelos missionários jesuítas e pelos militares”. Depois de aldeados, batizados e registrados com nomes cristãos – eram utilizados como “[...] força de trabalho e submetidos a um regime de trabalho escravista, e para seus adestramentos, a fim de integrarem aos esquadrões organizados pelo Estado Português”. (MACHADO, 2002, p. 32).

A documentação do Arquivo Público do Piauí faz referência a alguns Jaicós, em 1771, voltando ao aldeamento no Piauí, depois deles ficarem durante algum tempo espalhados pelo São Francisco. Em 1774, o governo da Capitania do Piauí, Lourenço Gonçalo Botelho de Castro, em carta para o governador do Grão-Pará e Maranhão, refere-se aos índios Jaicós da seguinte maneira: “[...] vão continuando sem remédio no seu antigo viver vadiando e furtando.” (CARVALHO, 2002, p. 5).

Os índios Jaicós conheciam como ninguém os áridos solos do sertão, costumavam percorrer caminhos e lugares em que era difícil a locomoção, onde geralmente havia escassez de água e de alimentos e, por esse motivo, foram usados como soldados nas expedições contra outros povos indígenas. Na entrada de 1779, do efetivo de cento e trinta e dois soldados, noventa e quatro deles eram índios retirados dos aldeamentos: doze Jaicó; trinta e sete Acoroá; e quarenta e cinco Gueguê. “Na Capitania do Piauí, os pedidos eram feitos aos diretores dos aldeamentos, sendo que todos os índios solicitados já tinham nomes cristãos.” (OLIVEIRA, 2007, p. 124).

No Diário do tenente-coronel, Antônio do Rego Castelo Branco, sobre a entrada de 1776 onde tem começo a guerra contra os índios Pimenteiras, para qual marchou neste dia, da cidade de Oeiras, uma forte expedição militar composta de militares colonos e índios recrutados nos principais aldeamentos da Província. Em que “[...] estes índios Jaicós tem merecido nesta conquista o nome dos melhores soldados dela, pela verdade, valor e diligência, acompanhado tudo de boa vontade com que no pouco, e no muito os havemos experimento.” (OLIVEIRA, 2007, p. 134).

Assim, em todas as bandeiras contra os Pimenteiras, percebe-se a presença de índios Jaicós. Na tropa de 1779, segundo o documento⁷ antes referido, ficaram “[...] três índios Jaicós na fazenda Conceição, para permanecerem fazendo escoltas na região, com quarenta soldados e suas armas e todos os petrechos e botica para continuarem a guerra, como assim queria o governador” (OLIVEIRA, 2007, p. 123). Na campanha de 1779, “[...] os índios Jaicós foram considerados os melhores soldados da expedição militar, sempre bons e fiéis, pois eles abriam picadas para que as tropas passassem e demonstravam que conheciam as melhores trilhas.” (OLIVEIRA, 2007, p. 125).

Começou, então, o episódio mais cruel e sangrento que encerraria, em solo piauiense, a Guerra dos Bárbaros, que na visão do colonizador tratava-se de uma “guerra justa”. Este conceito, baseado no direito de guerra medieval, já fora adotado pelos portugueses antes da

⁷ Diário que narra a guerra contra os índios Pimenteiras, feito pelo tenente-coronel Antonio do Rego Castelo Branco. Lagoa da Tabuleiro, 30 de junho de 1779. IHGB, Coleção Instituto Histórico, lata 222, pasta 27.

chegada na América, na época das lutas contra os mulçumanos. No caso brasileiro, o que justificou essa interpretação foi a hostilidade de alguns índios, que reagiam com violência ao avanço da colonização. Seus levantes eram considerados atos de selvageria, demonstrando sua natureza belicosa. Uma vez decretada a guerra justa, os colonos passavam a ter o direito de empreender a luta armada contra todas as nações indígenas que se recusassem à conversão, impedissem a propagação da fé católica ou quebrassem pactos de paz feitos com os portugueses.

Assim, o poema “*El Matador*” do escritor e poeta piauiense, H. Dobal (1992 apud LIMA, 2003, p. 134-135), reconstrói a representação deste sangrento episódio do extermínio das últimas nações indígenas do Piauí:

1776 - Agosto, 1^a – tem começo a guerra contra os índios Pimenteiras, para a qual marchou neste dia, da cidade Oeiras, uma forte expedição militar sob o comando do tenente-coronel João do Rêgo Castelo Branco

De sangue e de fogo
se faz um nome.
No sangue e no fogo
se desfaz a história
de muitas vidas.

A sangue e fogo
a ferro e fogo
um homem liquida
seus semelhantes.

[...] foram presos uns e postos em pedaços outros,
trazendo-se as orelhas que se pregaram nos lugares
públicos da aldeia.

No sangue
a crueldade desnecessária
No sangue
a violência contra os desarmados.

[...] manda logo o tenente-coronel o seu filho Felix do
Rego e alguns agregados atrás dos Guegueses...”...
mataram parte delles e levaram as cabeças que poseram
em matros na aldeia de S. Gonçalo para o tempo as
consumir.

Ao preço de tantas vidas
sua vida se perde
do consumo do tempo.

Não matador de touros
toureador da morte
vencedor dos verões.
Matador de índios.
Sua glória triste
pesa sobre nós.

Sobre a sua memória
 pesa a morte inglória
 das nações tapuias.

[...] e alcançando sucessivamente as malocas dos
 Tapuyas, os vão passando todos a ferro.

Tenente-coronel dos auxiliares
 João do Rego Castello Branco
 Chefe da tropa
 Senhor dos trabalhos
 castigos e desgostos,
 matador de índios.

No anno de 1780 vendo-se o tenente-coronel João do
 Rego na missão de S. Gonçalo com menos índios do que
 desejava para mandar em seu serviço.

Sem firmeza
 nos ajustes de paz.
 Firme na guerra
 a todos os índios.
 Rápido na guerra
 lança os proclamas
 as derramas
 de gente
 farinha
 cavalos e bois.

O coronel João do Rego, apesar de velho e quasi cego,
 tomou a cargo a conquista; porque apesar de alquebrado
 de forças não tinha perdido a mania de querer achar o el-
 doirado.

Índios e ouro
 seu sonho execrando.
 A lagoa dourada
 O rio do Sono:
 se resolve em sangue
 a sede de ouro.

Os corpos no campo
 para o pasto das feras.
 Passados à espada.

Acoroazes
 Pimenteiras
 Guegueses

raça extinta
 lembrança extinta
 nomes nações
 apagados
 no próprio sangue.

Matador de índios.
 A fama de seu nome
 a fúria de seu nome
 Sua memória em sangue
 se repete.

Contudo, ainda levaria algum tempo, mas os rumos da guerra estavam definidos. Depois de uma das mais prolongadas resistências dos índios Pimenteiras no período colonial, esses povos foram completamente exterminados, seja pela morte durante o conflito, seja pela escravidão ou pela completa transformação dos Pimenteiras em caboclos. O que restaram foram paulatinamente migrando para a Região Norte do Brasil.

Dessa forma: “[...] para os soldados da guerra justa, o demônio foi derrota, mas o inferno eram os outros” (ARAÚJO, 2007, p. 98). “Rendamos, pois, sincera homenagem à bravura inexcedível dos nossos índios, interessando-nos mais vivamente pela sua história, que é o princípio de nossa história.” (CHAVES, 1998, p. 145). “A alimentação dos soldados era frugal, tendo como base somente carne de gado e farinha, levadas na expedição. Às vezes, eles também caçavam e coletavam mel [...] para complementar o cardápio” (OLIVEIRA, 2007, p. 125). Saibamos, ainda mais, como fizera o tenente-coronel João do Rêgo Castelo Branco e sua tropa que saborearam não só dos conhecimentos daqueles indígenas, mas das diversas técnicas de sobrevivência que dominavam.

2.2 Freguesia de Nossa Senhora das Mercês, prosperidade e “corredor de migração” no Centro-Sul

Após todo o período de ocupação territorial, principalmente, das diversas fazendas instaladas na região do centro-sul do Piauí, a Freguesia de Nossa Senhora das Mercês surgiu em um espaço rural de poucas transformações e de lentas inovações, por exemplo: a substituição do trabalho forçado indígena pela escravidão dos negros africanos, uma sociedade agrícola latifundiária pautada na exploração e na policultura das pequenas propriedades rurais. Inicialmente o lugar foi chamado de Cajueiro, onde tinha uma redução jesuítica, no século XVIII, denominado de Nossa Senhora das Mercês. Em 1766 recomendava o governador da província João Pereira Caldas ao diretor da aldeia que “[...] a seu tempo levantassem as casas necessárias e, sem demora, a Igreja em termos decentes ao santo ministério, e que os índios não faltassem à missa e tivessem todo respeito ao seu pároco” (COSTA, 1974, p. 167).

Por solicitação de seus moradores, a freguesia de Nossa Senhora das Mercês foi criada pela provisão régia de 25 de setembro de 1801, mas sua instalação ocorreu somente em 12 de setembro de 1805, no momento em que o “Bispo do Maranhão, Dom Luiz de Brito

Homem assina o ato episcopal da criação da freguesia” (FRANCO, 1977, p. 71). O padre Antônio Delfino da Cunha fora nomeado para o cargo eclesiástico de vigário daquela paróquia.

Nessa época a freguesia ficou sob a jurisdição episcopal pernambucana em decorrência da vacância da sede episcopal maranhense. No entanto, “a primeira capela de N. S. das Mercês já existia desde 05 de março de 1723. A igreja matriz, construída entre 1833/6, foi consagrada em 1837 e tem altar-mor em estilo francês do século XVIII”. (BASTOS, 1994, p. 326).

De acordo com Alencastre (2005), a extensão territorial e seus limites geográficos revelaram que a vila era um importante “corredor de migração” para as províncias do Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Bahia.

Tem essa freguesia 40 léguas de comprimento e 20 de largura; é limitada ao Nascente pela freguesia do Assaré no Ceará, e Ouricuri em Pernambuco; ao Sul com freguesia de Santa Maria, comarca de Boa Vista em Pernambuco, e com a de São Raimundo Nonato; ao poente com freguesia de Oeiras; e ao Nordeste com a freguesia de Picos. (ALENCASTRE 2005, p. 153).

Pela abrangência territorial é possível compreender que “[...] este vasto território dos jaiçoenses foi uma das portas de entrada para a exploração da província a qual se distingue das demais províncias nordestinas por ter sido colonizada pelo sertão e não pelo litoral” (COSTA, 1974, p. 171). Neste caso, a serra de Dois Irmãos era a porta principal de acesso à colonização para instalação das primeiras fazendas em solo piauiense.

Segundo Oliveira (2007), à medida que a freguesia representava um centro comercial e um espaço de urbanização em crescimento devido os núcleos familiares residentes em toda aquela região.

Era tal prosperidade atingida pela freguesia em 1830, que uma das três únicas escolas existentes na Província era ali localizada. O fato certo chamou a atenção do governo, pois, além das escolas, ali se praticavam e desenvolviam atividades políticas e sociais, que assinalavam bem uma civilização nascente. O fato aqui afirmado se prova com a formação de uma sociedade abolicionista sic ali ocorrida. A prosperidade atingida pela freguesia foi motivo de que as autoridades provinciais lhe dessem um sentido colonizador mais amplo e maior assistência no campo social, a ponto de, em 1825, restarem apenas alguns vestígios da antiga aldeia de índios, que foi pouco a pouco desaparecendo, conservando-se dos índios apenas o nome e a tradição. Reconhecendo esse progresso, as autoridades provinciais, pelo decreto de 06 de julho de 1832, elevaram Jaicós à categoria de vila e,

consequentemente, criaram o município, com território desmembrado de Oeiras (FRANCO, 1977, p. 72).

Desse modo, a freguesia Nossa Senhora das Mercês se constituiu como uma importante região do sertão piauiense em desenvolvimento populacional devido à sua abrangência geográfica e, em especial, pela formação dos núcleos familiares clássicos que representarão as persistências coloniais do Piauí, ora nas relações de poder do período imperial, ora na tradição religiosa.

2.3 A vila de Jaicós: espaço de prestígio político no império brasileiro

Nos relatos dos viajantes que aqui estiveram podemos encontrar diversos fragmentos que demonstram seus modos de olhar, suas visões sobre a vida nas fazendas, as condições de sobrevivência desses moradores e, especialmente, indicando a complexidade de nossa história rural. Eles desenvolveram significativos trabalhos individuais de caráter privado ou que integraram missões científicas, principalmente após a instalação da Corte Portuguesa no Brasil.

A vila de Santana das Mercês ou Jaicós, como é mais geralmente chamada, [...] contém setenta e oitenta casas edificadas em uma grande praça quadrada, da qual apenas três lados estavam então completos, com uma bela igreja ao centro. Os arredores têm muitas choças da gente mais pobre, feitas principalmente de tronco e folhas de carnaubeira, abundante nas vizinhanças. Uns poucos vendeiros e comerciantes, como alfaiates, sapateiros etc. residem permanentemente na vila; mas a maioria das casas pertence a fazendeiros vizinhos, que só as ocupam durante o natal e outros festivais (GARDNER, 1975, p. 118).

Desses registros, originaram-se importantes obras sobre a população, o cotidiano, as festas, as riquezas mineralógicas, a flora e a fauna brasileiras, constituindo fonte de informação fundamental para o entendimento histórico do período colonial e imperial no Piauí. A partir da chegada da Corte portuguesa no Brasil, a Coroa passou a financiar expedições de cunho científico, visando o aproveitamento das espécies botânicas nas áreas da medicina, agricultura e química. Além disso, havia o interesse geopolítico, pois a demarcação

de terras através de acordos fronteiriços não garantia a posse lusitana do território. Fazer uso dessas fontes significa “[...] acompanhar as etapas da formação do espaço rural brasileiro, tentando dar coerência aos aglomerados humanos, estudando como se proveram de modos de exploração, observando as tensões e conflitos, assim como suas relações com a natureza.” (DEL PRIORE, 2006, p. 14).

Para pensar e regionalizar o espaço construído por sociedades do passado, torna-se necessário levar a sério a historicidade das formações espaciais e, também, é importantíssimo que o procedimento de regionalização não produza anacronismo. Martins (2009, p. 144), diz que “devem ser reunidos dados coetâneos, isto é, de ‘época’, sobre a produção/percepção do espaço, que foram gerados pelas pessoas componentes da sociedade que se quer investigar e/ou por visitantes que a conhecem bem (missionários, mercadores, viajantes etc.)”. Mais do que linhas num mapa político ou características fisiográficas, são as redes de relações sociais e alguma forma de consciência de pertencimento que indicam a existência de dinâmica das regiões. Assim, “[...] os estudos sobre o interior do Brasil, os sertões dos tempos coloniais, abriu um vasto campo de pesquisas sobre os particularismos regionais, desvendando sociedade culturalmente originais.” (VAINFAS, 2001, p. 529).

Outra questão necessária para estudar-se o regional é compreender que as corografias alcançaram padrão formal estereotipado. E que devemos fugir dos seus principais defeitos como Martins (2009) expõe em seguida:

O primeiro deles é a frágil ou inexistente articulação entre geografia e história; outro era o modo como elas se relacionavam as dimensões “micro” e “macroespaciais”. Um terceiro defeito era o viés laudatório das narrativas, antes de tudo exercício de exaltação dos feitos das elites regionais e locais. Por último, cite-se o fato de que as corografias eram concebidas como instrumentos para fazer despertar o amor ao passado e o patriotismo. (MARTINS, 2009, p. 141).

Durante a primeira metade do século XIX, a Vila de Jaicós mantém-se pelo embate entre o tempo do mundo e o tempo dos lugares, de acordo com a formulação do historiador Fernand Braudel. O tempo de mundo remete à noção de um tempo uniforme, comum a todos os espaços. É o tempo da modernidade, imposto às regiões e aos lugares a partir dos “centros irradiadores” da história global, que coloca em sincronia as áreas plenamente inseridas no movimento de expansão do capitalismo. Para Fernando Braudel (1989), o tempo do mundo repercute nos espaços marginais, porém realiza neles em toda a sua potencialidade. Já o tempo dos lugares se refere ao tempo realmente vivido pelas localidades, um tempo

específico, relacionado a experiências distintas às dos pólos hegemônicos num mesmo momento histórico. A noção de tempo dos lugares indica que, na história, sempre há muitos tempos sociais que convivem na realidade do mundo e do país.

A Vila de Jaicós foi criada pela resolução do Conselho Geral da Província, em 6 de julho de 1832, mas sua instalação aconteceu somente em 1834. O padre Marcos de Araújo Costa foi eleito vereador e presidente da Câmara Municipal da Vila. A criação da Comarca de Jaicós ocorreu pela lei Provincial n. 371, de 17 de agosto de 1854, onde foi acrescido o termo de Picos, em 1859, antes pertencente à Comarca de Oeiras. Contudo, pelo Decreto Estadual 1.279, de 26 de junho de 1889, passou-se à Cidade.

Conforme Sousa Neto (2009, p. 44) a vila de Jaicós era uma “[...] importante rota comercial e de passagem para o Rio de Janeiro e para províncias ao sul do Piauí”. Essa ligação com as demais províncias do Pernambuco, Bahia, Rio Grande do Norte e Ceará produziu várias redes sociais as quais influenciaram para que muitos jovens aristocratas jaicoenses fossem frequentar os Cursos Superiores das principais Faculdades do Império: em Salvador-BA, no campo da medicina e da farmácia; Recife e Olinda-PE, direito e ministério sacerdotal.

Tinha-se nas fazendas de gado piauiense uma considerável população de escravos que executava a mão-de-obra desses imensos criatórios bovinos. No entanto, “uma característica dessa região era o número elevado de escravos alforriados, para os padrões das demais províncias. Segundo os viajantes Spix e Martius, de passagem pelo Piauí, em 1820, para cada mil cabeças, bastavam dez escravos.” (DEL PRIORE, 2001, p. 95). Na memória coletiva sobre a história da vida anônima das famílias escravas piauienses “a vila foi pioneiro na abolição da escravidão negra.” (BASTOS, 1994, p. 326).

[...] esse ex-escravo, de nome Vicente, fora alforriado ainda criança pelo próprio Padre Marcos pouco antes de sua morte, o que mais uma vez comprova que a prática escravocrata existiu em Boa Esperança, mas que não estava dissociada dos ares que percorriam o Brasil e questionavam sua existência. (SOUSA NETO, 2009, p. 199).

De acordo com Costa (1974, p. 87) instala-se na vila uma sociedade abolicionista sob o título “Libertadora Jaicoense”, por essa ocasião foram concedidas várias cartas de liberdade e arrecadando-se muita grande quantia de dinheiro para o fundo de emancipação. O entusiasmo com que foi recebida a propaganda abolicionista na localidade e o trabalho a que se entregou a sociedade foi muito proveitoso para a emancipação dos escravos dessa região.

Conseguiram depois de decorridos apenas vinte dias de sua instalação, em 23 de julho, que fosse declarada livre a vila de Jaicós, celebrando das respectivas cartas de liberdade, em número 33. Desse modo “até pouco tempo, não se falava da existência da família de escravos; hoje, a compreensão das relações familiares dos escravos constituiu-se num dos dados importantes para se desvelar a recriação temporal da sociedade afro-brasileira” (BRITO 2007, p. 15). Contudo, construir uma representação do passado colonial piauiense não podemos deixar de pensar na contribuição da raça negra para o sucesso produtivo das fazendas, que de certa forma, o rebanho bovino foi a principal fonte econômica da província no período colonial e imperial.

Sua população excede a 9 mil almas, inclusive 2000 cativos. Em 6 de outubro de 1829, foi dotada esta freguesia com uma escola de primeiras letras do sexo masculino e, por lei provincial de 17 de agosto de 1854, de uma aula pública para meninas. A sua produção de vacum no ano financeiro de 1849/1850 foi calculada em 13.268 cabeças, e os poldros, 530. No exercício de 1850/1851 produziu, conforme a estatística oficial, 11.731 bezerros e 492 poldros. Avaliou-se a importância do biênio em 121.617\$500 réis. O número de seus criadores é de 592, pouco mais ou menos. (ALENCASTRE, 2005, p. 153-154).

O crescimento e o desenvolvimento da vila refletiam-se nos administradores da província no seu “tempo de lugar”. A Vila de Jaicós tornou-se um importante núcleo urbano que se destacava no âmbito da administração pública pelo número de habitantes e variedades de atividades econômicas ali desenvolvidas, como o comércio e a prestação de serviço. A fundação das vilas objetivava aumentar o controle da Coroa sobre as populações, pois implicava na implantação de órgãos administrativos e criação das câmaras. As funções da Câmara da Vila de Jaicós eram bastante extensas e incluía os diversos setores da vida econômica, social e política do Império, um modelo de administração herdado do “tempo de mundo” do período da colonização. Eram responsáveis pela administração local, atuando na regulamentação de ofícios, do comércio, da feira e mercados; na construção de edifícios e obras públicas (estradas, pontes e calçadas); na conservação de ruas; na limpeza da cidade; na arborização e no abastecimento de gêneros e cultura da terra. As câmaras deveriam administrar seus bens e receitas, e para isso contavam com as rendas provenientes de terras municipais (pastos arrendados, prédios alugados etc.) e com os impostos sobre o consumo e multas originadas das infrações do Código de Postura. Também eram responsáveis pela criação e educação dos expostos. Por exemplo, “O professor público José Torquato Baptista,

professor de primeiras Letras, na vila de Jaicós, que ocupou, por muito tempo, também o cargo de Agente dos Correios da Vila.” (PIAÚÍ, 1835).

As câmaras funcionavam ainda como tribunal de primeira instância, especialmente para o cível, com direito de apelação ao ouvidor. De acordo, a correspondência do padre Carlos Augusto Peixoto de Alencar, de 17 de maio de 1843, para o padre Marcos de Araújo Costa, faz indagações sobre os autos do processo julgado pelo padre Marcos do assassinato de um membro de sua família pelo Capitão Manoel Rodrigues dizendo que mesmo discordando do desfecho da sentença, “[...] dou por concluído tudo, quando poderia ainda diser (sic), e de novo pesso, suas ordens, em cuja execução mostrarei a consideração, e estima, com que tenho a honra ser.” (ALENCAR, 1842).

A fundação das vilas, no período imperial, objetivava delimitar um espaço em meio ao vasto sertão no qual a vida conversável oferecia maior convívio social e melhor controle por parte da Corte. As vilas do início dos oitocentos mantinham as mesmas características barrocas, com suas casas de fachadas uniformes, ruas retas e arborizadas. Nesse sentido, a instalação de vilas tinha motivos estratégicos em organizar e manter a integridade de um espaço rigidamente delimitado onde se assegurava tudo em boa ordem de justiça.

Fora a Capital e Jaicós, todos os demais municípios não têm cadeia. A cadeia de Parnaíba está em péssimas condições. Melhor seria fazer outra, que tentar aproveitá-la; Campo Maior, Parnaguá e Poti têm quartos destinados a prisão; S. Gonçalo, Príncipe Imperial, Piracuruca, Barras, Marvão, Jerumenha, nem isso, e os presos são conservados em troncos, expostos nos campos, debaixo das árvores. Nem uma só vila no Piauí tem paço, ou casa júri, e os magistrados suas audiências; apenas Jaicós está em andamentos semelhante obra. Usam casas alugadas, e outros, nem isso [...] e os arquivos anda ambulantes, e as câmaras, mendigando favores, se reúnem nas salas dos particulares, que na ocasião acham vazias, não sabendo por isso em uma sessão onde se reunirão para a seguinte. (RAMOS, 1844 apud NUNES, 2007, p. 20).

No discurso do Deputado Provincial, Sousa Ramos na Assembléia Legislativa registra-se o seguinte fato, “[...] se excetuamos a freguesia de Jaicós, todas as mais não têm matrizes, ou as têm em estado de ameaça ou ruína, como me consta das informações dos respectivos párocos que passo as expor-vos.” (NUNES, 2007, p. 18).

A matriz de Jaicós, localizada na praça Padre Marcos, FIG. 03, teve sua construção iniciada em 1833 e foi concluída em 1839, sob expensas do padre Marcos de Araújo Costa. Foi considerada na época uma das melhores da província. Depois este templo passou por várias reformas, por exemplo, em 1914/1915 o vigário Cônego Miguel dos Reis Mello,

construiu a outra torre lateral esquerda (do relógio) já prevista no projeto original pelo padre Marcos e da capela lateral esquerda. Transformou-se também o depósito anexo ao corpo central na lateral direita em capela, pela abertura de arcos de comunicação com a nave central e abertura de esquadrias na fachada, da mesma forma que foi executada na ala lateral esquerda.

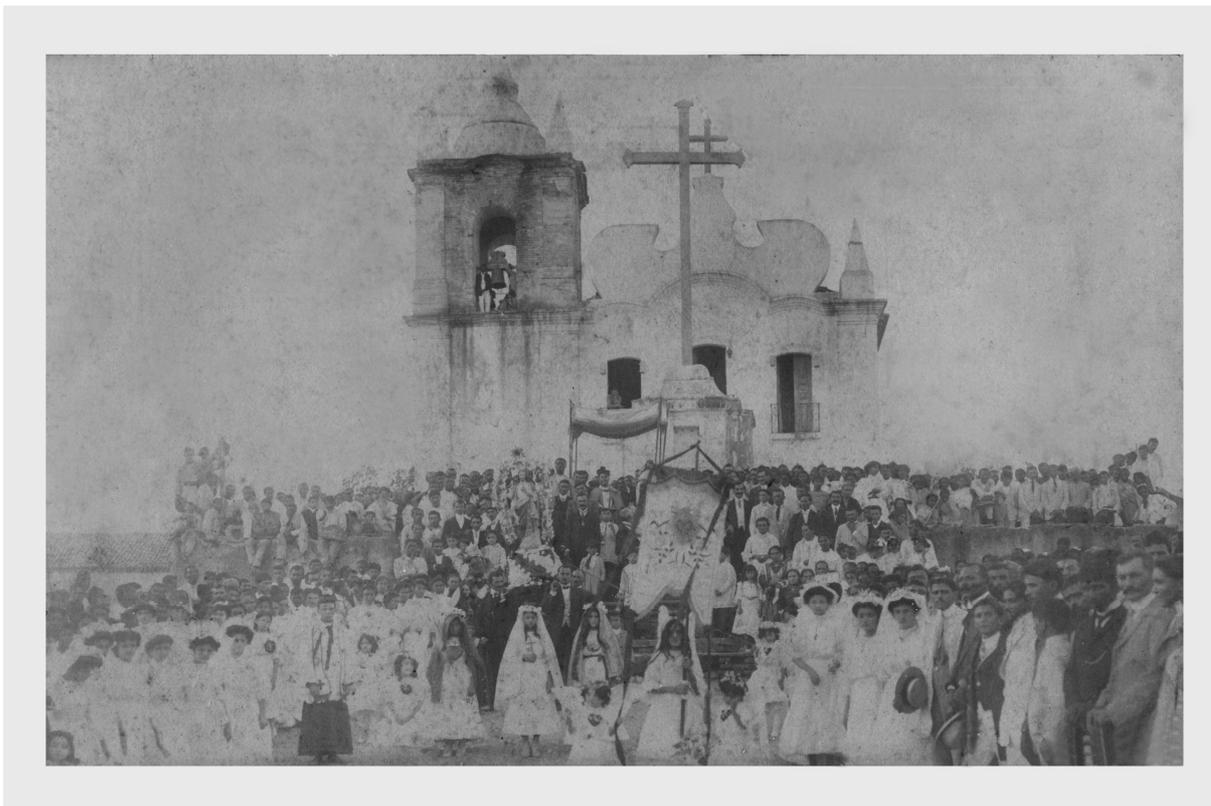


FIGURA 03 – Matriz da Igreja de Nossa Senhora das Mercês (comemorações do primeiro centenário).
Fonte: Arquivo Particular Francisco das Chagas Cruz.

Em 1937 foi concluída pelo padre José Lemmermam a cúpula da nova torre para a celebração do primeiro centenário da igreja. Esta festa teve uma grande repercussão na região, tendo sido anotado no livro de tombo a participação de 10.000 fieis. Em 1935 é construída a sacristia, pelo aforamento de cinco metros atrás da igreja. Em 1954 é substituído o teto da igreja, ficando em telhado contínuo de duas águas em lugar do desnível existente anteriormente entre o teto da nave central e das capelas laterais. Em 1955 é feita uma reforma onde se executam o estuque do forro da nave central, é executada a platibanda, são abertos arcos sobre as portas e janelas das fachadas laterais, e é feita a pintura externa. Sabe-se ainda que o piso em ladrilhos existente atualmente na igreja foi colocado no ano de 1950. O piso original é em tijoleira, como se pode observar em vestígios remanescentes no piso da torre lateral direita ao nível do coro e sob a torre lateral esquerda ao nível da nave central. Passou

durante estes anos por várias descaracterizações, mas foi restaurada em 1988, respeitando suas características originais.



FIGURA 04 – Matriz da Igreja da Nossa Senhora das Mercês (reformada).

Fonte: Fundação Cultural do Piauí - FUNDAC, fotografia da inscrição no Livro de Tombo, código 14. Decreto, n.º 7.292 de 26/01/88; Diário Oficial, n.º 126 de 27/01/88.

A igreja FIG. 04, marca a paisagem dessa cidade com o seu jogo de detalhes e seu frontispício que apesar de não ter sido construído na época do movimento barroco, possui características deste estilo. Segundo observações do padre David Ângelo Leal, na época Vigário Geral da Diocese de Oeiras, jaiçoense cioso de suas origens faz uma descrição acentuada daquele templo religioso antes de passar pela terceira reforma na década de oitenta da qual foi modificada boa parte da igreja:

De verticalidade impressionante, limita-se, a partir da base propriamente dita, por colunas (duas de cada lado) de êntase acentuada e capitéis compósitos. O espaço entre as colunas aqui são suficientemente amplo para nichos laterais, tem a destacá-lo alto relevo de pequenas volutas recurvas justapostas. A arquitrave, de friso enriquecido por filigranas entalhadas, limita o espaço central onde se abre o camarim. O retângulo obtido, completa-se, a partir do fuste (apenas salientado) das pilastras de sustentação do arco, por desenho geométrico rico de elementos decorativos de caráter simbólico. O terço inferior é composto por apainelados de gosto rococó. A composição do camarim, sua traça e execução guardam afinidade artística como retábulo da Capela do Passo Episcopal de Oeiras. (LEAL, 1986, p. 32).

De acordo com o depoimento de José Rafael Lélis (2009) o adorno de um galo na torre da igreja, FIG. 05, foi colocado na época da conclusão da construção da matriz, em 1837, pelo padre Marcos – provavelmente influência que ele trouxe de sua estada em Portugal. O significado dessa figuração é sobre a origem dos muitos acontecimentos importantes que deram embasamento à fé cristã terem ocorridos na calada da noite, por exemplo, “o próprio nascimento e a ressurreição se deram em plena madrugada, antes que o sol nascesse e é justamente nesse período que o galo anuncia o fim das trevas e o surgimento de um novo dia” (Depoimento de José Rafael Lélis). Portanto, a conservação deste vestígio do passado, através do sentido que ele representa, serve-lhe para ampliar seu presente e conferir sentido à sua representação.



FIGURA 05 – Galo na torre da Matriz de Nossa Senhora das Mercês.
Fonte: Arquivo particular Lourenilson Leal de Sousa

2.4 Memórias da Fazenda Boa Esperança

Jaicós, no século XIX, tinha algo de uma pequena cidade nordestina pela afluência e prestígio dispensados aos membros das principais famílias piauienses. Assim, o desenvolvimento da vida urbana próxima às fazendas, desde o século XVIII, não foi acompanhado de ações orientadas para a instrução e o ensino. O êxito dos criatórios bovino,

recompensando poucos e alimentando a miséria e a marginalidade de muitos, não cedia lugar as preocupações mais nobres, como a do estudo, a não ser para alguns poucos, quase sempre herdeiros de boa fortuna e sorte. E nesse sentido, nos limites daquela povoação e para a mentalidade corrente, instruir a população envolvida no manejo dos imensos rebanhos de gado não era de fato valorizada, nem pela Corte ou Império brasileiro, nem pela maioria da população piauiense, estes mais preocupados em buscar, nas agruras do cotidiano, “[...] a satisfação das suas experiências, isto, justamente a uma grande população de indivíduos destituídos de um estatuto de liberdade jurídica, o que, por si só, se não os excluía da instrução formal, pelo menos a reduzia a iniciativas pessoais e/ou filantrópicas.” (SILVA 2009, p. 172).

No início do século XIX, apesar de algumas localidades piauienses – Oeiras, Parnaíba, Parnaguá e outras – já constituírem centros populacionais consideráveis, não existia instituições educativas mantidas pela Corte. O que havia, fundamentalmente, eram aulas avulsas ou isoladas, dadas por professores nomeados. A unificação e a organização dessas aulas em Colégios constituem um lento processo, iniciado com ação pedagógica dos jesuítas. No rarefeito quadro educacional da Capitania (e Colônia), a instrução se limitava às aulas de primeiras letras circunscritas aos quadros das elites locais.

Durante o Primeiro Reinado, observou-se um avanço no ensino superior, com a criação de dois cursos de Ciências Sociais e Jurídicas, criados em 1827, em São Paulo e Olinda, e mais tarde denominadas Faculdades de Direito. Neste momento, em especial para a região Nordeste, da Faculdade de Direito de Olinda, que depois foi transferida para Recife, onde piauienses iniciaram nas carreiras jurídicas, por exemplo:

Francisco de Sousa Martins nasceu no dia 5 de janeiro de 1805, na freguesia de N. Senhora das Mercês de Jaicós. Era filho do Coronel Joaquim de Sousa Martins e de Teresa de Jesus Maria. Naquele tempo eram os pais que escolhiam a carreira para os filhos. Seus pais o haviam destinado para a carreira de eclesiástica. O menino foi mandado para o colégio de um parente, o grande educador piauiense Padre Marcos de Araújo Costa, na fazenda Boa Esperança, onde fez humanidades. Em 1827, matriculou-se na Universidade de Coimbra. Um ano depois a situação política em Portugal piorou tanto que as autoridades acabaram fechando a Universidade. Francisco voltou para o Brasil. Por felicidade, o ano de 1828 funda-se, em Olinda, Pernambuco, a primeira faculdade brasileira de Direito. Ele foi diretamente para ela. Recebeu o grau de Bacharel em 1832, regressando imediatamente para o Piauí. Começou como advogado, em Oeiras, mas logo em 1833 foi nomeado Juiz de Direito da mesma cidade. (Chaves, 1998, p. 456-457).

Com a instalação do império brasileiro, o desenvolvimento do aparato administrativo levou o emprego crescente dos “homens de letras” em ocupações diversas, como as de juiz de fora nas principais vilas, de ouvidor nas comarcas ou de desembargador em uma das relações, além de secretários e demais funcionários indispensáveis ao redor dos presidentes das províncias. Ao recorrerem aos seus conhecimentos contidos em livros, e ao manifestarem os novos valores que traziam, esses “homens de letras” evidenciavam pertencer a uma mesma elite cultural, egressa, em grande maioria, da Universidade de Coimbra ou das principais Faculdades do Império.

Junto com os membros mais esclarecidos do clero, com o qual compartilhavam o domínio do escrito, contribuíram para a difusão de uma cultura letrada sistematizada e especializada. “A força das tradições, a perspectiva teológica predominante nos meios acadêmicos, a influência da Igreja e suas instituições moldaram as manifestações artísticas e intelectuais, e expressaram fielmente a rejeição ao racionalismo moderno.” (CALAINHO 2009, p. 260).

Assim, respeitando os limites dessa pesquisa e a memória coletiva das “imagens que a historiografia piauiense produziu acerca do Padre Marcos [...] relatadas pelos seus biógrafos e cronistas [...]” (SOUSA NETO 2009, p. 33) sobre sua atuação como educador que fizemos nossos encadeamentos para explicá-lo e compreendê-lo, na perspectiva de transformar uma vivência afetiva e emocional em algo pensado. Dessa forma, o nosso fio condutor foi sua existência enquanto sua Escola possibilitava que mancebos e filhos da elite piauiense tivessem acesso ao processo de escolarização.

O ensino da Escola Boa Esperança ministrado pelo padre Marcos também necessita de mais reflexões. Compreender sua atuação como educador singular, o funcionamento desta escola, a trajetória dos ex-alunos que ali estudaram até a primeira metade do século XIX e o fechamento da escola representam interesses da continuidade desse trabalho.

CAPÍTULO III

ESCOLA BOA ESPERANÇA: INSTITUIÇÃO OITOCENTISTA DE UM MESTE SINGULAR

Boa Esperança era uma colméia onde se estudava, trabalhava e orava. O Padre presidia todas essas atividades. Quando não estava em sala de aula ou no desempenho de seu ministério sacerdotal, encontrava-se nas roças ou no campo orientando os escravos no amanho da terra ou os vaqueiros no cuidado do gado da fazenda, donde se tirava o necessário para o abastecimento do internato. Os alunos pobres estudavam e recebiam alimentação gratuita.

(CHAVES, 1998, p. 439)

3.1 O “Benemérito Educador”, Marcos de Araújo Costa

A província do Piauí sofreu por quase dois séculos a falta de escolas elementares e de primeiras letras. A população padecia da ausência de mestres e instituições educativas para civilizar e educar as novas gerações das famílias portuguesas que aqui se instalavam, nesse território habitado de índios, de vaqueiros, de roceiros e de escravos. Para Castelo Branco (1998, p. 25) “[...] a história da educação do Piauí é a história do processo de refinamento de uma população de tal modo rústica e bravia que não pôde abrigar em seu seio, desde o princípio, um sistema educativo regular”. A necessidade de instrução, na origem do povoamento do Piauí, era tão latente que houve várias tentativas de implantação das escolas de ordem religiosa jesuíta e inaciana em solo piauiense. Entretanto, não conseguiram, inicialmente, influenciar a cultura sertaneja do povo “rústico” piauiense com seus sistemas de educação, suas regras e moderno currículo de aculturação, o *Ratio Studiorum*⁸.

Oficialmente, o surgimento das instituições escolares na província do Piauí começou durante o período colonial. No entanto, Sousa Neto (2006, p. 03) conclui que “[...] ao que se refere às primeiras escolas públicas, a historiografia piauiense não chega a um consenso

⁸ Conjunto de normas criadas para regulamentar o ensino nos colégios jesuíticos. Sua primeira edição, de 1599, além de sustentar a educação jesuítica, ganhou status de norma para toda a Companhia de Jesus. Tinha por finalidade ordenar as atividades, funções e os métodos de avaliação nas escolas jesuíticas.

acerca do momento de implantação no Piauí, pois [...] até no final do século XVIII, praticamente inexistiam escolas na Província do Piauí [...]”. De acordo com Brito (1996, p. 15), “[...] a omissão dos Jesuítas em relação ao ensino de primeiras letras na Capitania levou o Rei a criar por Alvará de 03 de maio de 1757, duas escolas de instrução primária na Vila da Mocha: uma para meninos e outra para meninas com currículo específico para cada série”. Enquanto o ensino formal não se estabelecia na sociedade piauiense, algumas escolas-familiares supriam a carência das primeiras letras e do estado estacionário da instrução elementar. Foram os mestres-escolas “[...] os obreiros que trabalhavam nos fundamentos de nossa estrutura cultural, alicerçando, com a argamassa das primeiras letras, o majestoso edifício da nossa cultura.” (PEREIRA, 1996 apud VIEIRA, 2008, p. 02).

Conforme Ferro (1996, p. 62), “[...] fato notório, entretanto, é a existência da Escola Boa Esperança, estabelecida por padre Marcos de Araújo Costa em sua fazenda de mesmo nome, no município de Jaicós”. Assim também Chaves (1998, p. 36) diz que “[...] quando nenhum colégio, quer público, quer particular, existia em todo território do Piauí”, estava o benemérito Padre Marcos, de volta a sua terra natal, reformando a “casa grande” que havia herdado do pai, na fazenda Boa Esperança, para funcionar a partir dali uma escola não mais só de Primeiras Letras, mas de Instrução Secundária. Enfim, outros pesquisadores e estudiosos da História da Educação do Piauí estão de acordo que a escola da fazenda Boa Esperança, localizada no centro-sul da província do Piauí, foi uma instituição de ensino pioneira em oferecer educação formal além das Primeiras Letras. Numa época em que toda a educação brasileira caracterizava-se pela inexistência de instituições educativas organizadas para a transmissão do saber formal.

O período de implantação da educação no Piauí difere do contexto educacional brasileiro, enquanto as demais províncias da Colônia já possuíam instituições escolares mantidas pelos padres jesuítas. No início do século XVIII, embora em tentativas nem bem sucedidas, os jesuítas não conseguiram instalar escolas em solo piauiense, conforme Castelo Branco (1998):

Numa escala diminuta, embora historicamente significativa, os jesuítas lançaram as bases de todo o sistema educacional brasileiro, revelando aos bugres maravilhas do alfabeto e os mistérios da fé, no Piauí, não conseguiram estabelecer-se de maneira estável, exceto em sua missão da Serra da Ibiapaba (que durante certo tempo pertenceu ao Piauí) e numa outra tentativa infelizmente frustrada de fundar um seminário na margem direita do Parnaíba. (CASTELO BRANCO, 1998, p. 20).

Dessa maneira, durante quase dois séculos após a ocupação do território piauiense, a educação ficou estagnada, uma vez que a ação governamental agia numa escala diminuta, assim é que, paralelamente à ação do governo e com objetivos de atenuar a situação de extrema carência na instrução pública piauiense, é criado pelo padre Marcos de Araújo Costa um estabelecimento de ensino de instrução primária e secundária na fazenda Boa esperança, em 1820. Assim descreve Brito (1996, p. 24), “[...] era um centro de irradiação. Além das primeiras letras, ensina o Pe. Marcos a seus alunos latim, francês, retórica, matemática, filosofia e teologia”. No artigo “Padre Marcos: entre o (re) criado e o esquecido”, Sousa Neto (2006, p. 256) reconhece que “[...] o trabalho do ‘benemérito educador’ foi um dos grandes responsáveis por criar no Piauí uma tradição escolar, um cotidiano de ensino, que ajudou a pressionar para a criação de novas Cadeiras de Instrução Pública na Província”.

Pe. Marcos fundou a escola e a mantinha com seu próprio dinheiro, recebendo vários alunos ricos ou pobres que, além da instrução, também recebiam casa e comida. Conforme Ferro (1996, p. 63):

Este colégio teve funcionamento efetivo e ininterrupto por trinta anos, pois só fechou com a morte do seu idealizador e proprietário em 1850. Pode, portanto, ser considerado como a primeira escola a existir de fato, e o Padre é considerado por muitos dos seus coestaduanos como o primeiro mestre-escola do Piauí.

Educado pelo pai, Marcos Francisco de Araújo, fidalgo, homem letrado, ocupou cargos importantes na Capitania do Piauí. Sua mãe, Maria Rodrigues de Santana, vinha do núcleo familiar do Coronel Valério Coelho Rodrigues, natural da Freguesia de São Salvador do Poço de Sousa, na da Vila do Porto.

Seu primeiro professor foi o próprio pai, que lhe ensinou as primeiras letras, boas maneiras e um pouco de latim. De posse desse cabedal de conhecimentos, viajou para a Vila do Açú, no Rio Grande do Norte, matriculando-se, ali, no célebre colégio do Dr. Manoel Antônio de Andrade. Fez os preparatórios naquele estabelecimento de ensino. Dividem-se as opiniões a respeito do lugar onde fez o curso superior para sacerdócio. Miguel de Sousa Borges Leal Castelo Branco afirma que em Lisboa; outros dizem que foi no Seminário de Olinda. Os que sustentam este último ponto de vista baseiam-se no fato de que o espírito cívico e nacionalista do Padre Marcos reflete um tipo de formação que não era dado em Lisboa naquela época, e sim em Olinda, onde pontificava o célebre Padre João Ribeiro, um dos líderes da revolução de 1817. Também não se pode duvidar de Miguel Borges, sempre muito seguro em suas informações. É bem possível que o

Padre Marcos tenha iniciado os estudos de Teologia em Lisboa e terminado em Olinda, ou vice-versa. São imprecisas as notícias logo após sua ordenação sacerdotal. Sabe-se que voltou ao Piauí estabelecendo-se na fazenda de Boa Esperança, dali saindo, vez por outra, para Oeiras, sempre no desempenho das funções de seu ministério sacerdotal. (CHAVES, 1998, p. 438).

A próspera Vila, que abrigava a primeira escola regular do Piauí, recebia vários jovens pobres ou ricos advindos de outras localidades. O padre Marcos dedicou-se a educá-los sem a cobrança de nenhum provento, gastando inclusive seus bens patrimoniais. Muitos desses jovens que estudaram na fazenda Boa Esperança seguiram carreira de desembargador, advogado, servidor público, entre outras. A escola Boa Esperança era motivo de orgulho para o Piauí no período em que era bastante valorizada pela população da época – por não ser apenas uma escola de primeiras letras, mas também de ensino de latim, aritmética, francês, retórica, filosofia e teologia; o que possibilitava a alguns jovens mais abastados o sonho de ingressar numa faculdade ou então ocupar cargos da administração imperial.

Na obra “O Padre Marcos: o educador, o ministro de Deus, o político, o cidadão civil”, do escritor Castelo Branco (1998), traz relatos de ex-alunos da escola Boa Esperança sobre a sua atuação enquanto educador, os quais transcrevo em seguida:

Desembargador Jesuíno de Sousa Martins;

As suas aulas eram acompanhadas de grande interesse, por causa da sua forma e do caráter do professor. Nunca esquecerei a sua delicadeza e amabilidade para ensinar. A sua conversa era sempre agradabilíssima e atraente (p. 31).

Cônego João de Sousa Martins:

À noite, após o jantar, a conversa girava em torno de contos morais, com o objetivo de alegrar e de dar uma lição, a narrativa se desenvolve geralmente numa longa intriga, rica de lances e de surpresas, perigos e coragens, e ousadias; e terminam, inevitavelmente, com um ensinamento, já aguardado (p. 31).

Juiz de Direito Dr. Francisco de Sousa Martins:

Um profundíssimo senso de humanidade sincera e cordial, a serviço de uma alma nobre dotada de requintado gosto artístico, de um inato tacto senhoril e de uma espontânea finura de educação, abriam-lhe naturalmente o coração de todo aquele que até ele chegava... inclusive para receber alguma merecida censura, que ele sabia fazer com tanta delicadeza, que quem o escutava não podia desgostar-se. Não se confunda tudo isto com fraqueza, indulgência exagerada ou perdão passivo. Se preciso, ele sabia mostrar-se decidido, forte e tenaz, embora preferindo o tom violento e a voz entrecortada, uma fala longa e envolvente que, pelos caminhos mais impensados, levava aonde ele queria: em suma, mão de ferro em luva de pelica (p. 32).

Dr. Marcos Antônio de Macedo, filho adotivo do padre Marcos:

Esta constante serenidade, baseado, é claro, num temperamento plácido e numa índole propensa ao otimismo, aparece, todavia, aos olhos dos que bem conhecem, como fruto de um longo aprendizado de virtude, como o resultado de uma disciplina

interna, como o encontro feliz de uma vivíssima inteligência e de um coração ardente com uma vontade tenaz e um caráter equilibrado (p. 34).

Dr. Antônio de Souza Martins, Ministro do Supremo Tribunal Federal (1894), dá seu testemunho, num folheto publicado em Jaicós-Piauí, em 1855:

Enquanto viveu, o Padre Marcos exerceu domínio quase absoluto, domínio por certo suportável, porque, varão ilustrado e naturalmente beneficente e reto, procurava conciliar os homens e decidir suas questões pela maneira que lhe parecia razoável (p. 37-38).

Dessa maneira, encontramos nos percursos de vidas desses agentes concretos (ex-alunos da Escola Boa Esperança) as experiências que tornaram, por sua vez, as condições materiais da transmissão do saber formal e da formação profissional. Contudo, a escolarização compreende o que a Escola quis fazer e o que ela produziu de fato, pois seus ex-alunos reconstruíram suas experiências, como construíram relações, estratégias, significações por meio das quais construíram a si próprios como sujeitos históricos. Dessa forma, a História da Educação revela seu estatuto quando ela consegue incluir “[...] o ponto de vista de seus agentes, além de outros, como pais administradores, e não somente o ponto de vista do discurso emanado das esferas mais altas do poder institucional.” (SOUZA, 2004, p. 52).

3.2 O berço da tradição escolar piauiense: Educação Elementar e Instrução Secundária

Pesquisar o funcionamento de uma instituição escolar requer do historiador uma visão ampla das múltiplas realidades sócio-históricas e, principalmente, de sua capacidade para (re)construir e rememorar um passado que nos dê pistas sobre a significação dessa história. Desse modo, são as transformações sociais e culturais ocorridas no território escolar que guiarão as lentes metodológicas do pesquisador.

Segundo Petitat (1994, p. 46), para o levantamento de informações sobre uma instituição escolar são necessários três objetivos: “[...] ressaltar as condições que cercaram o surgimento de certas escolas; descrever a estrutura e o funcionamento a fim de melhor acentuar a especificidade das instituições ulteriores; situar a escola na produção e reprodução dos grupos sociais”. Desse modo, pensamos a educação escolar ou as sociabilidades educativas por meio de seu papel na história, “[...] feita pelos homens reais, atuantes e condicionados por um determinado desenvolvimento das forças produtivas e do modo de produção que a elas correspondem.” (LOPES, 2002, p. 19).

Na primeira metade do século XIX, na Província do Piauí, não existiam Colégios, no sentido europeu (francês), tal qual se configurava no Brasil do século passado: uma instituição que recruta alunos em determinados segmentos sociais, fornece um tipo particular de ensino centrado nas humanidades clássicas, preparando-os eventualmente para a academia. As dificuldades impostas às famílias para a educação dos filhos, além do isolamento e da vigilância considerados indispensáveis à formação escolar, também estimulavam a procura de colégios, no geral, internatos.

Conforme questionamentos do último governador nomeado pelo governo português Lourenço de Araújo Barbosa diz “que mais se deve esperar de uma cidade, cujas cadeiras de primeiras letras, e Gramática Latina estão por prover porque não há pessoa que possua medianos conhecimentos para ocupá-las?” (BARBOSA, 1821, NUNES, 2007, p. 25).

No Piauí, o desenvolvimento da vida urbana ocorreu próximo às fazendas (Oeiras) e, também, nas regiões marítimas/comerciais (Parnaíba). No decorrer do século XVIII, não foi acompanhado nem de estímulo nem de ações orientadas para a instrução e o ensino formal. O êxito dos criatórios de gado e cavalariças, recompensando e alimentando poucos e alimentando a miséria e marginalidade de muitos, não cedia lugar a “preocupações mais nobres”, como as do estudo, a não ser para alguns poucos, quase sempre herdeiros de boa fortuna e sorte. E não cabia, nos limites daquele pedaço mais rico da Colônia e para a mentalidade corrente, instruir a população envolvida nos afazeres dos currais e no incipiente comércio marítimo.

Quando o Deputado Castelo Branco pronunciou-se na Corte Constituinte, na oportunidade onde se discutia sobre a emancipação política do Brasil em relação à Coroa Portuguesa, na Junta eleita de 24 de outubro de 1821, no seu discurso sobre sua trajetória escolar e, também, do desinteresse da população pela cultura letrada da seguinte forma “[...] nenhum outro conhecimento tinha mais do que os sete anos de Universidade, apesar disso vivia entre homens que quase ignoravam as primeiras letras, pois na Província do Piauí, dois terços dele não sabe ler nem escrever.” (NUNES, 2007, p. 31).

Segundo Mott (1985, p. 45), no século XVIII, apesar de algumas localidades piauienses – Oeiras (3.615 hab./169 fazendas), Valença (1.485 hab./52 fazendas), Marvão (1.059 hab./39 fazendas), Campo Maior (1.867 hab./86 fazendas), Parnaíba (2.638 hab.), Jerumenha (397 hab./51 fazendas) e Piracuruca (2.349 hab./84 fazendas) – já constituírem povoações com certa significação habitacional e econômica para Coroa Portuguesa, o número de escolas de primeiras letras era bastante reduzido. O que havia, fundamentalmente, eram aulas avulsas ou isoladas, dadas por professores nomeados. A unificação e a organização dessas aulas em colégios – constitui um lento processo, iniciado com a ação pedagógica dos

jesuítas. No rarefeito educacional da Capitania de São José do Piauí, a instrução se limitava às aulas de primeiras letras circunscritas aos quadros das elites locais. De acordo com a Lei n.198, de 4 de outubro de 1845, no governo de Zacarias de Góis e Vasconcelos, é criado o primeiro estabelecimento oficial de instrução secundária na cidade de Oeiras-PI, denominado de Liceu Piauiense.

O trabalho educacional da Escola Boa Esperança ficou registrado na memória coletiva dos oitocentos. Relatos do botânico George Gardner⁹, quando esteve hospedado na fazenda Boa Esperança em 1839, descreve as práticas escolares desta escola:

O padre Marcos de Araújo Costa é bem conhecido em todo o norte do Brasil, não só por sua inteligência e saber, como por seu excelente caráter moral e benévola disposição, qualidades que vi amplamente confirmadas durante os oito dias que passei em sua casa. Se todos os sacerdotes do país tivessem metade de sua cultura, bem como de sua atividade e zelo pela difusão do ensino, a condição do Brasil se tornaria bem diferente da que é da que receio continue a ser por longo tempo, dada a presente situação. É surpreendente a atividade deste ancião de mais de sessenta anos e não o é menos sua filantropia. Como os meios da educação só estão ao alcance de muita pouca gente neste vasto país de escassa população, tem o padre mantido por muitos anos o hábito de sustentar e educar em sua casa, livres de despesa, vinte meninos, até que adquiram sofrível conhecimento de latim, e elementos de Filosofia e Matemática. Ele próprio é excelente erudito e possui bem vasta biblioteca de clássicos e filósofos; de Botânica e História Natural possui conhecimento suficiente para ter nestes assuntos agradável distração. Entre os seus livros encontrei quase todas as obras de Lineu, as de Brotero, e uma de Vandelli, muito rara sobre as plantas de Portugal e do Brasil, obra que ele depois me presenteou bondosamente. Não faz da igreja meio de vida, contentando-se com viver no sossego retiro de criador de gado e dedicar os seus lazeres à educação dos discípulos. (GARDNER, 1975, p. 117).

No relato acima, observamos uma comparação implícita com o modelo educacional europeu, inclusive para fornecer imagens que possam aproximar mais de seus receptores aquilo que descrevem. Nessa comparação, contudo, importa para o viajante estabelecer sempre um padrão de inferioridade ainda da colônia em relação à Europa, satisfazendo, assim, uma expectativa de recepção pressuposta no discurso. Como os viajantes descrevem suas aventuras para pessoas que raramente deixam seus países, de alguma forma é preciso assegurar-lhes sua superioridade sobre o que existe além do oceano.

⁹ Botânico, zoólogo e médico. Nasceu em 1812, em Glasgow e faleceu em 1849. Chegou ao Brasil, aos 24 anos, vindo de Liverpool, com o espírito excitado pelas descrições extraordinariamente belas que recebeu de Humboldt e de outros viajantes sobre a beleza e variedade da natureza das regiões tropicais. Foi financiado por amigos ricos de seu professor William Hooker. Chegou ao Rio de Janeiro em 1836 e retornou à Inglaterra em 1841, zarpando do Maranhão. Voltou para a Europa com um acervo grandioso de milhares de espécies vegetais, tornando-se diretor do Jardim Botânico, no Ceilão, onde faleceu.

Então, percebe-se que as práticas de sociabilidades educativas eram feitas através de uma instrução doméstica, quase sempre realizada pelo eclesiástico, onde o currículo não representava apenas a preocupação de aprimorar a fé nos moldes da cultura clássica do humanismo renascentista, pois pelo seu “capital cultural” conseguia transmitir aos seus alunos conhecimentos das ciências naturais e, sobretudo, no esforço de ordenar e sistematizar um processo de aprendizagem, reunindo no mesmo local o ensino de diversas disciplinas. Mesmo sendo o único professor daquela instituição, conseguia proporcionar experiências e saberes que elevassem a aprendizagem de seus alunos. Nesse sentido, Nunes (2007, p. 98), ressalta a importância e a qualidade da cultura escrita ensinada na escola da Boa Esperança: “esse educandário prestou relevante serviço ao Piauí, e temos fortes razões para crer que a boa redação que testemunhamos em correspondências emanadas de homens fazendeiros daqueles dias tenha sua origem na escola de Boa Esperança [...]”. Daí, conclui Brandão (1997, p. 58) que “o padre Marcos acima de tudo, era um grande professor e o patrono do magistério piauiense”.

Carente das noções de turma e de série e de qualquer formação específica, o padre Marcos acabava por reunir no mesmo ambiente certa quantidade de alunos de idades diversas e de graus distintos de adiantamento, com eles estabelecendo uma relação individual, um de cada vez, enquanto os demais cuidavam de suas tarefas. Ele era um profundo conhecedor da sapiência do magistério, pois seus ex-alunos sacramentaram através de suas memórias as práticas escolares ministradas naquela escola. Ele valorizava, incondicionalmente, a disciplina para o estudo, sendo assim, para ele, um instrumento fecundo de aprimoramento para a existência humana.

Não só a cultura escolar e as práticas escolares compõem o fenômeno educativo da Escola Boa Esperança; assim também, o tempo escolar, nas suas múltiplas temporalidades, aparece como questão central da organização das experiências de ensino dessa instituição escolar. Importante observar na descrição da jornada diária de trabalho do padre Marcos:

Sua jornada de trabalho começava às quatro horas da madrugada, com a oração, a leitura do breviário e a leitura espiritual. Às sete horas, celebrava a Santa Missa. Às oito, tomava a sua primeira refeição. Depois despachava a sua correspondência ou ia à roça. Das dez à uma, dava aula. Depois de almoçar, concedia-se meia hora de repouso, após a qual, voltava ao trabalho. Às vinte horas, depois de ceiar, concedia-se geralmente um repouso, lendo livros, pois a leitura constituía para ele verdadeiro sedativo, dava uns passeios pela sua residência, conservava e deitava-se por volta das vinte e duas horas. (CASTELO BRANCO, 1998, p. 40).

A rotina das tarefas diárias desse sacerdote estava marcada não somente pelos afazeres religiosos, mas também pelas atividades de instrução escolar. Era nesse horário que ele transmitia os saberes e a cultura escolar aos seus alunos tornando-se, assim, um grande mestre de almas e da sofrível tarefa de educar a juventude piauiense. Após estudarem na Escola Boa Esperança, os jovens ingressavam nos serviços da administração da província e nas faculdades do Ensino Superior.

O padre Marcos zelava pela disciplina e ordem durante as atividades escolares, como assim ele dizia: “lembrem-se de que aqui queremos ordem, sem o que não se vai a parte alguma” (CASTELO BRANCO, 1998, p. 31). Fato comum na cultura escolar oitocentista era o uso dos castigos físicos e punições. A palmatória fazia parte dos materiais didáticos dos professores e mestres-escolas, sendo uma prática legitimada nas experiências educativas. Apesar da sua proibição pela Lei Geral do Ensino de 1827, a palmatória servia para disciplinar o comportamento dos alunos. Contudo, na escola Boa Esperança, padre Marcos “com sua mão de ferro em luva de pelica”, parecia não fazer uso dessas práticas coercitivas.

3.3 Fechamento da Escola (1850)

Este notável educandário que deixou um rastro luminoso nos anais da vida educacional piauiense desapareceu com o seu fundador. “Morreram os dois no mesmo dia, o Padre e o Colégio. Gerações de piauienses foram buscar conhecimentos seguros para poderem ingressar, alguns deles, nos estudos superiores fora do Piauí” (CHAVES, 1998, p. 438). Com a morte do Padre Marcos, em 4 de novembro de 1850, a escola é fechada, mas suas ações influenciaram ex-alunos, como afirma Brito (1996), os quais atuaram brilhantemente em cargos públicos. Segundo Nunes (2007, p. 48), “mantinha em sua escola 25 alunos aos quais dava gratuitamente casa, comida, ensino de primeiras letras, seguido de Latim, Francês, Retórica, Filosofia e Teologia, em 1846”. No Relatório do presidente da Província do Piauí, Ignácio Silveira da Mora, na abertura da Assembléia Legislativa, em 01 de setembro de 1850, no Mapa das Aulas Particulares da Província, registra que existiam 40 alunos matriculados na Escola particular da fazenda Boa Esperança. Infelizmente, nesta época, os registros escolares eram insuficientes, por exemplo, livros de matrículas, fichas individuais dos alunos e outros

documentos escolares que pudéssemos conhecer a trajetória escolar dos ex-alunos deste estabelecimento de ensino oitocentista.

Sabemos, no entanto, que, além da Escola Boa Esperança, surgiram outras escolas criadas e mantidas por iniciativa privada de clérigos ou de proprietários de terra; enquanto a província, da colonização até metade do século XIX, não solucionava os entraves da falta de escolas de Primeiras Letras, Secundárias e de professores habilitados para instrução formal dos piauienses. Ao longo de três décadas, entre 1820 e 1850, a escola Boa Esperança, instituição de um mestre singular, construía uma sólida tradição escolar que o sertanejo rústico até então não possuía, especialmente num tempo em que se acreditava que a escola não fazia sentido para essa sociedade. Foi com a bravura dos ensinamentos desse mestre de alma que jovens conseguiram mudar seus destinos.

A última notícia oficial sobre a Escola Boa Esperança é a mensagem à Assembléia Legislativa Provincial, feita pelo Presidente da Província do Piauí, José Antônio Saraiva, noticiando da morte do Padre:

É hoje nenhum ensino particular. A morte do Reverendíssimo P. Marcos de Araújo Costa, fechou as portas da única casa de educação, que possuía esta Província. Era ela sustentada a custa do virtuoso sacerdote, do benemérito cidadão, cujo nome acima pronunciei, e cujo passamento encheu de dor todos os corações Piauienses. (PIAUI, 1851, p. 17-18).

O último vestígio, na imprensa escrita, sobre a antiga casa onde funcionou a Escola Boa Esperança foi o artigo publicado no Jornal “O Dia”, em 11 de novembro de 1993, de autoria do geólogo Antônio Reinaldo Soares, funcionário da Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais – CPRM, onde expõe sua indignação pelo fato da demolição da casa que abrigou o “benemérito” da tradição escolar piauiense:

[...] O desejo de conhecer o local onde o benemérito Padre Marcos viveu, sempre se fez presente em mim e, realizei este sonho em 1991 quando tive a oportunidade de, inclusive, conhecer também sua região, o Riacho do Padre e seus caminhos, tantas vezes por ele trilhados. Lá estava a velha casa de adobe, o mesmo teto que abrigava aquele benfeitor da humanidade durante a melhor parte de sua vida e servira de refúgio a tantos estudantes, visitantes e viajantes, resistindo bravamente às intepéries do tempo. Imponente e magestosa, nos limites de sua simplicidade, como um Panteão sertanejo a contemplar aquele tão sofrido e esquecido pedaço de Brasil. Em 1993, a CPRM me concedeu a oportunidade de voltar as terras da fazenda Boa Esperança e, levado pela saudade daquele secular e imaculado tempo, revê-lo, foi a minha lembrança primeira. Logo ao chegar aqueles domínios

imediatamente procurei a velha morada. Ao ver o que havia sido feito daquele monumento, senti de início indignação e revolta, depois, saudade e vergonha incontida. Haviam posto abaixo aquele quase bicentenária casa, ela que fora até pouco tempo respeitado, sucumbiu à insanidade de poucos, afrontando e destruindo um patrimônio da história do Piauí. Ela foi traída pelos seus. No Local, apenas uma porção de tijolos jogados a esmo, e ainda duas paredes deixadas para o próximo inverno destruir. Senti pena das gerações futuras, amantes de nosso passado que não terão a oportunidade e o privilégio de estudar a habitação do venerado Padre Marcos. Meu Deus, com tanta terra sobrando e foram se preocupar com apenas um quase 15 x 30 metros. Quanta falta de respeito com a nossa história, tão pobre de monumentos. Onde está a nossa coerência? O que restará de nossas memórias? Aquele que faz a Rede Globo deslocar até ali, um dos seus mais credenciados repórteres, para que fosse registrar as imagens daquela heróica fortaleza que desafiara o século, que a chuva e vento não conseguiram pô-la ao chão, não resistiu às picaretas insensatas que falaram mais alto reduzindo a pó, a testemunha da presença viva do que foi a nossa primeira escola, na Província de São José do Piauí. (O DIA, 1993, p. 09).

Enquanto o casarão colonial manteve-se de pé, servindo como um testemunho do nosso passado educacional, seduzia e emocionava aqueles que tinham admiração a esse lugar simbólico, pois aquele monumento consolidava através das memórias visíveis que ali estavam a representação da primeira escola do Piauí.



FIGURA 06 – Casa do Padre Marcos onde funcionou a Escola Boa Esperança.
Fonte: Livro de Tombo da Fundação Cultural do Piauí – FUNDAC.

A edificação, FIG. 06, retrata através de sua simplicidade construtiva e plástica a arquitetura produzida no século XVIII no Piauí, em que predominam na volumetria os cheios sobre os vazios, soluções técnicas empregando carnaúba, tijolos em adobe, esquadrias em madeira fichada, acarretando tudo isso em produto simples e significativo da nossa cultura. A

casa-escola encontrava-se um pouco descaracterizada de seu monumento original, uma vez que passou por reforma e um trecho caiu por falta de reparo, trecho que abrigava a antiga varanda. Este imóvel sediou não apenas a moradia do núcleo familiar do Padre Marcos, mas serviu de palco para inúmeros acontecimentos históricos decorrentes da atuação deste educador, figura de expressão da igreja e de toda a vida político cultural oitocentista no Piauí. Nessas memórias visíveis, esquecidas, rejeitadas, confusas ou fragmentadas fomentaram as memórias ativas sobre o ensino da Escola Boa Esperança e da atuação do Padre Marcos como singular educador piauiense.

3.4 Ex-alunos da Escola particular de Boa Esperança: trajetória escolar e profissional

Na ausência de registros escolares dos ex-alunos da Escola, procuramos registrar as poucas informações que localizamos sobre a trajetória escolar e profissional destes piauienses.

MARCOS ANTÔNIO DE MACEDO, nasceu em Jaicós-PI, 1808, faleceu na Alemanha, Stuttgart, 1872, nascido "no meio de uma tribo de índios semi-selvagens", foi adotado pelo padre Marcos que lhe proporcionou uma vida de conforto e instrução, formou-se em advogado em Olinda (1836), foi magistrado no Piauí e Ceará, deputado e presidente das Províncias do Piauí e Maranhão, colaborador do Dicionário Universal Larousse, pesquisador, homem de múltiplas atividades, fez excursões científicas na Europa, Ásia e África. Autor da primeira monografia sobre a Carnaúba, *Notice sur le Palmier Carnaúba*, editada em Paris, 1857. Para o naturalista Manoel de Arruda Câmara, evoca a si a primazia de haver anunciado ao mundo a cera de que se extrai das folhas da carnaúba, julgando-a objeto curioso de química e persuadido de sua grande serventia para uso civil, o que fez em 1808; afirma Dom José Tupinambá da Frota, que alguns autores atribuem ao Dr. Marcos Antônio de Macedo “por ter descoberto a cera de carnaúba”. E adianta que o governo brasileiro recompensou com seis mil francos o descobridor Macedo. “Assevera ainda o Dr. Humberto Rodrigues de Andrade que, conforme escreve Joaquim Bertino de Carvalho, em 1836 já se extraía cera de carnaúba, e Macedo levou a Paris meio quilo, para análise” (ARAÚJO, 2007, p. 134).

Outra iniciativa que também notabilizou o ex-aluno, Marcos Antônio de Macedo, que também era topógrafo, foi a elaboração do primeiro projeto de transposição das águas do Rio São Francisco para o Sertão, em 1849, que após a seca de 1844/45, previa a retirada de

água do rio através de um canal, onde a água corria por gravidade até o Riacho dos Porcos, desse passava para o Rio Salgado até atingir o Rio Jaguaribe. No entanto, seu projeto só foi colocado em prática cerca de 30 anos depois, pelo Imperador D. Pedro II, na seca de 1877/79. “Demonstrou a necessidade de açudagens, do reflorestamento, fez estudos sobre a permeabilidade das águas pluviais, e subterrâneas, os meios de aumentar os mananciais, foi enfim um precursor da engenharia moderna que procurava solucionar o problema nordestino” (NUNES, 2007, p. 297).

Para Gardner (1975), foi um espanto encontrar um intelectual moderno nos rincões deste sertão. Sua admiração pelo refinamento deste letrado piauiense fez-lhe sentir muito pesar ao se despedirem,

Após ligeira refeição matutina, despedi-me do bom hospedeiro, que não pôde acompanhar-me por ter outros visitantes, mas o Dr. Marcos cavalgou a meu lado por mais de légua e meia. Aí nos separamos com mútuo pesar, porque é raro nestas remotas regiões que um amante de estudos da natureza encontre aqui um espírito afim. Depois de meu regresso à Inglaterra temos mantido correspondência, havendo-me ele enviado espécimes de objetos de história natural, muitos dos quais diferentes dos que eu pudera obter na breve esta ali. (GARDNER, 1975, p. 118).

ANTONIO DE SOUZA MARTINS, filho de Manuel de Souza Martins e D. Ana Rodrigues de Santana, nasceu em 1829, na então vila de Oeiras, província do Piauí, e formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito de Olinda, recebendo o grau de Bacharel em 1853. Iniciou sua carreira na Magistratura em sua província natal, servindo como Promotor Público de Jaicós, por decreto de 22 de dezembro de 1854, e Juiz Municipal e de Órfãos, sendo nomeado em decreto de 29 de setembro de 1859 para idêntico cargo do termo de Santo Antônio da Patrulha. Aí completou o tempo da lei e, tendo-se habilitado, foi nomeado Juiz de Direito da comarca de Alegrete, em decreto de 16 de outubro de 1860.

Em decreto de 21 de outubro de 1864, o Governo imperial designou a comarca de Taubaté para ter exercício do seu cargo, serviu durante o período de 14 de novembro de 1864 a 6 de março de 1866; deixou o exercício desse cargo por haver sido removido para a comarca de Itapicuru-Mirim, no Maranhão, em decreto de 10 de fevereiro de 1866, sendo depois removido para a da Paraíba, em decreto de 29 de novembro de 1873. Em decreto de 3 de agosto de 1878, foi nomeado Desembargador da Relação de Cuiabá, e removido para a de Belém, em decreto de 21 de outubro de 1880, ato que ficou sem efeito, sendo removido a pedido, em decreto da mesma data, para a de Ouro Preto. Aí exerceu o cargo de Procurador da

Coroa, Soberania e Fazenda Nacional, por decreto de 1º de dezembro de 1880, e foi removido para a Relação de Porto Alegre, em decreto de 6 de outubro de 1881.

Por seus serviços relevantes mereceu do Governo imperial ser nomeado, em decreto de 10 de dezembro de 1882, Presidente da referida Relação, cargo a que foi reconduzido em decretos de 19 de dezembro de 1885 e 9 de setembro de 1888. No período republicano, em sessão de 7 de março de 1890 da referida Relação, foi eleito seu presidente. Em virtude da reorganização da Justiça, foi nomeado, em decreto de 29 de janeiro de 1891, Juiz da Corte de Apelação do Distrito Federal, sendo eleito seu Vice-Presidente. Foi depois nomeado, em decreto de 12 de setembro de 1891, Ministro Adjunto do Conselho Supremo Militar, substituindo José da Mota Azevedo Correia, que fora aposentado. Por decreto de 19 de setembro de 1894, foi nomeado Ministro do Supremo Tribunal Federal; tomou posse em 10 de outubro seguinte e ocupou o cargo de Procurador-Geral da República por nomeação em decreto de 20 deste último mês, permanecendo nas funções até falecer.

Exerceu o cargo de Chefe de Polícia em três províncias do Império: Espírito Santo — nomeado em decreto de 12 de dezembro de 1862, sendo removido para a província de Minas Gerais em decreto de 22 de maio de 1863, aí servindo de 11 de junho seguinte a 19 de maio de 1864, havendo pedido demissão que lhe foi concedida em decreto de 30 de abril anterior; e Rio Grande do Sul – nomeado em decreto de 7 de fevereiro de 1880; assumiu o cargo em 24 de março, sendo dispensado a pedido, em decreto de 31 de outubro do referido ano. Foi agraciado com o título do Conselho, em decreto de 11 de agosto de 1883. Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, no dia 25 de dezembro de 1896, sendo sepultado no Cemitério de São João Batista, em cova rasa, conforme pediu nas derradeiras disposições.

FRANCISCO DE SOUSA MARTINS, nasceu em 5 de janeiro de 1805, na freguesia de Nossa Senhora das Mercês de Jaicós. Era filho do Coronel Joaquim de Sousa Martins e de Teresa de Jesus Maria. Segundo Chaves (1998, p. 456), “naquele tempo eram os pais que escolhiam a carreira para os filhos e seus pais haviam destinado para a carreira eclesiástica. O menino foi mandado para o colégio de um parente, o grande educador piauiense Padre Marcos de Araújo Costa, onde fez humanidades”. Também estudou no Seminário São José (1825) e depois na Universidade de Coimbra (1827). Teve que voltar de Portugal devido à crise política daquela época a qual fechou a Universidade. Criada a Faculdade de Direito, em Olinda, Pernambuco, foi estudar Ciências Jurídicas na recém faculdade criada no Império brasileiro. Recebeu o grau de bacharel em 1832, regressando imediatamente para o Piauí. Ingressa na carreira pública de magistrado (1833) na cidade de Oeiras-PI. Em 1834 era eleito Deputado Geral do Piauí, seguindo para o Rio de Janeiro. Revelou-se consumado entendido

em matéria de finanças. Falava bem e com eloquência. De 1834 a 1847 foi constantemente reeleito Deputado Geral, por 5 (cinco) vezes sucessivas, ora pelo Piauí, ora pelo Ceará. Também, em 1847, ocupou o lugar de Juiz dos Feitos da Fazenda, na capital do Império, somente por 45 meses, em razão de se ter agravado uma doença que há um ano lhe vinha minando o organismo. Segundo Freitas (1857, apud Chaves 1998, p. 458), no jornal do Diário de Pernambuco, em maio de 1857, noticiando a morte de Dr. Sousa Martins, assim expressou do Dr. José Manuel de Freitas: “A presidência de Dr. Francisco de Sousa Martins na Bahia é um dos seus momentos de glória. Ainda hoje os baianos agradecidos referem-na com mostra de júbilo, de satisfação, e nossa história contemporânea não poderá deixar de registrá-la”. Contudo, foi um piauiense que “possuiu grande talento, raras virtudes e prestou relevantes serviços ao Piauí e ao Brasil. Sua memória deve continuar viva numa página de honra da história de nossa terra” (CHAVES, 1998, p. 460).

Como membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), admitido em 1839, Melo (1996) diz:

A mais antiga incursão de que se tem notícia, nessa área, foi empreendida por Francisco Souza Martins (1846), que publica o curioso artigo *Progressos do Jornalismo no Brasil*. Acolhido pela prestigiada Revista do IHGB (Vol. 8, 1846: 262-275), o texto faz um balanço da imprensa periódica brasileira, enaltecendo a modernidade da infraestrutura gráfica instalada no país, além de comparar as tiragens dos jornais nacionais com os dados pertinentes a outros países. Surpreende a lente de aumento com que o autor enxerga a expansão no público leitor dos jornais brasileiros. Inicialmente escassa, quando da nossa independência política, essa audiência foi incrementada, no correr do tempo. Diz o autor que, um quarto de século depois (1822-1846), publicávamos um total de “86 jornais em todo o império”. Comparando, ele explica que essa quantia “não se acha em desproporção com as publicadas em França”, país cuja população total é “oito vezes maior que a nossa população livre”. A tiragem da imprensa foi estimada em mais de “8 milhões de folhas”, o que anima o historiador a fazer um exercício projetivo, indagando: “Se porventura a difusão da instrução pública for para o futuro mais favorecida [...] não poderemos esperar que d’aqui a mais vinte anos corramos o páreo com as nações mais civilizadas do antigo continente?”. Apesar de fartamente ilustrado por dados quantitativos, o texto de Souza Martins resvala no item credibilidade, tanto pelo ufanismo especulativo quanto pela ausência de fontes documentais. Isso talvez explique o silêncio em torno da sua tese, bem como o intervalo de mais de dez anos que transcorre entre ela e a publicação do estudo seminal de Fernandes Pinheiro ora apresentado em nossa pesquisa em Jornalismo. Como se demonstrará adiante, o texto escrito em 1859 adota estilo sóbrio, comedido, verossímil, argumentando de acordo com os padrões peculiares ao ritual acadêmico da sua época. Tais evidências permitem situá-lo como marco da pesquisa em jornalismo no Brasil. (MELO, 1996, p. 120-121).

O historiador Sousa Neto (2009, p. 196), em sua tese: “Entre Vaqueiros e Fidalgos: sociedade, política e educação no Piauí (1820-1850), explica sobre a influência do padre Marcos e sua Escola Boa Esperança que contribuíram para a “formação dos escalões menores da administração pública, ajudando a formar homens letrados para assumir o cotidiano da máquina administrativa pública, homens estes que ajudaram a dar sustentação a seu núcleo familiar por meio dos postos que assumiram”. Nesse sentido, vejamos no Quadro 02, em que é possível ver as ocupações profissionais as quais fizeram presente alguns ex-alunos da Escola Boa Esperança:

QUADRO 02
Ex-alunos da Escola de Boa Esperança

Antonio de Sousa Martins	Bacharel em Direito (Olinda - 1853). Promotor de Justiça em Jaicós. Juiz nas Províncias do Piauí, São Paulo, Rio Grande do Sul, Maranhão, Espírito Santo e Minas Gerais. Desembargador nas relações de Cuiabá, Ouro Preto e Porto Alegre. Presidente da Província do Rio Grande do Sul (1882/90). Chefe de polícia no Espírito Santo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Ministro do Conselho Supremo Militar. Membro do Conselho da Magistratura do Império. Juiz da Corte de Apelação do Distrito Federal. Procurador Geral da República (1894/6) e de Ministro do Supremo Tribunal Federal de Justiça.
Francisco de Sousa Martins	Bacharel em Direito (iniciado em Coimbra e concluído em Olinda). Professor de Francês. Procurador da Tesouraria da Fazenda. Juiz de direito em Oeiras e Niterói (RJ). Juiz dos feitos da Fazenda da Corte (1847). Convidado para assumir o Ministério da Fazenda, recusou o convite. Presidente de Província da Bahia (1834/5) e Ceará (1840). Chefe de polícia da Corte. Deputado Geral pelo Piauí (1838/41) e pelo Ceará (1843/7). Membro do IHGB.
Francisco José de Araújo Costa	Coronel. Comendador da Ordem de Cristo. Vice-Presidente da Província do Piauí (1878).
Jesuíno de Sousa Martins	Bacharel em Direito (1844 - Olinda). Deputado provincial em duas legislaturas (1846/7, 1848/9). Juiz em Teresina. Desembargador na Bahia.
João de Sousa Martins	Cônego. Vigário colado em Oeiras. Vigário Geral do Piauí. Deputado Provincial (1842/3-1844/5).
José de Araújo Costa	Coronel. Comandante Superior da Guarda Nacional. Deputado Provincial (1866/7, 1868/9). Vice-Presidente da Província. Presidente da Província (1878). Juiz em Teresina.
José de Sousa Martins	Tenente Coronel. Combateu a Balaiada.
José Rodrigues Coelho	Comendador.
Marcos de Antonio de Macedo	Bacharel em Direito (1836 - Olinda). Especialista em Ciências Naturais (França). Juiz no Piauí e Ceará. Deputado Geral pelo Piauí (1848/50). Deputado Provincial pelo Ceará. Presidente do Piauí (1847/8). Colaborador do Grande Dicionário Larousse. Escritor.

Fonte: SOUSA NETO, 2009, p. 196.

A trajetória dos ex-alunos da Escola de Boa Esperança oitocentista vem demonstrar a quem se dirigia a educação ministrada pelo Padre Marcos: aos que desfrutavam do privilégio de serem educados como herdeiros que eram de uma tradição familiar incontestável – ocupação, bens e prestígio.

O governo imperial autorizou a criação de aulas avulsas nas províncias e, desde a promulgação do Ato Adicional de 1834, o ensino primário e secundário passou a ficar a cargo das Assembléias Legislativas Provinciais, embora fiscalizada pelo governo. “Ao que parece, esse controle era exercido de forma irregular e comumente anárquica [...]” (ANDRADE, 2000, p. 74).

Contudo, a busca pela compreensão das experiências educativas oficiais na sociedade jaicoense da segunda metade do século XIX a primeira metade do século XX, norteia a discussão de que trata a parte seguinte desta pesquisa. De início, aparenta-se num recorte histórico de longa duração, mas acerca dos aspectos educacionais essa temporalidade se revelará muitíssima curta.

CAPÍTULO IV

EDUCAÇÃO ELEMENTAR: DA INSTRUÇÃO PÚBLICA AO GINÁSIO COMUNITÁRIO PADRE MARCOS

[...] ser a primeira causa do atraso da instrução primaria a grande falta, que sente-se, de indivíduos capazes de ser mestres à muitos exames de oppositores à cadeiras tenho assistido, durante a minha administração, e raro he o pretendente que me há parecido nas circumstancias de incumbir-se do magistério. Oppositores apparecem, tão estranhos às regras da grammatica portugueza, e da arithimetica, e com tantos vícios e imperfeições na leitura, que bem poderião, sem offensa, recaminhar-se à escola.

(PIAUHY, RELATÓRIO DO PRESIDENTE DA PROVÍNCIA..., 1847)

4.1 Implantação e estruturação do Ensino Público Elementar

A institucionalização da escola no século XIX, “[...] para fins historiográficos, considera-se a legislação educacional como um *corpus* documental, a partir do qual é possível perceber e analisar o processo da instalação do sistema escolar no país. Entende-se que não se deve confundir a norma com sua efetivação real” (STAMATTO, 2009, p. 26). Quanto ao Ensino de Primeiras Letras e Secundário, previa a Constituição de 1824, que seria gratuito para os cidadãos, embora não definisse a maneira de garantir essa gratuidade. Segundo, o regulamento de 1827 determinava a criação de escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugarejos, e de escolas para meninas nas cidades e vilas mais populosas. Permitia-se também o estabelecimento de escolas particulares, independentemente de licença, já que o ensino individual, importado da Europa ainda durante o período colonial, mostrou-se obsoleto e inadequado a uma educação voltada para classes constituídas de muitos alunos. Saviani (2006) diz que essas medidas acerca da política educacional no Brasil aconteceram

em um período de abrangência que se estende de 1823 até 1890, compreendendo quatro momentos:

O primeiro (1823-1827) iniciou-se ainda na vigência do século XVIII e nele se deram os antecedentes que prepararam o início do século XIX, é a fase dos debates sobre as grandes questões instituidoras da nova nação, quando a instrução pública ocupa lugar importante, ao menos no âmbito das proclamações; o segundo (1827-1854) transcorreu sob a égide da Lei das Escolas de Primeiras Letras, cuja tentativa de implantação em âmbito nacional se transferiu do governo central para os governos das províncias a partir do Ato Adicional à Constituição Imperial, promulgada em 1834; no terceiro momento (1854-1867), a política educacional trará como elemento característico o princípio da obrigatoriedade do ensino, instituído pelo Regulamento de 1854; finalmente, o último período (1867-1890), que tem em seu centro o decreto de 1879 que promulgou a Reforma Leôncio de Carvalho, será fértil em debates à ideia de organizar a educação no âmbito nacional. (SAVIANI, 2006, p. 11).

O presidente da Província, Manoel de Sousa Martins, em 17 de março de 1828, solicita informações às câmaras municipais sobre localidades onde pudessem instalar escolas de primeiras letras. Segundo Brito (1996, p. 21) “[...] as informações recebidas levaram a criação de escolas nas vilas e nos povoados do Poti, Barras, Piracuruca, Piranhas e Jaicós, além de duas na cidade de Oeiras. São ao todo catorze novas escolas”.

Dessa forma, a Lei de 15 de outubro de 1827 recomendou a adoção do método de Lancaster ou de Ensino Mútuo, baseado no espírito de imitação dos alunos, pois os mais preparados ensinavam aos mais fracos, exercendo o professor o papel de supervisor. Por receber diversas críticas, esse método de Ensino Mútuo foi substituído pelo Ensino Simultâneo, que apresentou também grande dificuldade de execução, pois uma mesma classe, enquanto uns alunos cuidavam da leitura, outros cuidavam do cálculo ou da escrita. Acabou predominando o Método Misto (simultâneo e mútuo). “O ensino, com os conteúdos de leitura e escrita, e até de latim, pouco interessava a uma população de vaqueiros e homens da terra. O ensino, dissociado da realidade, não oferecia atrativos ao povo, que não sentia a necessidade de tais conhecimentos.” (FERRO, 1996, p. 58).

Ao longo do século XIX, os currículos do ensino nas províncias passaram também por constantes modificações. De modo geral, a instrução primária constava de dois graus: no primário (inferior), o currículo era composto de leitura, escrita, as quatro operações de aritmética, frações ordinárias e decimais, princípios de moral e doutrina cristã; no segundo (superior), acrescentava-se a aritmética mais profunda, noções de deveres morais e religiosos

e elementos de geografia. Nas escolas de meninas (separada dos meninos), eram incluídas a prosódia, a ortografia e matérias voltadas à educação doméstica. Nos estabelecimentos do ensino secundário, ensina-se o latim, o francês, a filosofia, a retórica, a geografia, a história e, em algumas escolas, desenho linear, escrituração mercantil e de fazenda, química e botânica médicas e farmácia.

Durante as décadas de 50 e 60 do século XX, tentou-se uniformizar o ensino, com a criação das Escolas Normais. Em 1867, o ensino público foi dividido em elementar primário, superior primário e secundário. O elementar primário compreendia: leitura e escrita, instrução moral e religiosa, noções de gramática, princípios de aritmética e sistema métrico de pesos e medidas. No superior primário seriam acrescentadas: a aritmética prática, gramática portuguesa e história do Brasil. O ensino secundário incluía matérias de aplicação técnica e de ciências experimentais. Foram fundados estabelecimentos de ensino secundário e mecânicos na antiga capital da província Oeiras-PI, como o Liceu Piauiense (1845) e o Educando Artífices (1847); na nova capital, Teresina-PI, foi criada a Escola Normal (1864); Na vila de Floriano, a Escola Agrícola para filhos de libertos (1874). No entanto, “as aulas particulares avulsas de instrução primária e de matérias isoladas da instrução secundária foram uma constante no panorama educacional desde a primeira metade do século XIX. Elas existiram em grande número em Teresina, bem como nas vilas e nas próprias fazendas [...]” (QUEIROZ, 2008, p. 45).

A partir de 1882, o Liceu começou a sofrer concorrência de colégios particulares e de aulas avulsas, inclusive ministradas no interior da Província. O Colégio de Nossa Senhora das Dores, O Colégio de Karnak, o Colégio de São Vicente de Paula, O Ateneu Piauiense, o Colégio Diocesano São Francisco de Sales e o Instituto 21 de Abril, além de outros, em diversas épocas, destacaram-se no ensino das matérias do curso secundário. (QUEIROZ 2008, p. 18).

No Brasil, após 1870 sucessivas reformas de ensino foram implementadas estabelecendo-se, entre outras medidas a liberdade de ensino; surgiram as primeiras escolas ligadas ao positivismo e às Igrejas Protestantes. Houve um aumento significativo das escolas femininas católicas, dirigidas por religiosas estrangeiras, que atuavam assim como as ordens religiosas masculinas que orientavam colégios voltados aos meninos.

Na segunda metade do século XIX, das 4.600 escolas secundárias, 60 % pertenciam a Igreja Católica (HILSDORF, 2006, p. 48). A falta, porém, de uma política educacional eficaz fez com que o ensino, voltado para as atividades intelectuais e caracterizado pelo desprezo às

artes manuais, alcançasse apenas as camadas mais favorecidas. Em 1872, o Brasil contava com aproximadamente 10 milhões de habitantes, e apenas 150.000, ou seja 1,5%, encontravam-se matriculados nos 6.350 estabelecimentos existentes. Em fins do império, em 1889, de uma população de 14 milhões, apenas 1,7 % frequentava as escolas, o que correspondia a 250.000 alunos. (HILSDORF, 2006, p. 50).

O quadro herdado no Império não se modificou de forma substancial ao longo do tempo – quer no que se refere ao aspecto material, quer quanto às interferências políticas no exercício da profissão: professores semi-analfabetos ou até analfabetos, segundo as folclóricas notas da imprensa; concursos em geral fraudulentos; ordenados miseráveis e frequentemente atrasados; inexistência de prédios escolares e de verba para aluguel de salas para esse mister; perseguições políticas por parte dos inspetores literários; total inexistência de material didático, inclusive de quadro de giz e de livros – sendo prática usual a dos alunos se alfabetizarem utilizando-se de velhos jornais que alcançavam o interior; exonerações e substituições devidas unicamente a critério da política partidária, para ficar em apenas alguns pontos. Não é possível deixar de referir à incipiente urbanização, às distâncias a percorrer pelos alunos até alcançar a aula primária e à própria condição dos alunos, “rotos e descalços”, numa das descrições do período. Não foi prática incomum, ao longo de todo esse período, a de fecharem-se aulas primárias por falta de alunos ou por frequência muito reduzida. Se, de um lado, as condições materiais da província e do Estado mudavam de forma muito lenta, eram sucessivas e frequentes as alterações da legislação escolar. As medidas tendentes a solucionar o problema da educação popular variavam da decretação da obrigatoriedade do ensino da criança em idade escolar, com aplicação de punições – multa ou prisão – aos pais ou responsáveis que não atendessem a essa norma [...]. (QUEIROZ, 2008, p. 12-13).

No relatório enviado ao Presidente da Província, Dr. Emigdio Adolpho Victorio da Costa, em 18 de junho de 1883, pelo Diretor Geral da Instrução Pública, Manoel Hafonso de Sousa Lima, diz:

[...] poderá, acaso, haver organização financeira, progresso moral ou material, onde o cidadão não possuir conhecimento pleno dos seus deveres e dos seus direitos, onde não houver inteligências (sic) cultivadas? Esta província carece de base estável, e esta é, sem dúvida, a instrução. (PIAUI, 1883, p. 11)

No Mapa das Cadeiras de instrução primária e secundária, no ano de 1854, as matrículas na Comarca de Jaicós eram a seguinte: 20 estudantes, do sexo masculino; 10

estudantes, do sexo feminino; também, funcionava aula particular de latim a qual era frequentada por 16 estudantes. O motivo para instalação das escolas mistas:

[...] Como meio mais econômico e vantajoso de satisfazer essa necessidade, lembrarei a criação de uma escolha mixta dirigida por professora, o que, além do mais, terá a grande conveniência de tornar conhecidos os bellos resultados d'esse systema que, em outros paizes, é hoje adaptado com reaes vantagens para a instrucção. A experiencia tem demonstrado que em igualdade de conhecimentos a mulher comunica aos meninos o que sabe com mais facilidade do que o homem. Como observa Laveleye, “ella tem menos aspereza e pedantismo, mais paciencia, imaginação e doçura. Com ella a escolha deixa de ser para o menino uma prisão sombria, cheia de punições e de aborrecimentos e torna-se por assim dizer o prolongamento do lar domestico, onde reina o doce espirito da família, e onde irmã mais velha instrue seus irmãos e irmans menores”. É pois para desejar que seja recusada a satisfação dessa necessidade geralmente reconhecida offerecendo se ao mesmo tempo o meio pratico de julgar com segurança o systema de co-educação dos sexos nas escolhas primarias, o qual um vez admittido como útil à instrucção, pode vir a ser de grandes vantagens econômicas para a provincia. (PIAUY, 1886, p. 16)

No Quadro 03 são relacionados os nomes dos professores e o ano em que ocuparam as cadeiras de primeiras letras na Vila de Jaicós.

QUADRO 03
Professores Públicos da Comarca de Jaicós no século XIX

Nome do Professor	<i>Ano</i>
José Torquato Baptista	<i>1835</i>
Francisco Antonio Piauhilino	<i>1845</i>
Joaquim Damasceno Rodrigues	<i>1846</i>
Francisco Antonio Piauhilino	<i>1847</i>
Francisco Antonio Piauhilino	<i>1850</i>
Joaquim Jusselino Viriato Formiga	<i>1851</i>
Francisco Antonio Piauhilino	<i>1855</i>
Camilo Lelis de Carvalho	<i>1881</i>
Antônia Rosa Dias de Freitas	<i>1882</i>
Antônio D'Alencar e Silva	<i>1883</i>
Anisia de Almeida Freitas	<i>1884</i>
Anna Clara de Lima e Castro	<i>1885</i>

Fonte: Casa Anísio Brito, Arquivo Público de Teresina.

Significativas são as evidências de que indivíduos da camada intermediária da sociedade jaicoense oitocentista recorriam a professores particulares para ensinar a seus filhos principalmente as primeiras letras. Ainda é possível inferir algumas preferências quanto aos professores, em função das circunstâncias em que se encontravam os alunos e suas famílias. Por exemplo, quase todos os documentos localizados até o momento indicam a presença dos professores ambulantes, que ministravam aulas onde eram convocados, reunindo alunos de várias famílias para compor uma turma.

Aqueles que tinham mais condições financeiras contratavam professores só para seus filhos, sendo estes os mais conhecidos: Desidério, Moisés Francisco da Costa, Sinhá Bessa Luz, Dona Saló, Teodoro da Silva e Josefa Bessa Luz. Penso ser possível levantar a hipótese de que fossem pessoas que tinham alguma outra profissão ou ocupação e que aproveitavam sua capacidade de leitura e escrita para desenvolver uma atividade remunerada paralela, ensinando meninos e meninas a ler e escrever, contratados pelos familiares dos seus alunos. Outro elemento que reforça essa hipótese é que nunca é referido a eles a vinculação a uma cadeira de instrução pública nos documentos oficiais do período. Segundo Sampaio (1996, p.78), “foram eles na maioria quase iletrados que bem letraram as gerações passadas, num verdadeiro esforço de pioneirismo, [...] indo de fazenda à fazenda, de casa em casa, oferecendo os préstimos da grande missão que se entregam com fervor de quem abraça por vocação um verdadeiro sacerdócio”.

Os mestres ambulantes atuaram em Jaicós, na zona urbana, até a criação da primeira escola agrupada Anísio de Abreu em 1931. No entanto, nos povoados mais distantes eles continuaram ensinando. Assim, no povoado de Boa Esperança distante 15 (quinze) quilômetros de Jaicós e próximo a divisa dos estados do Pernambuco e Ceará, relata o morador Dílson Dantas (2009), que havia mestres-escolas que faziam o trabalho de ensinar as crianças daquela região na década de 40 do século XX.

Lembro de um mestre-escola que eu conheci aqui. Mestre Sebastião, forasteiro, não sei se era do Ceará ou do Pernambuco. Vivia disso, professor de ensinar o alfabeto. Nesse mês ia para casa de fulano e no outro mês era contratado para dar aula na casa de sicrano. Na casa de minha [...] meus primos assistiam aulas com o velho Aprijo, ele tinha uma escola particular de ABC, funcionava direto, mas não vivia só disso não, era um sapateiro fraco da época. Ele ensinava também aos meninos outras coisas como amarrar chocalho em animais, cuidar das criações e consertar objetos da roça. A escola funcionava na casa dele uns quatro quilômetros daqui e meus primos iam todos os dias a pé assistir as aulas na escola do velho Aprijo. Esse não saía de casa não, ensinava na casa dele. (Depoimento Dilson Dantas)

Nessa época, o País enfrentava várias mudanças impetradas com a Revolução de 1930, e a ascensão de Getúlio Vargas ao Poder, o qual implanta, a partir dos seus ideólogos, um projeto modernizador antagônico à república dos coronéis. Tais ideias também invadem o Estado do Piauí e influenciam de sobremodo a educação.

Para Nascimento (2002), a Revolução de 1930 visava aumentar as ofertas de salas de aula, sendo que outras modificações também ocorrem no Piauí, com a reformulação da diretoria de Instrução Pública, inauguração da Faculdade de Direito, ambas em 1931.

Em 1933 deu-se a elaboração da reforma educacional na legislação, que se assemelha aos projetos de ideias renovadoras de 1932. Além disso, ocorreu a disseminação das escolas municipais no estado do Piauí.

4.2 Das escolas isoladas ao Grupo Escolar Anísio de Abreu

A escola Reunida Anísio de Abreu funcionava com homens e mulheres em salas separadas. Posteriormente a Escola Reunida foi transformada em Grupo Escolar Anísio de Abreu, que inaugura uma nova fase educacional para a cidade de Jaicós. Em virtude do decreto 434 de 19 de abril de 1910, e da Lei 565 de 22 de junho do mesmo ano (PIAÚÍ, 1910), que aprovou o Regulamento o qual promoveria uma reforma na estrutura não só da rede escolar, mas da qualidade do ensino. Segundo Brito (1996) foram

[...] os intelectuais piauienses da Primeira República que procuraram promover a expansão do ensino e sua melhoria qualitativa, enfatizando urgente formação de professores melhor qualificados para magistério primário, certos de que o despreparo dos professores era a principal causa da deficiência do ensino. (BRITO, 1996, p. 46)

A reforma do ensino estabelecia que o ensino primário fosse ministrado em dois níveis: o elementar (três primeiros anos de ensino) e o complementar (o último ano). Dessa forma, as escolas isoladas ministravam apenas o ensino elementar e os Grupos Escolares ministrariam o curso primário completo com duração de quatro anos. Para Brito (1996, p. 50) a diferença “entre escola isolada para o grupo escolar poderia funcionar um tipo intermediário de escola primária: as escolas reunidas que, constituídas do agrupamento de três a mais

escolas, funcionavam sob uma única direção”. Quanto ao currículo do ensino primário se constituía das seguintes disciplinas: Leitura e Escrita, Gramática, Caligráfica, Aritmética, Geometria, Geografia Geral, Geografia do Brasil, Noções de Ciências Físicas e Naturais, Música, Desenho, Ginástica e Trabalhos Manuais.

Em Jaicós, no período da consolidação do ensino público no Município, chegou junto com a professora normalista Lira Maria da Cruz Coutinho, transformando a realidade educacional da cidade, que percebia a normalista como professora preparada. A professora Líria, filha de classe média teve o privilégio de continuar seus estudos na capital, e, embora com dificuldades, se deslocava a cavalo de Jaicós para Teresina. Ensinava em todas as turmas da Escola Anísio de Abreu em função da falta de professoras normalistas. Em 1935, chegou em Jaicós a professora Francisca de Melo Lobo, normalista, vindo da Escola Normal de Teresina-PI.

Segundo o termo de visita de inspeção lavrado aos catorze dias do mês de julho de mil novecentos e trinta e dois, pelas dez horas, compareceram à sede desta Escola Isolada da referida cidade, os membros do Conselho Popular de Instrução deste Município, bacharel Manoel Felício Pinto, e o cidadão João Lélis. Em seguida passaram a fazer os exames orais aos alunos que estavam a cargo da professora Lira Maria da Cruz Coutinho, no momento, registrou-se 71 alunos matriculados em dois turnos, manhã e tarde. No turno pela manhã 50 alunos foram arguidos pelos inspetores sobre os materias do curso e, assim, atestaram que não havia nenhum fato anormal e que o bom funcionamento da escola devia-se ao fato do esforço e dedicação desta primorosa professora.

Na década dos anos 40 do século XX, também chegaram mais professoras vindo do Crato-CE, Petrolina-PE e Salvador-BA, geralmente professoras casadas com funcionários públicos que acompanhavam seus maridos e, assim, quando chegavam a Jaicós-PI, através dos contatos políticos e das relações de interesses conseguiam, incorporá-las nas escolas públicas estaduais. Nos anos de 1950, a ex-aluna do Grupo Escolar Anísio de Abreu, volta para sua terra natal, depois de estudar no colégio de freiras de Santa Teresa no Crato-CE. Inicialmente, não conseguiu ingressar nas escolas públicas da sede devido às perseguições políticas, ou seja, quem fazia oposição aos políticos era encaminhada para lecionar nas escolas isoladas da zona rural.

Voltei do Crato-CE em 50, mas não pude trabalhar no Anísio de Abreu, tive que trabalhar em Patos (antigo povoado de Jaicós-PI), por que nessa época existia aqui os coronéis, que era na época de Alberto Luz e Humberto Reis, como nossa família não

votava em Aberto Luz, aí Humberto colocou-me para ser professora lá em Patos, que era no tempo da política em que haviam uma perseguição dura. Quando cheguei formada normalista do Crato-CE, não pude a ser professora aqui na sede do município. Depois de dois anos trabalhando na zona rural foi que eu vim trabalhar no grupo escolar Anísio de Abreu. Nessa época tudo era muito difícil e muitos alunos precisavam de ajuda e eu sempre dava um jeitinho para que todo mundo pudesse aprender. Às vezes as pessoas chegavam e diziam, Oh! D. Adelite eu tenho uma vontade de estudar, mas moro no interior. Vamos fazer uma coisa. Você arruma uma casa pra trabalhar, uma casa pra fazer uma faxina, uma limpeza, e você em vez de cobrar e a pessoa lhe pagar, a pessoa lhe ajuda nas despesas da escola. Comprar as fardas, as meias, os mantimentos. Lembro-me de uma senhora veio até mim e disse desse jeito: “Eu também quero que meu filho venha estudar aqui porque eu já ouvi dizer que o estudo aqui é melhor que em muito lugar” disse desse jeito, aí eu disse assim, vai dar certo. Tudo vai dar certo, não só dar certo se cada um de nós não quiser, porque é melhor ter nem que seja pouco, mas do que ter muito e não valer nada. (Depoimento Maria Adelite de Carvalho, 2010)

Sobre a professora Maria Adelite de Carvalho, o ex-aluno Francisco da Chagas Cruz, relata a contribuição desta professora para a educação municipal, e também, do amor que ela tinha pela educação.

O primeiro momento no Grupo Escolar Anísio de Abreu, lembro-me que era um dia chuvoso que diferenciava do clima da região. Sem sol e aquele momento marcou muito o contato com Dona Adelite Carvalho, professora que nos recebeu com carinho, com alegria. Lembro-me que naquele clima, brincando com a criançada, era uma criança muito tímida. Fiquei muito nervoso no meu primeiro dia de aula e para acalma-se comecei a roer as unhas, mas não conseguia ficar calmo. Então, comecei a passar as unhas sobre um saco plástico o qual minha querida mãe havia plastificado a capa da carta de ABC. E, diante daquele clima de alegria das outras crianças, eu passava a unha na capa da cartilha sobre o plástico e, com um olhar bem vivo para as outras crianças, fica evidente aquele sentimento de medo. Não conseguia me acalmar e com a unha puxava o plástico da cartilha, assim com força, e aquilo era como eu tentava me acalmar naquele momento. Diante disso, Dona Adelite repreendeu-me, mas foi uma repreensão de carinho, de amizade. Lembro que ela afagou-me e passou a mão sobre minha cabeça dizendo que me acalmasse e que tudo estava bem. Da mulher meiga, da educadora enérgica, mas carinhosa. Como me soube receber nesse primeiro dia. Dia o qual eu jamais esquecerei e aí eu iniciei a caminhada educativa no tradicional Anísio de Abreu. (Depoimento Francisco das Chagas Cruz, 2010)

Essa professora ressaltou o prestígio social e o respeito que eram conferidos à profissão pelas demais pessoas. Destacou, ainda, o fato de que essa profissão eram uma das poucas opções profissionais que a mulher de classe média ou dominante podia assumir naquela época. No depoimento do ex-aluno Pedro Ribeiro de Oliveira fala da importância que a professora representou para existência e funcionamento do Ginásio Padre Marcos.

Professora Adelite foi uma incansável trabalhadora pelo Ginásio. Ela era uma pessoa que trabalhava de corpo e alma, trabalhava por que achava bom! Gostava do que fazia. É pra gente muito bom por que ela tinha um interesse muito grande e aquele interesse que ela tinha pela CNEC, ela passava também para os agente, passava para os alunos de tal maneira que a gente criou nela uma pessoa assim admirável. Até hoje ela nos causa admiração, sabemos da crise ruim que a CNEC estar passando e notamos a preocupação dela pela aquela escola, ou seja, o sofrimento que ela transmite pela fase ruim. Digamos assim era como fosse um patrimônio dela, tal foi a dedicação dela. A gente ver é como fosse uma morte! Ela passa por isso e sente um profundo pesar. Um negócio fora do comum. Professora Adelite foi pra nós ao lado do padre Mariano, cada um na sua área, uma pessoa especial não só como professora, mas como ótima orientadora e uma grande estimuladora daquela escola. (Depoimento Pedro Ribeiro de Oliveira, 2004)

Assim, é possível perceber que as professoras primárias na primeira metade do século XX, normalista ou não, tiveram um papel social de introdução de novos valores sociais, ou seja, desde a concepção que resultou “a criação dessa professora ideal e idealizada como virgem, missionária e beata” – até sua emancipação profissional através do magistério que representava “[...] as classes médias e mais altas, por ‘senhoritas da sociedade’ teresinense e do interior do Piauí” (QUEIROZ, 2008, p. 95). Nesse caso, a especificidade do “ser professora” aparece representada com o discurso do amor, da docilidade e da vocação, como táticas para encobrir as condições concretas e as concepções de educação nas quais a prática docente acontece. Dessa forma, esses elementos discursivos foram interferindo nas relações de trabalho e impedindo a construção de uma carreira profissional valorizada.

4.3 Ginásio Padre Marcos: “educar para desenvolver”

Cenecistas do santo ideal
 nós marchamos em busca de luz
 desta luz que desprende o fanal
 da instrução cujos raios a fluxo
 do intelecto derrama fulgores
 [...]
 No Ginásio onde vimos
 a virtude a ciência aprender
 neste abrigo querido sentimos
 de outras mãos o amor nos prender
 assim vamos com o nosso seguro
 alcançando brilhante futuro

(HINO OFICIAL DO GINÁSIO
 PADRE MARCOS)¹⁰

O município de Jaicós-PI, nos anos 1950, contava com poucas escolas primárias públicas e particulares e poucos cursos que preparavam os alunos para exame de admissão em outras localidades. Segundo o Censo Demográfico de 1953, a população jaicoense era de 23.800 habitantes com mais de 5 (cinco) anos de idade, 3.645, ou seja, 15,7%, sabiam ler e escrever, das quais 2.294 eram homens e 1.351, mulheres. Das 739 pessoas com 5 (cinco) anos mais de idade, domiciliadas na sede do município, 186 homens e 196 mulheres sabiam ler e escrever. Entre os municípios do Estado, Jaicós ocupava o 33º lugar em alfabetização, com um índice de 15,79%. A sede do município, com a porcentagem de 51,60%, atingiu o 14º lugar. A zona rural ficou em 28º lugar, com 14,61%. Em 1956, funcionavam 8 escolas de ensino fundamental (antigo ensino primário), sendo 4 estaduais, 1 municipal e 3 cursos supletivos. A matrícula registrada foi de 335 alunos, dos quais 156 em homens e 179, mulheres (BRASIL, 1953).

Naquele momento, não eram atendidas as necessidades educacionais de ensino primário público da população, da perspectiva do quantitativo e do acesso a uma escola para prosseguimento das etapas subsequentes, ficava restrito a uma minoria privilegiada. O vazio deixado pela administração pública abriu espaço para criação de um ginásio comunitário: o Ginásio Padre Marcos.

A ação social da Campanha Nacional das Escolas das Comunidades (CNEC) tinha o propósito de instalar educandários gratuitos nas comunidades do interior do Brasil, onde as

¹⁰ Hino oficial do Ginásio Padre Marcos, Letra (autor desconhecido), Música do maestro Camilo L. Feitosa.

emoções, os sentimentos e as comoções, agindo em círculos concêntricos de raios menores, tornam-se mais vividos, mais profundos e mais duradouros, a Campanha realizava o milagre social de atrair a seu campo neutro, todos os que, fora dela, têm dimensões filosóficas, políticas e religiosas.

Fundada em 1943, na cidade de Recife/PE, como Campanha do Ginasiano Pobre, a CNEC nasceu do ideal de um grupo de estudantes universitários que, liderados pelo Professor Felipe Tiago Gomes, resolveu contrariar a situação instalada – a escola como privilégio de poucos – oferecendo ensino gratuito a jovens carentes.



FIGURA 07 – Felipe Tiago Gomes. Jaicós-PI, 1977.
Fonte: Arquivo Particular Lourenilson Leal de Sousa.

O trabalho voluntário de seus idealizadores se propagou pelo Brasil, comemorando adesões e compromissos que fizeram da Campanha do Ginasiano Pobre, que inicialmente abrigava pedidos de ajuda e orientações para a criação de unidades escolares. A Campanha Nacional de Escolas da Comunidade foi reconhecida como o mais expressivo movimento de educação comunitária existente na América Latina.

Sintetizando, desse modo, as forças vivas retraídas por qualquer motivo de ordem interior, a Campanha promovia, nos mais distantes recantos da pátria, a plenitude da dinamização social em torno de uma ideia que pairava muito acima de todas as restrições que possam existir nas relações do pequeno cotidiano. Conseguia, assim, a CNEC reunir, em torno de uma ideia, cidadãos e cidadãs identificados com os problemas nacionais e esperançosos de que para os mesmos problemas, surja a solução.

A filosofia e a estrutura da CNEC através dos propósitos comunitárias, permitia, como em raros outros casos, um bom aproveitamento dos recursos federais destinados à

difusão do ensino ginásial e médio no país. Vale ressaltar, que à proporção que o Governo Federal tornou mais expressivo o auxílio financeiro que prestava à Campanha através de dotações orçamentárias estava promovendo, mais rapidamente, a disseminação do ensino, sobretudo em áreas em que se tornava difícil sua ação direta, a dos Governos Estaduais (alguns adotaram a Campanha como solução) e até mesmo a dos particulares.

Para que se compreenda a utilidade dada aos recursos que o Governo Federal oferecia à CNEC, através do Ministério da Educação e Cultura, é oportuno salientar-se os resultados indicados pelas pesquisas da época a que procedeu a Campanha através de seus órgãos estaduais, sobre o custo médio anual do aluno: estabelecimentos particulares, NCr\$ 162,57; estabelecimentos oficiais estaduais, NCr\$ 221,31; aluno cenequista, NCr\$ 48,97.

Em 1966 o auxílio do Governo Federal representou, em média (aí incluindo-se as regiões menos desenvolvidas, onde forçosamente é menor a contribuição da comunidade) 45%. Ainda assim, há que considerar-se o baixo custo do ensino da CNEC, comparando aos demais, o que recomendava o seu estímulo.

A CNEC manteve o seu acelerado ritmo de desenvolvimento e, de ano para ano, não só aumentava a sua capacidade de matrícula, como – o que mais importante – conseguia chegar em novas regiões do território brasileiro, especialmente aquela que, pelo seu menor índice de desenvolvimento, mais careciam da sua contribuição. Dessa assertiva é significativo exemplo a expansão da Campanha aos Estados do Acre, Amazonas e Pará, onde despontava expressivo número de educandários.

A CNEC, no ano de 1969, embora encontrando sérios obstáculos nos primeiros tempos, conseguiu, em apenas 25 anos, estender o seu programa de ação para: 775 municípios brasileiros, em todos os estados da federação; 973 estabelecimentos de ensino de nível médio; 1.234 cursos (secundário, comercial, normal); 5.623 turmas, atendendo 180.000 estudantes. No Piauí estava presente em 25 municípios, 25 cursos, 112 turmas.

Destaque-se, no arrojado projeto desse ideal, a escolha de um modelo de gestão com bases na democracia, o que garantiu a livre manifestação das aspirações envolvidas pela via da participação efetiva da comunidade em todas as instâncias de direção, desde o Conselho Comunitário, passando pelas Diretorias Estaduais, até a Diretoria Nacional. O modelo de gestão se fortaleceu ao longo desses 62 anos de plena e profícua atividade e se revela em perfeita harmonia ao fundir o idealismo do jovem Felipe Tiago Gomes – o visionário – ao profissionalismo de seus atuais gestores.

Ao longo de sua trajetória, que traduz a evolução do Terceiro Setor no Brasil, priorizou a Educação Básica e Profissionalizante como principais produtos, haja vista a

premente demanda pela prestação desses serviços, em especial no interior do País. Chegou a manter mais de 2000 unidades, estabelecendo-se principalmente junto àquelas comunidades em que o Estado não apresentava condições de suprir as carências apresentadas.

Assim, ao tempo em que o Estado iniciou processo de retomada de suas obrigações no que pertence à educação, notadamente com a criação do FUNDEF (Fundo de Desenvolvimento do Ensino Fundamental), a CNEC iniciou processo gradativo de redução de suas unidades, optando por continuar suas atividades onde a prestação de serviços educacionais e assistenciais eram escassos, voltada para a formação integral de pessoas, indo ao encontro das necessidades e interesses das comunidades beneficiadas.

Na Educação Superior, em movimento contrário e refletindo de maneira singular à demanda nacional, a linha de expansão da CNEC é especialmente verificada nas últimas décadas do século XX, com a criação de 10 Instituições Cenevistas de Ensino Superior (ICES).

Em sua trajetória no Brasil apresenta, ainda, significativas contribuições para a redução das diferenças sociais, representadas pela promoção de projetos de assistência social que visam, principalmente, a melhoria das condições de vida de crianças, jovens, adultos e idosos em situação de vulnerabilidade pessoal e ou risco de exclusão social. Nesse contexto, são mantidos projetos que promovem a inclusão social pelo processo educacional, reforçando-se, principalmente, os que visam à capacitação profissional de portadores de necessidades especiais, para ingresso no mercado de trabalho e ou geração de renda.

Entregavam-se, portanto, ao trabalho da democratização dos Ginásios, com a maior seriedade e dessa união advinham soluções de outra natureza na direção de metas do progresso material moral e intelectual. Efetivamente, superadas as restrições de cada um, a comunidade agia como um todo, exercitando virtudes outras de natureza moral e de natureza cívica.

De acordo com o depoimento da ex-secretária e ex-professora, Maria Adelite de Carvalho (2004), na festa a qual se comemorou os cinquenta e um anos de fundação do Ginásio Padre Marcos, em 23 de março de 2004, explica-se como surgiu esta escola.

De imediato chegou o Deputado, em saudosa memória, Alberto Bessa Luz que indo ao Rio de Janeiro foi informado pelo um conterrâneo que lá residia, João Antônio Monteiro, que no Rio um paraibano recém chegado e formado, foi informado em que poderia trazer para Jaicós a CNEC que quer dizer Campanha Nacional das Escolas na Comunidade, no de 1953, foi assim como se instalou o ginásio nesta cidade. O primeiro diretor do Ginásio foi o padre Mariano da Silva Neto e, também, professor de

Latim, Língua Portuguesa, História e Geografia. Fui a primeira secretária e, também, professora de Desenhos e Trabalhos Manuais. Lembro-me que o Deputado Alberto Bessa Luz dizia que foi através do nosso conterrâneo, João Antônio Monteiro, que ele conseguiu chegar até o professor Filipe Thiago Gomes e recebeu a autorização para trazer a primeira Escola Cenequista do Piauí, Ginásio Padre Marcos, sediado em Jaicós. Recebeu o nome de padre Marcos por que foi um sacerdote que muito fez pela nossa região. A aula inaugural aconteceu no dia 23 de março de 1953. Foram os professores fundadores do Ginásio: Padre Mariano da Silva Neto, Daida e Maria Adelite de Carvalho. A primeira turma do Ginásio era composta de vinte e quatro alunos. Fico muito feliz em dar este depoimento e considero-me muito realizada em ter servido a minha terra natal e ainda hoje tenho verdadeiro apresso pela a escola que foi o meu primeiro trabalho – o Ginásio Padre Marcos. (Maria Adelite de Carvalho, 2004)

Quando a CNEC se instalava no município era como um autêntico toque de reunir, pois todos que estavam em condições de cooperar eram convocados para o debate. Não havia questionamentos e inibições, ou seja, falsas modéstias. Toda a comunidade sabia que havia necessidade de formar uma única e sólida linha de frente e que, para isso, foi conclamada.



FIGURA 08 – Portão de entrada do Ginásio Padre Marcos.
Fonte: Arquivo Particular Lourenilson Leal de Sousa.

Surgiam, então, os mais inesperados valores, em todos os ramos da atividade humana: humildes artífices, profissionais liberais, professores, jovens, donas de casa, religiosos das diversas igrejas, todos os que tinham, dentro do cotidiano, um intervalo de lazer, a partir da instalação do setor cenequista local, passar a darem, àquele lazer, o sentido cenequista da luta pela democratização do ensino ginásial e médio.

Naquela época tudo era difícil, principalmente, para arranjar professores. Os alunos para estudarem tinham que fazer o Exame de Admissão. Foi formada uma equipe muito boa de professores: o padre Mariano da Silva Neto, Dr. Zé Dantas, Dr. Ciro Nogueira, Dr. José Lopes e Adelite. Uma equipe muito boa naquela época. Os colegas da época eram: José Assunção, Zé Retrão, Mêrcezinha de Camilo, Maria de Jesus, José dos Santos, Edson. Sei que formou uma turma boa, foi a primeira turma do Ginásio. Foi um turma muito eficiente, pois quando saíram para estudarem fora foi bem elogiada. Formamos uma turma muito bonita e bem preparada naquela época. O Ginásio estar sendo ameaçado, espero que o povo jaicoense se mobilize para que isso não aconteça, por que o quê os filhos de Jaicós sabem hoje, agradeçam ao Ginásio Padre Marcos. (Depoimento Lindomar Costa, 2004)

A partir de então, ninguém se julgaria inútil, cabendo, a todos, aquela frase já ontológica do pequeno artífice que, ao transportar a argamassa para o canteiro de obras, proclamava estar “construindo uma catedral”. Todos eram convidados a participarem, dentro da escala de valores, para que a comunidade tenha seu ginásio.

A presença da escola comunitária demonstrava a iniciativa privada como tutelar do Estado em matéria de Educação, uma vez o poder público não atendia às necessidades da demanda social por Educação, por parte daqueles que não podiam pagar. Para frequentar o ginásio o aluno tinha de fazer o exame de admissão, encarregado de selecionar os mais aptos, e que funcionava como um rito de passagem entre a escola primária e a escola secundária, cercado de significações e simbolismo.

Antes de abrir o Ginásio, nós começamos a fazer os preparativos para o Exame de Admissão, e o nosso primeiro professor foi o José Florêncio, que estava aqui de férias e fizemos o pedido para ele nos dar aulas, prontamente, ele aceitou o convite. Éramos um grupo de alunos pequenos, mais ou menos dez a quinze alunas e alunos. Lembrome que poucos não passaram nas provas do Exame de Admissão. Daquele que prestaram os exames apenas três ou quatro alunos não passou nas provas. Daí começou a primeira turma do Ginásio Padre Marcos. Sei que antes do padre Mariano aceitar a direção do Ginásio, ele teve que ir até Oeiras para pedir permissão ao Bispo por que ele não consentia padres ministrarem aulas, pois tomava muito o tempo do padre. Inclusive o padre Mariano passava quase o dia inteiro dando aulas. Teve uma época em que ele era professor de nove disciplinas. Na verdade, ele só não lecionou no Ginásio a disciplina de Matemática e de Educação Artística, mais ele ministrava aulas de todas as outras disciplinas. Ele dava aulas de Português, Latim, Inglês, Francês, Ciências, História Geral, História do Brasil, Geografia Geral e do Brasil. Tínhamos como professores: Maria Adelite de Carvalho, Artes; o outro professor de Matemática; e o padre Mariano que ministrava todas as outras disciplinas. Depois chegou Dr. Aderso, médico, que dava aula de Ciências. (Depoimento Maria De Jesus Coutinho Lélis, 2004)

Tão importante quanto o exame de admissão era o curso preparatório que mobilizava o estudante e a família. Curso particular que impedia o acesso das populações mais pobres de participar do processo seletivo. No primeiro exame de admissão, da primeira turma do ginásio Padre Marcos, se inscreveram 28 candidatos, mas foram aprovados 24. Segundo o depoimento da ex-aluna Maria Amélia Coutinho Lélis (2004), o processo de preparação e seleção para ingresso dessa turma transcorreu da seguinte forma:

Fomos preparadas por José Florêncio, aluno em Teresina, veio-nos preparar para o Exame de Admissão. Naquela época, ele foi um dos melhores alunos em Teresina do professor José de Arimatéia que dizia que não sabia mais o quê ensinar de Português para ele. Era um aluno fora do sério. Então ele veio para nos prepararmos para o Exame de Admissão naquela época. Ele dava aula pra gente de Português, Matemática, História e Geografia. Ele nos preparou divinamente bem. Quando fomos fazer o Exame de Admissão foi uma verdadeiro vestibular. Tínhamos a prova escrita e oral. Em uma mesa ficavam quatro professores nos examinando, eu sentei em uma cadeira, aí então tinha um professor que fazia as perguntas, respondíamos e ele fazia mais perguntas e nós respondíamos. Enfim, o professor dava a nota e os outros respectivamente fazíamos mais outras perguntas e respondíamos e eles iam dando as notas. Vejam que foram quatro professores durante a prova oral. Nos fomos preparados foi para uma Universidade e não para um Ginásio, mas naquela época o Ginásio era um Ginásio. Era exatamente uma faculdade hoje bem dizer, o ensino, sim! Os professores eram o padre Mariano, dava aula de nove matérias. Ele só dizia que não sabia dar bem aulas de matemática, mas se fosse preciso acredito que ele ensinava. Então, ele foi nosso professor durante quatro anos. Aprendemos muito bem com ele: aula de português era um sucesso; as aulas de história eram tão claras e bem explicadas que nós aprendíamos facilmente, parecia que nós estávamos lá no lugar do qual ele estava explicando, quando ele falava sobre Atenas parecia que a gente se transportava para lá, ou seja, que nós tivéssemos andado lá também. Português e Latim só não aprendeu quem não queria; Francês ele ensinava divinamente bem. (Depoimento Maria Amélia Coutinho Lélis, 2004)

Segundo o Regulamento Escolar das Escolas da CNEC o curso ginásial era dividido em dois ciclos, um fundamental, de quatro anos, e o outro complementar, de dois anos. Em Jaicós, funcionava o primeiro ciclo. Para quem queria ingressar no ensino superior era indispensável frequentar o ciclo obrigatório. A estrutura curricular do curso tinha como objetivo dar uma formação básica geral e era composto pelas disciplinas de Português, Francês, Latim, História, Geografia, Matemática, Ciências Físicas e Naturais, Desenho. Era um currículo enciclopédico, que só tinha sentido para uma pequena elite. No contexto social da época, quando a maioria da população vivia na zona rural e era analfabeta, o currículo da

escola era voltado para atender às camadas médias urbanas. Apoiado no ensino da Literatura e da cultura humanística.

Foi um advento muito bom por que veio atender uma série de anseios de muita gente. Embora muitos que moravam aqui, inclusive eu, naquela ocasião não teria cursado o Ginásio em canto algum não, pois as condições não permitiam. Com a CNEC instalada aqui deu oportunidade muita gente aqui para cursar o Ginásio. Para mim foi muito bom, foi útil, agradável. Não tenho como agradecer. Seria muito difícil e durante o tempo que estive lá, aproveitei o máximo que pude. Ajudei alguns professores a tocaram o barco para frente. Havia muito a necessidade de professores e depois que eu e outro colegas inclusive o Zé Retrão, adquirimos um certo conhecimento e foi onde que ajudamos a lecionar algumas matérias. Pra mim foi muito bom, útil. Padre Mariano para nós aqui na época, logo que ele se ordenou padre, ele veio trabalhar aqui, nós os conhecemos mais do que um simples Padre, para mim foi uma pessoa de grande valia, muito competente e inteligente. Aprendi muita coisa boa para a vida com ele. Na matéria de Gramática aprendi muito com ele, foi de grande valia e continua sendo. Pena que ele não tá mais aqui no nosso meio. Pra mim foi um grande professor e amigo. Eu não levava dúvidas para casa de qualquer matéria, principalmente, de Português. Pois qualquer problema ou dúvida que tinha em relação ao dever de casa. Eu ia tirar a dúvida na casa dele, fui bastantes vezes na casa paroquial tentar solucionar problemas de Gramática, Latim e Francês. O meu dicionário na época era ele o padre Mariano, o meu orientador. Aprendi muita coisa boa com ele. Além das dúvidas da escolar, também, ele nos orientou muito para as coisas práticas da vida, de costumes, de ética. Pra mim foi uma excelente pessoa para muitas pessoas aqui em Jaicós. Com ele tivemos um excelente aproveitamento. Naquela ocasião não tínhamos com quem debater, estudar, orientar e com ele foi bom demais. (Depoimento Pedro Ribeiro de Oliveira, 2004)

Do ponto de vista dos ex-alunos e das suas famílias, em particular, a implantação do ginásio e o seu funcionamento significavam um mecanismo de ascensão social, justificado pelo fato de os moradores não poderem enviar os seus filhos para estudar em outras localidades. Conforme o depoimento do ex-aluno Francisco das Chagas Cruz (2004), o ginásio significava a única esperança para libertar os filhos daquele município da ignorância do saber letrado.

Por isso, nós dizemos que o Ginásio Padre Marcos foi uma árvore que deu bons frutos e ainda poderia a continuar a dá muitos outros frutos, mesmo assim, a semente continua germinando na nossa Jaicós e vale agora toda a comunidade sentir que esta obra não poderá morrer porque o Ginásio Padre Marcos, a CNEC no Piauí, foi o colírio que matou a ignorância da ignorância, transformando-a em obra prima do saber. Esses educadores que por lá passaram e que ainda hoje continuam levando em frente esta obra redentora são pessoas que continuamos a admirar, com seu trabalho, com seu esforço e com sua abnegação. Tenho grande orgulho de dizer fui fruto do

Ginásio Padre Marcos, como aluno pobre, foi ele quem me abriu as portas para a ciência, para o saber, para o ser mais, para crescer e para lutar por uma educação melhor. Deu-me a força inicial para buscar mais conhecimentos e continuar lutando para uma educação transformadora aqui no nosso município e, também, para construir um país melhor no saber e na cultura. (Depoimento Francisco das Chagas Cruz, 2004)

Compreendemos, por tudo isso, a ansiosa expectativa da população jovem de uma pequena cidade do interior quando se lhe apresenta a possibilidade de conseguir a instrução ginásial, caminho único às profissões liberais e às fontes da cultura.

Terminei o Ginásio em 1957. Tínhamos bons professores e não querendo falar dos atuais, mas que eram mais capacitados. Eles tinham mais disciplina. O Colégio era mais animado, havia todos os meses sessões que davam oportunidades aos alunos recitar, cantar e mostrar suas qualidades. Professores da época eram: Adelite; Mariano ensinava quase todas as matérias. As disciplinas eram: Matemática, Português, História, Geografia, Ciências, Latim, Francês e Inglês. (Depoimento Teresina De Jesus Feitosa, 2004)



FIGURA 09 – Colégio Padre Marcos da CNEC.
Fonte: Arquivo Particular Francisco das Chagas Cruz.

Apreciando-se o trabalho que se desenvolve em qualquer comunidade em movimento para instalar o seu colégio ou construir a sua sede própria, verifica-se como a identificação de propósitos onde levava a sua população ao exercício das qualidades civis que enobrecem e marcam o indivíduo: a solidariedade, a compreensão, a tolerância; a hospitalidade de espírito, enfim, todos os predicados que transformam o indivíduo em cidadão

eram exercitados no trabalho cenicista onde o “eu” personalista se diluía no “nós” generoso e altruísta.



FIGURA 10 – Comemorações aos 160 anos de independência política brasileira.
Fonte: Arquivo Particular Francisco das Chagas Cruz.

Compreende-se, ainda mais, o entusiasmo dos chefes de família dos cidadãos responsáveis que, pugnando por um ginásio cenicista em sua comunidade, defendiam uma herança moral que era o futuro da juventude moldado para os grandes destinos.



FIGURA 11 – Representação teatral dos ex-alunos da CNEC.
Fonte: Arquivo Particular Francisco das Chagas Cruz.

A instalação do ginásio alterou a vida cultural da cidade, representando o anseio de uma população carente de ensino. Segundo o depoimento ex-professor Padre Mariano da Silva Neto (2004) fala sobre a contribuição desta escola para o crescimento intelectual deste povo e, também, revela uma experiência que nos ajuda a reconstruir o passado dessa instituição.

Administrei a CNEC por dezenove anos. Vivi quase dezenove anos em Jaicós, esta minha presença em Jaicós foi bastante feliz porque eu costumava amar muito os lugares onde vivo e as pessoas com que convivo. Jaicós foi muito significativo não só por meu trabalho como padre, mas também onde tive a felicidade de introduzir, em Jaicós, a CNEC. A Campanha Nacional de Escolas da Comunidade foi mudando o nome, Escolas Gratuitas da Comunidade. No Piauí a CNEC nasceu por Jaicós e foi através da minha pessoa e da pessoa de Alberto Bessa Luz que a 51 anos, de modo que este acontecimento me alegra e deve alegrar muito a cidade, os dias são todos iguais como uma unidade cronológica, mas são muito desiguais como unidade sociológica, cada dia diferente pelo o acontecimento que traz, pelo o sentido que traz, pelos fatos que o marcaram, pois esse dia é marcante para nossa cidade, foi neste dia que surgiu em Jaicós mais uma das marcas desta cidade, que não cresceu tanto materialmente, mas que cresceu intelectualmente, mais que cresceu espiritualmente. É uma cidade que traz a marca da cultura. Jaicós nasceu a duzentos e tantos anos sobre a marca da cultura do padre Marcos que deixou aí a primeira instituição escolar do Piauí. Jaicós continuou crescendo e, graças a Deus, eu contribuí para esse crescimento trazendo mais uma unidade escolar para esta terra, essa unidade escolar foi tão importante, não só para os filhos da cidade, como serviu para os filhos de outros municípios, filhos dessa região, e também, outros municípios do Pernambuco e do Ceará. O tempo que estive aí Jaicós foi como uma espécie de metrópole intelectual. Digo isso com certo orgulho, numa cidade pequena, mas ela se tornou uma metrópole intelectual pelo o tanto de alunos que tinha e que encontraram um caminho para o saber. De modo que cumprimento Jaicós com muita alegria [...], com muita saudade [...] dessa terra que eu amei e que eu continuo amando. Desejo que ela continue a crescer, não apenas num sentido material, a última vez que estive aí vi o crescimento material de Jaicós, mas não é este o crescimento material que me alegra não. Por que o que me alegra é o crescimento como uma sociedade educada, uma sociedade que ama a cultura, uma sociedade cultiva as relações humanas, uma sociedade que tenta aprender e que anseia o saber. Então, hoje é um dia de imensa alegria para todos os jaicoenses. Quero neste instante cumprimentar todos aqueles que conviveram comigo naqueles tempos, naqueles anos de alegria e quero estimular todos aqueles que hoje continuam a nova geração e não se esqueçam do valor da cultura e que saibam que Jaicós é grande não tanto no seu sentido material, mas Jaicós é grande pelas as instituições intelectuais e, também, pela sua cultura porque ela nasceu sobre o sino da cultura plantada pelo o padre Marcos de Araújo Costa desde mil setecentos e tantos e, a partir daí, Jaicós não traiu essa tradição. Jaicós vem mantendo essa tradição. Portanto, dia feliz o dia de hoje, dia feliz pra mim, um dia diferente dos outros, dia feliz para Jaicós, dia feliz para os jaicoenses e eu cumprimento a todos aqueles alunos dessa região e dos estados vizinhos que se beneficiam desta instituição. Era essa a minha palavra. Jaicós felicidades. Jaicós ame a cultura. Jaicós progrida, cresça em cultura e sociabilidades e em honradez ao estudo. (Depoimento Mariano da Silva Neto, 2004)

Neste relato do professor Mariano, percebemos que a vivência da cidadania era a própria comunidade em ação buscando a solução para o problema educacional do país. Assim, a Campanha Nacional das Escolas da Comunidade significava a plena vivência da cidadania, proporcionando o conhecimento e o exercício de todas as virtudes cívicas e sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história educacional, em Jaicós, pode ser compreendida inicialmente a partir de um longo processo de povoamento desencadeado com a organização administrativa da Capitania de São José do Piauí. A preocupação com a defesa das partes fronteiriças do Centro-Sul piauiense obrigou a Coroa a repensar formas de efetivar sua dominação e garantir a exploração de áreas que lhe seriam comercialmente importantes. Além disso, as ideias fisiocratas da época deram a esse projeto de colonização um elemento importante para sua concretização: a expansão do gado no sertão nordestino.

O estabelecimento dessa política econômica através do projeto de povoamento e defesa da terra contou com a participação e o incentivo na formação de Arraias, Freguesias e Vilas, procurando assim reunir a população mestiça que vivia na imensidão das fazendas de gado. Nesse contexto, podemos destacar a importância de todo um conjunto de saberes aprendidos com os indígenas e que foram cruciais para os religiosos e, também, para os exploradores do sertão, nos séculos XVII e XVIII, situação registrada por inúmeros viajantes estrangeiros que estiveram na região. Os jesuítas, por exemplo, souberam aproveitar-se de elementos da cultura indígena na construção de seus programas de catequese e empreenderam a organização dos aldeamentos levando em conta não apenas os saberes trazidos e ensinados por eles, como também se apropriando dos saberes nativos, estratégias que facilitou, sem dúvida, o processo educativo junto àquelas populações.

Durante o período de estabelecimento das fazendas: casas de barro cobertas de palha, currais de pedra ou madeira, pequenas roças de mandioca, feijão e milho funcionavam como sustentação para o gado que se criava solto. Pastagens sem limite funcionavam como campos de engorda nas quais o vaqueiro só pisava para buscar os bezerros novos. Portanto, eram nas “fazendas grandes que agregavam tenda de ferreiro e carpinteiro, cercados para separação de reses, reservas de pasto e lavouras de subsistência” (DEL PRIORE, 2006, p. 72). Nessas grandes propriedades constituíam os principais núcleos rurais no centro-sul piauiense. Em Jaicós, diversos foram os fatores que favoreceram a implantação das fazendas de gado; dentre eles, podemos destacar a permanência de importantes famílias de colonos, ligadas aos privilégios da Corte, tanto que em 1832 ela se tornava vila. Nosso estudo procurou demonstrar que a instituição da Freguesia de Nossa Senhora das Mercês foi fruto desse processo mais amplo de povoamento e incentivo à formação de núcleos populacionais que se baseavam na mão-de-obra ora indígena ora escravista.

Na sociedade jaiçoense do século XVIII e nas primeiras décadas do século XIX a instrução elementar surgiu pela necessidade de civilização dos povos por meio da disseminação dos valores morais e cristãos. Os religiosos instruíram os indígenas com o ensino das primeiras letras para facilitar o aprendizado da doutrina cristã, sem implicar a criação das possibilidades de ascensão social pela educação. Porém, também, os indígenas mais aptos foram preparados para o trabalho, por exemplo, no aprendizado de ofícios mecânicos.

Outro aspecto importante desta pesquisa a ser considerado diz respeito ao funcionamento da Escola Boa Esperança, mantida pelo Padre Marcos de Araújo Costa, que atendia diferentes segmentos da sociedade local. Analisamos as trajetórias de ex-alunos que ali estudaram, procuramos dar visibilidade, no que foi possível, às redes de relações sociais e alguns aspectos do funcionamento da educação particular oitocentista. O traço característico do ensino ministrado era a formação moral, somada à aquisição de uma cultura geral, contemplava não somente os objetivos do curso de preparatórios oferecido pela Escola, mas, sobretudo, uma espécie de propedêutica à vida pública e ao ingresso nas faculdades do período imperial brasileiro.

A pedagogia da Escola Boa Esperança se fundamentava na concepção de educação como formação e instrução centrada no mestre, enciclopédica e memorativa, e se processava, fundamentalmente, pelo trabalho individual do aluno. Seu forte eram os exercícios: cópia, repetição e recitação a partir das disciplinas centrais. O coroamento dessa formação geral, linguística e literária, era o discurso, fundado nos autores clássicos latinos, adestrando o aluno para a assimilação e prática do exercício retórico indispensável ao trânsito social dos notáveis em uma sociedade de poucos letrados.

Nesse quadro educacional fragmentado, entre as poucas cadeiras de instrução pública na província do Piauí, a Escola Boa Esperança ofereciam um ensino que possuía um reconhecimento além das fronteiras piauienses. O seu curso de humanidades compunha-se de grade curricular enciclopedista. A conclusão do curso preparatório dependia, basicamente, do nível de adiantamento do aluno, o que dispensava a observação da faixa etária e o cumprimento do tempo previsto para sua conclusão. O que ressaltamos, de maneira bastante nítida, da análise que empreendemos sobre a formação dessa memória coletiva é o fato do Padre Marcos de Araújo Costa ser lembrado e reverenciado como o maior “benemérito” educador piauiense do século XIX.

Na segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX, a crença nos benefícios políticos e sociais fomentou a constituição dos sistemas nacionais de ensino e

escolarização em massa. Nesta pesquisa, pretendemos também contribuir para compreensão do processo de institucionalização do modelo da escola graduada. Portanto, investigar e esclarecer o processo de constituição da educação pública, privada e comunitária na sociedade jaicoense, possibilitou-nos entender essa organização escolar, quanto de sua implantação, bem como se processou a concepção de educação comunitária, já àquela época, onde esta forma escolar atendia não só aos anseios dos excluídos, mas de uma comunidade ávida a uma maior longevidade escolar, pois através do projeto cenecista fundou os alicerces no fazer educação com qualidade, desde que não bastava proporcionar o acesso ao conhecimento mais a motivação, sobretudo, promover a transformação social.

REFERÊNCIAS

A) Livros

ALARCÃO, Isabel. **Professores Reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2003.

ALENCASTRE, José Martins Pereira de. **Memória cronológica, histórica e corográfica da província do Piauí**. Teresina: SEDUC, 2005.

ANDRADE, Mariza Guerra de. **A educação exilada: o colégio Caraça**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

ARAÚJO, Vicente Freiras de. **Bela Cruz – Biografia do Município**. Bela Cruz, CE: Cururu, 2007.

BAPTISTA, João Gabriel. **Etnohistória indígena piauiense**. Teresina: APL, 1994.

BASTOS, Cláudio de Albuquerque. **Dicionário histórico e geográfico do Estado do Piauí**. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1994.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: BENJAMIN, Walter et al. **Textos escolhidos**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papius, 1996.

_____, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. (Coord.). **Usos e abusos da história oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?** São Paulo: Brasil, 1994.

BRANDÃO, Tanya Maria Pires. **A elite colonial piauiense: família e poder**. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1995.

BRANDÃO, Wilson de Andrade. **História do poder legislativo na província do Piauí**. Teresina: Grafiset, 1997.

BRITO, Ênio José da Costa. História e escravidão: Cultura e Religiosidade Negras no Brasil - um levantamento bibliográfico. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, v. 1, n. 16, p. 112-178, out./dez. 2007.

BRITO, Itamar de Sousa. **História da Educação no Piauí: Enfoque normativo, estrutura organizacional, processo de sistematização**. Teresina: EdUFPI, 1996.

BRAUDEL, Fernando. **Gramática das civilizações**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1992.

- CALAINHO, Daniela Buono. Cruzando Mares: drogas medicinais do Brasil no império português. In: MONTEIRO, Rodrigo Bentes; VAINFAS, Ronaldo. **Império de várias faces: relação de poder no mundo ibérico da época moderna**. São Paulo: Alameda, 2009.
- CASTELO BRANCO, Homero. **O Padre Marcos**. Teresina: Gráfica do Povo, 1998.
- CARVALHO, João Renor Ferreira de. **Os índios gueguê e acoroá (craô) do Piauí colonial entre 1738 a 1773**. Teresina: EdUFPI, 2002.
- CARVALHO, Miguel de. **Descrição do sertão do Piauí**. Teresina: Gráfica Mendes, 1993.
- CERTAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano**. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- _____. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2007.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.
- CHAVES, Joaquim (Mons.). **Obra completa**. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1998.
- COSTA, Francisco Antonio Pereira. **Cronologia Histórica do Piauí**. Rio de Janeiro: Arte Nova, 1974.
- COSTA FILHO, Alcebíades. **A escola do sertão: ensino e sociedade no Piauí, 1850-1889**. Teresina: Fundação Cultural Mons. Chaves, 2006.
- DEL PRIORE, Mary. **O livro de ouro da História do Brasil**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- _____. **Uma história da vida rural no Brasil**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- DIEHL, Astor Antonio. **Do método histórico**. 2. ed. Passo Fundo: Ed. da UPF, 2001.
- DOBAL, H. **O tempo consequente**. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1986.
- FARIA, Regina Helena Martins de; MONTENEGRO, Antonio Torres (Org.). **Memória de Professores: histórias da UFMA e outras histórias**. São Luís UFMA/Departamento de História; Brasília: CNPQ, 2005. (Impresso)
- FERREIRA, Jurandyr Pires. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, 1959. v. 06.
- FERRO, Maria do Amparo Borges. **Educação e sociedade no Piauí Republicano**. Teresina: Fundação Cultural monsenhor Chaves, 1996.
- _____. Pe. Marcos de Araújo. In: FAVERO, Maria de Lourdes Albuquerque; BRITTO, Jader de Medeiros (Orgs.). **Dicionário de Educadores Brasileiros**. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ/MEC-Inep, 1999. p. 390-392.

FONSECA, Thais Nivia de Lima e. **Letras, ofícios e bons costumes**: Civilidade, ordem e sociabilidade na América portuguesa. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____. História da Educação e História Cultural. In: FONSECA, Thais Nivia de Lima e; VEIGA, Cynthia Greive. **História e historiografia da Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

FRANCO, José Patrício. **O município no Piauí (1761 a 1961)**. Teresina: [s.e], 1977.

GATTI JÚNIOR, Dércio; INÁCIO FILHO, Geraldo, (Org.). **História da educação em perspectivas**: ensino, pesquisa, produção e novas investigações. Campinas: Autores Associados, 2005.

GARDNER, George. **Viagem ao interior do Brasil**: principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841. São Paulo: Ed. da USP, 1975.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 1990.

HERMANN, Jacqueline. Império português. In: MONTEIRO, Rodrigo Bentes; VAINFAS, Ronaldo. **Império de várias faces**: relação de poder no mundo ibérico da época moderna. São Paulo: Alameda, 2009.

HILSDORF, Maria Lucia Spedo. **História da educação brasileira**: leituras. São Paulo: Thomson Learning, 2006.

_____. **Pensando a educação nos tempos modernos**. 2. ed. São Paulo: Ed. USP, 2005.

KNOX, Miridan Brito. **O Piauí na primeira metade do século XIX**. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1986.

LEAL, David Ângelo Leal. A reforma da Matriz de Jaicós. **Revista Presença**, ano 03, n. 09. Teresina: Dimensão, 1986.

LEAL, Donato Ângelo. **Pedra da vida**: poemas. Fortaleza: Premius, 1983.

LIMA, Lourenço Moreira. **A Coluna Prestes**: marchas e combates. São Paulo: 1979.

LIMA, Luiz Romero. **Presença da literatura piauiense**. 4. ed. Teresina: Harley, 2003.

LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. 5. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

LOMBARDI, J. C.; NASCIMENTO, M. I. M. (Org.). **Fontes, história e historiografia da educação**. Campinas: Autores Associados, 2004.

LOPES, Antônio de Pádua Carvalho. A escrita autobiográfica: os documentos pessoais e a história da educação. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do; VAINFAS, Ronaldo (Org.). **História e historiografia**. Recife: Bagaço, 2006. p. 11-30.

- _____. Das escolas reunidas ao grupo escolar: a escola como repartição pública de verdade. In: VIDAL, Diana Gonçalves (Org.). **Grupos escolares: cultura escolar primária e a escolarização da infância no Brasil (1893-1971)**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2006.
- LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Perspectivas Históricas da Educação**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: DPA, 2005.
- LUZURIAGA, Lorenzo. **História da Educação e da Pedagogia**. Tradução de Loviz Damasceno Pena e J. B. Damasceno Pena. São Paulo: Nacional, 1990.
- MACHADO, Paulo Henrique Couto. **As trilhas da morte: extermínio e espoliação das nações indígenas na região da bacia hidrográfica parnaibana piauiense**. Teresina: Corisco, 2002.
- MARTINS, Marcos Lobato. História Regional. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Novos temas nas aulas de história**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 135-152.
- MELO, Pe. Cláudio. **Os Jesuítas no Piauí**. Teresina: [s.e], 1991.
- MIRANDA, Reginaldo Silva. **A contribuição os aldeamentos indígenas**. Teresina: COMEPI, 2004.
- MELO, José Marques de. **Práxis, memória e cognição no jornalismo**. Disponível em: http://www.usp.br/matrizes/img/04/Dossie6_Melo.pdf. Acesso em: 15 de ago. 2009.
- MONTEIRO, Rodrigo Bentes; VAINFAS, Ronaldo. **Império de várias faces: relação de poder no mundo ibérico da época moderna**. São Paulo: Alameda, 2009.
- MOTT, Luis. **Piauí colonial: população, economia e sociedade**. Teresina: COMEPI, 1985.
- NASCIMENTO, Alcides Francisco. **A Cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina (1937 – 1945)**. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2002.
- _____. Padre Marcos: entre o (re) criado e o esquecido. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do; VAINFAS, Ronaldo (Org.). **História e historiografia**. Recife: Bagaço, 2006. p. 239-259.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: as problemáticas dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP**. São Paulo, 1981. p. 7 -28.
- NUNES, Clarice. Memória e História da Educação: entre práticas e representações. In: LEAL, Maria Cristina; PIMENTEL, Marília Araújo Lima (Org.). **História e Memória da Escola Nova**. São Paulo: Loyola, 2003.
- NUNES, Odilon. **Pesquisa para a História do Piauí: Lutas partidárias e a situação da Província**. Teresina: FUNDAPI, 2007.

PETITAT, André. **Produção da escola/produção da sociedade**: análise sócio-histórica de alguns momentos decisivos da evolução escolar no ocidente. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. **Educação no Piauí**. Imperatriz, MA: Ética, 2008.

REZENDE, M. V. “**Não se pode servir a dois Senhores**”: História da Igreja no Brasil no período colonial. São Paulo: Atlas, 1981.

RIBEIRO, Maria Luiza Santos. **História da Educação Brasileira**: a organização escolar. 12. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

RICHARSDON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SAMPAIO, Antônio. **Velhas escolas**: grandes mestres. Teresina: Comepi, 1996.

SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luís (Org). **História e história da educação**: o debate teórico-metodológico atual. Campinas: Autores Associados, 1998.

SAVIANI, Dermeval et al. **O legado educacional do século XIX**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

SCHWARTZ, Stuart B. **Segredos internos**: engenhos e escravos na sociedade colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SILVA, José Carlos de Araújo. Fontes documentais para o Estudo do Cotidiano das Escolas pelo Método de Ensino Mútuo por meio da “Série Colonial” do Arquivo Público do Estado da Bahia. In: CASIMIRO, Ana Palmira Bittencourt S.; LOMBARDI, José Claudinei; MAGALHÃES, Livia Diana Rocha (Orgs.). **A pesquisa e a preservação de arquivos e fontes para a educação, cultura e memória**. Campinas, SP: Alínea, 2009.

SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. **A escola e a memória**. Bragança Paulista: Ed. da USF, 2004.

SOUSA NETO, Marcelo de. **Padre Marcos**: entre o (re) criado e o esquecido. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do; VAINFAS, Ronaldo (Org.). **História e historiografia**. Recife: Bagaço, 2006. p. 239-259.

SPIX, Johann Baptist Von; MARTIUS, Carl Friedrich Phillipp Von. **Viagem pelo Brasil**: 1817-1820. Tomo II. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

STAMATTO, Maria Inês Sucupira. Formação e profissionalização docente: da tutela da igreja ao controle do Estado – Brasil Colonial, Imperial e Primeira República. In: PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira; ANANIAS, Mauricéia (Org.). **Educação, Direitos Humanos e Inclusão**: Histórias, Memórias e Políticas Educacionais. João Pessoa: Ed. UFPB, 2009. v. 2, p. 25-40.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VAINFAS, Ronaldo. História das Mentalidades e História Cultural. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Domínios da história**: Ensaios de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Campos, 1998. p. 127-162.

VAINFAS, Ronaldo (org.). **Dicionário do Brasil colonial (1500-1808)**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

VIDAL, Diana Gonçalves (Org.). **Grupos escolares**: cultura escolar primária e a escolarização da infância no Brasil (1893-1971). Campinas, SP: Mercado das Letras, 2006.

VIEIRA, Maria Alveni Barros. **Educação e sociedade Picoense**: 1850-1930. Teresina: EDUFPI, 2005.

_____. **A arte de desasnar crianças no sertão do Piauí**. O ensino e a pesquisa em história da educação: 5. Congresso Brasileiro de História da Educação – São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe; Aracaju: Universidade Tiradentes, 2008.

_____. Demissões e resistências no magistério público piauiense (1860-1870): entre loucos, inábeis e adúlteras. **Linguagens, Educação e Sociedade**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPI, Centro de Ciências da Educação, ano 13, n. 19, (2008). Teresina: Ed. UFPI, 2008. p. 205-215.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo. **A pesquisa em história**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1998.

VEIGA, Cynthia Greive. História Política e História da Educação. In: FONSECA, Thais Nivia de Lima e; VEIGA, Cynthia Greive. **História e historiografia da Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

B) Teses e Dissertações

ARAÚJO, Soraya Geronazzo. **O muro do demônio**: economia e cultura na guerra dos bárbaros no nordeste colonial do Brasil – Século XVII e XVIII. 2007. Universidade Federal do Ceará, [2007]. Fortaleza: UFC, 2007. Dissertação (Mestrado em História).

OLIVEIRA, Ana Stela de Negreiros. **O povoamento colonial do sudeste do Piauí**: indígena e colonizadores, conflitos e resistência. 2007. Universidade Federal do Pernambuco, Recife; [2007]. Tese (Doutorado em História).

LOPES, Antônio de Pádua Carvalho. **Superando a pedagogia sertaneja**: grupo escolar, escola normal e modernização da escola primária pública piauiense (1908-1930). Fortaleza, 2001. 300 f. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza; [2001]. Tese (Doutorado em Educação).

SOUSA NETO, Marcelo de. **Entre vaqueiros e fidalgos**: sociedade, política e educação no Piauí (1820-1850). Recife, 2009. 355 f. Universidade Federal do Pernambuco, Recife; [2009]. Tese (Doutorado em História).

C) Documentos

ALENCAR, Carlos Augusto Peixoto de. Carta ao Padre Marcos de Araújo Costa, datada de 17 de Maio de 1843. **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza: Fortaleza Ltda., Tomo: LVI, 1942. Carta copiada por Sebastião Matos de Araújo Costa.

ARQUIVO NACIONAL. **Guia brasileiro de fontes para a história da África, da escravidão negra e do negro na sociedade atual; fontes arquivísticas**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1988.

BRASIL. BIBLIOTECA NACIONAL. **Carta Geográfica da Capitania do Piauí, e parte das adjacências – 1761**. Disponível em, <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart249898.jpg>, acessado em: 20/07/2009.

BRASIL. BIBLIOTECA NACIONAL. **Mapa da divisão civil e eclesiástica da província do Piauí**. 1856. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mssII32_22_8.jpg>, acessado em: 08/05/2009.

BRASIL. BIBLIOTECA NACIONAL. **Mapa das cidades, vilas, lugares e freguesias das capitanias do Maranhão e Piauí**. 1787. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart543219.jpg>, acessado em 08/05/2009.

BRASIL. **Lei de 15 de outubro de 1827**. Manda criar escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império. Coleção de Leis do Império. 1827. I Parte. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1878.

PIAUI. **Relatórios e Mensagens da Presidência à Assembleia Legislativa do Piauí (1850-1889)**. Biblioteca de apoio, APPI.

PIAUI. APEPI. **Representação pública contra a professora Antônia Rosa Dias de Freitas, Inspetoria Paroquial da Vila**. Legislativo Municipal, Jaicós, cx: 93, 25 de novembro de 1869.

PIAUI. APEPI. **Resposta ao ofício do Juiz Municipal da Vila de Jaicós, Raimundo José de Carvalho e Sousa, dada pelo Presidente da Província, José Antonio Saraiva, sobre o falecimento de Padre Marcos de Araújo Costa**. Legislativo Municipal, Jaicós, cx: 92, 16 de dezembro de 1850.

PIAUI. APEPI. **Ofício do Juiz Municipal da Vila de Jaicós, Raimundo José de Carvalho e Sousa, ao Presidente da Província, José Antonio Saraiva, dando conta do falecimento de Padre Marcos de Araújo Costa**. Legislativo Municipal, Jaicós, cx: 92, 7 de novembro de 1850.

PIAUI. APEPI. **Ofício do 1º Vice-presidente da Província, Rev. Marcos de Araújo Costa, dando às boas vindas ao novo Presidente da Província, Dr. Inácio Francisco Silveira da Mota**. Legislativo Municipal, Jaicós, cx: 93, 23 de janeiro de 1850.

PIAUI. APEPI. **Relatório do Presidente da Província, Dr. Zacarias de Góis e Vasconcelos, à Assembléia Legislativa da Província, em 1 de agosto de 1845**. Oeiras: Typographia Provincial, 1845.

PIAUÍ. APEPI. **Ofício da Câmara de Jaicós à Assembléia Legislativa Provincial, solicitando gratificação especial ao fiscal da Vila.** Sala do Poder Legislativo. Correspondências da Assembléia Legislativa Provincial, 5ª Legislatura, Cx: 187, de 5 de julho de 1845.

PIAUÍ. APEPI. **Ofício encaminhado à Câmara de Jaicós, pela comissão de fiscalização da construção da prisão municipal, dando conta do andamento das obras.** Sala do Poder Executivo, cx: 668-669, 30 de dezembro de 1844.

PIAUÍ. APEPI. **Ofício da Câmara Municipal da Vila de Jaicós, ao Presidente da Província, Dr. José Idelfonso de Sousa Ramos.** Legislativo Municipal, Jaicós, cx: 93, 12 de abril de 1844.

PIAUÍ. APEPI. **Ofício encaminhado pela Câmara Municipal de Jaicós, ao Presidente da Província, Dr. José Idelfonso de Sousa Ramos, informando a comunicação e transportes da Vila.** Legislativo Municipal, Jaicós, cx: 93, 14 de abril de 1844.

PIAUÍ. APEPI. **Ofício encaminhado pela Câmara Municipal de Jaicós, ao Presidente da Província, Dr. José Idelfonso de Sousa Ramos, dando conta do andamento de obras na vila de Jaicós.** Legislativo Municipal, Jaicós, cx: 93, 3 de fevereiro de 1844.

PIAUÍ. APEPI. **Ofício e Relatório encaminhado pela Câmara da Vila de Jaicós à Assembléia Provincial, prestando informações sobre a representação impetrada por Luis Xavier de Araújo.** Sala do Poder Legislativo. Legislativo, cx: 122, 1ª legislatura, de 4 de julho de 1837.

PIAUÍ. APEPI. **Ofício encaminhado pela Câmara Municipal de Jaicós, ao Presidente da Província, Barão da Parnaíba, solicitando a construção de uma prisão na Vila.** Legislativo Municipal, Jaicós, cx: 93, 4 de julho novembro de 1836.

PIAUÍ. APEPI. **Ofício encaminhado pela Câmara Municipal de Jaicós, à Assembléia Legislativa Provincial, informando a substituição do Agente dos Correios daquela Vila.** Sala do Poder Legislativo. Legislativo Municipal, Jaicós, cx: 93, 5 de outubro de 1835.

PIAUÍ. APEPI. **Carta de Padre Marcos ao Presidente da Província, Marcos Antonio de Macedo.** Legislativo Municipal, Jaicós, cx: 93, 28 de Janeiro de 1835.

PIAUÍ. APEPI. **Ofício encaminhado pela Câmara Municipal de Jaicós, ao Presidente da Província, Barão da Parnaíba, solicitando a construção de uma prisão na Vila.** Legislativo Municipal, Jaicós, cx: 93, 3 de novembro de 1834.

PIAUÍ. APEPI. **Ofício encaminhado pela Câmara de Jaicós, ao Presidente da Província, Barão da Parnaíba, encaminhando a lista dos jurados a servirem na vila.** Sala do Poder Executivo. Jaicós. cx: 686, 17 de junho de 1834.

PIAUÍ. APEPI. **Ofício encaminhado pela Câmara de Jaicós, ao Presidente da Província, Barão da Parnaíba, dando conta da instalação da Câmara.** Legislativo Municipal, Jaicós. cx: 93, 21 de fevereiro de 1834.

D) Entrevistas

CARVALHO, Geraldo de. **Depoimento oral**. Entrevista concedida ao pesquisador Lourenilson Leal de Sousa. Jaicós, jun. 2010.

CARVALHO, Maria Adelite. **Depoimento oral**. Entrevista concedida ao pesquisador Lourenilson Leal de Sousa. Jaicós, fev. 2010.

CRUZ, Francisco da Chagas. **Depoimento oral**. Entrevista concedida ao pesquisador Lourenilson Leal de Sousa. Jaicós, jan. 2010.

DANTAS, Dílson de Carvalho. **Depoimento oral**. Entrevista concedida ao pesquisador Lourenilson Leal de Sousa. Padre Marcos-PI, dez. 2009.

FEITOSA, Teresina de Jesus. **Depoimento oral**. Entrevista concedida ao jornalista Maurício da Costa Teles. Jaicós, mar. 2004.

LEAL, Teresina Freitas de Carvalho. **Depoimento oral**. Entrevista concedida ao pesquisador Lourenilson Leal de Sousa. Jaicós, jan. 2010.

LÉLIS, José Rafael. **Depoimento oral**. Entrevista concedida ao pesquisador Lourenilson Leal de Sousa. Jaicós, dez. 2009.

LÉLIS, Maria Amélia Coutinho. **Depoimento oral**. Entrevista concedida ao jornalista Maurício da Costa Teles. Jaicós, mar. 2004.

LÉLIS, Maria de Jesus. **Depoimento oral**. Entrevista concedida ao jornalista Maurício da Costa Teles. Jaicós, mar. 2004.

OLIVEIRA, Pedro Ribeiro. **Depoimento oral**. Entrevista concedida ao jornalista Maurício da Costa Teles. Jaicós, mar. 2004.

SILVA NETO, Mariano. **Depoimento oral**. Entrevista concedida ao jornalista Maurício da Costa Teles. Jaicós, mar. 2004.

ANEXOS

ANEXO – A

DEPOIMENTO DE DÍLSON DE CARVALHO DANTAS

Padre Marcos-PI, 20 de dezembro de 2009



Figura 10 – Dilson de Carvalho Dantas (Funcionário público aposentado e ex-vereador).
Fonte: Arquivo particular de Lourenilson Leal de Sousa.

Quando chegamos aqui menino, em 1938, ninguém sabia ler ou escrever nesse povoado. Tinha um velho que contava histórias dos negros ferrados que ele viu, conversava muito, lembrava de muitas coisas daquele tempo, mas do padre Marcos eu não me lembro dele falando não. Os Macêdos só queriam saber de criar gado e nada mais. Aqui na data de “Boa Esperança”. O rio que atravessa essa região também se chamava “Boa Esperança” e quando foi construída a BR 316 e colocaram o nome rio de Curimatá, então o nome do rio mudou e passou a se chamar de Curimatá. Rio Curimatá é o rio “Boa Esperança”. Depois que colocaram a ponte, na época da construção da BR 316, colocou uma placa com o nome de rio “Curimatá”. Onde foi feita a barragem do estreito é chamado rio Curimatá, mas onde ele desemboca lá no rio Itaim, ainda é chamado de rio “Boa Esperança”.

Minha maior decepção que eu tenho, é quem vem atrás de padre Marcos. Você quer saber o quê? Padre Marcos [...] Esmeraldino Costa escreveu, escritor piauiense, escreveu no

livro, “padre marcos foi um vulto no Piauí antigo”, então o povo ficou nessa mania. Padre Marcos meu amigo não deixou nada, nada, é uma decepção aqui. Meu pai foi encarregado sessenta anos atrás pelo prefeito de Jaicós pra arranjar um objeto, um objeto qualquer do padre Marcos, sabe. Na família [...] A casa já caiu, então [...] a casa já caiu. Ele propriamente não era um padre, religioso né, ele era um fazendeiro, por que a igreja que eu conheci, os alicerces assim, é uma casinha de oração que algumas fazendas antigas construíam, fora da casa tinha essa casinha de oração. Pequenininha, pequenininha, pegada bem na casa dele. Pra mim falar no padre Marcos já é uma decepção. Quem fundou isso aqui, que deu esse nome aqui foi o deputado Humberto Silveira, quase meu irmão, num sabe, eu contra ele porque ele era da família do padre [...] mas, nós chegamos aqui, eu no dia 10 de Novembro de 1938, num tinha um aluno na escola, não tinha um prédio escolar aqui, não tinha não. O povo, o chefe analfabeto, fazia mal um bilhete, tinham muitos que num assinavam nem o nome. Tinha gado, tinha recurso, tinha tudo, mas não tinha conhecimento. Por eu, falar em padre Marcos aqui, aliás, eu já perdi um tempo danado. Arrumaram um dia um livro que eu li, sobre padre Marcos, só falava, num falava nada dele mesmo nesse livro. Que aproveitava e falava assim: dizia que foi época de Caxaromobim pra cá, que foi a melhor fazenda que foi encontrada, foi a dele, padre Marcos, que criava umas cinco mil cabeças de gado, tinha muita água e pastagem nativa; mas na escola não falou, falou [...] é assim.

Eu, meu amigo, nasci no dia 07 de Setembro de 1921 e cheguei aqui no dia 10 de Novembro de 1938. A primeira vez que eu frequentei à escola foi em dois lugares, que eu era pixote, pequenino, num sabe, mas posso citar. Afrânio (São João de Pernambuco) e Barra de São Pedro-PE; hoje duas cidades vizinhas ao estado do Piauí. Foram as duas primeiras escolas que eu frequentei escola pública, só tinha o primário, olha o senhor veja, o estudo vem é novo, eu casei com uma mulher que fez o primário em Picos, né. Na escola das irmãs num sabe. E não fez o ginásio porque não tinha. Ela tinha condição, mas não fez o ginásio porque não tinha nem em Picos. E nem em canto nenhum dessa região, e porque Picos era principal cidade e ainda hoje continua, por ai o senhor tira que o negócio era meio duro. Estudei num colégio, em colégio [...] um nome assim meio difícil, nome bonito de dizer, até um nome mesmo Colégio [...] Deixa eu ver se lembro. Externato Padre Marcos, num sabe. Uma escola particular né. A continuação que eu tive depois do ginásio, foi do primário. Foi em Simões. Alguns viviam de professorar, assim, você era um pai de família, queria que os filhos aprendessem a ler, contratava ele por um mês, quando muito, e tinha que aprender, agora a escola só era o ABC e a tabuada viu. [...] aprender a ler, e nesse período ainda aprendia a

assinar o nome, por que hoje são muitas as matérias, mas naquele tempo, tinha essa razão também de aprender mais ligeiro, de assinar o nome. Por isso, só era a tabuada e o ABC.

Padre Marcos foi pra mim uma pessoa, falar sobre padre Marcos eu não falo, mas [...] A história foi sempre mentirosa. Querem botar o padre Marcos lá em cima, porque não encontrei e perdi tempo lendo coisas sobre padre Marcos. Mas nunca achei um roteiro, um negócio, [...] e eu não sei quem era ele, formado, bacharel, não sei da onde, da Bahia, que ensinava Teologia, não sei mais o quê. Mas eu sempre discordei dele, por que eu nunca vi nada escrito sobre padre Marcos. Antigamente não, a não ser isso, aquele que Esmeraldo de Freitas escreveu um vulto dotado do Piauí antigo, agora ele era importante só em ser um padre. Numa brenha dessa daqui, se agente encontrar um padre por aqui, é um vulto notável, não é! Nem que fosse analfabeto. Sei não, logo os parentes mais próximos dele não sabiam nem da donde ele vinha. Que era de Paulistana. Os descendentes de Paulistana. A mãe dele vem de Paulistana e o pai dele de Portugal. A Fazenda Boa Esperança era famosa propriedade. Lá tinha muito cacto, por que tem lugar que não nasce. Mas tem lugar que eu ruim de capim, num sabe. E era muito, era com fartura. Ele foi quem fundou Jaicós, quem fez Jaicós e finalmente, até mexeram lá no túmulo dele que não se sabe mais nem onde ele foi enterrado em Jaicós. Eu tô com oitenta e oito anos, mas se você perguntar o que aconteceu de 1938 pra cá, eu dou notícia, daqui da Boa Esperança. Eu lembro que o passageiro mais importante daqui foi o Doutor José Gomes, esse foi, foi quem fez essa casa. Foi quem trouxe sal do mar, foi quem trouxe calça, até aí Dr. José Gomes, até aí [...] de vintém, [...]

Naquele tempo nem se falava em ginásio, porque pra entrar no ginásio era uma complicação, tinha o Exame de Admissão, e lá também não era uma coisa oficial, era um [...] de professores do Ceará, fundaram lá no povoado, ele era vendedor de remédios, sei que tinha um taqueiro bom num sabe. Num era médico e nem era farmacêutico, mas era entendido. No ramo dele e também no português, uma coisa assim. Era de Santana do Cariri. Joaquim Paiva Lima, hoje tem uma homenagem lá pra ele, uma homenagem lá em Simões, tem a escola do Professor Paiva Lima, ele ensinava particular.

Lembro de um mestre-escola que eu conheci aqui. Mestre Sebastião, forasteiro, não sei se era do Ceará ou do Pernambuco. Vivia disso, professor de ensinar o alfabeto. Nesse mês ia para casa de fulano e no outro mês era contratado para dar aula na casa de sicrano. Na casa de minha Avó que fica entre aqui e Simões meus primos assistiam aula com o velho Aprijo, ele tinha uma escola particular de ABC, funcionava direto, mas não vivia só disso não, era um sapateiro fraco da época. Ele ensinava também aos meninos outras coisas como amarrar chocalho em animais, cuidar das criações e consertar objetos da roça. A escola

funcionava na casa dele uns quatro quilômetros daqui e meus primos iam todos os dias a pé assistir as aulas na escola do velho Aprijo. Esse não saía de casa não, ensinava na casa dele.

Eu era um elemento perdido no tempo e no espaço, viu meu amigo. Tenho certeza que eu era um elemento perdido no tempo e no espaço. Eu gostava muito de ler, conseguia livros de amigos, de particulares. Porque eu não podia comprar, às vezes, tem livro até pra [...] eu sou católico apostólico romano viu, a igreja, até os padres que saía lá pra missa, não sabia quem tinha bíblia. Aquele latim. Aí os discursos eram sobre o inferno, era do purgatório, que nem tem mais hoje, nem um e nem outro né. O senhor sabe que agente vai, mas houve mais falar nem no purgatório nem no inferno. Tem não. Foram desaparecendo, aí por ultimo agora a confissão comunitária que era grande obra que eu achava em benefício da igreja, desapareceu agora.

Jaicós tinha um núcleo assim de gente entendida por meu pai e outros eu tiro, eu ficava admirado de meu pai, não tinha escola, e eu ficava admirado dele. Como é que o sujeito aprende só? A custa do esforço dele, pobre, tinha facilidade de aprender. O povo de Jaicós esquece muito fácil dos homens importantes, pra mim José Florêncio foi um dos homens mais importantes que deu na História de Jaicós por que eu conheci outros filhos de Jaicós, Dr. Cícero Luz que foi prefeito em 50 e eu vereador de oposição contra ele, na mesma época. Dr. Cícero Luz, médico, foi casado com a filha do ex-deputado Federal Sousa Filho, que rapitou ela e levou-a para estudar na França. O Dr. Cícero era irmão do Justino Luz que foi prefeito em Picos por seis vezes. Entendia de medicina e tinha um que era para ser padre mais desistiu. Falam tanto de Jaicós e esquecem de falar de seus filhos mais importantes. É uma injustiça. A gente ver que na história tem muita injustiça. Eu nunca vi alguma coisa que sai lá de Jaicós falando de José Florêncio. Eu ficava admirado com o dinheiro que ele gastava colocando para os filhos estudarem em Salvador-BA, e agora esqueceram do homem. Naquele tempo para se estudar tinha que ter muita boa vontade, por que tudo era difícil. Tinha que ir a cavalo, e eram vários de viagem, debaixo de sol e chuva, dormindo no meio da mata.

Saiu dois livros no ano passado sobre Jaicós, mas nenhum fala direito de lá. O título do livro é “Homens do meu tempo” e aí eu disse que ele tinha esquecido dos dois homens principais de Jaicós, Alberto Luz foi pra mim o político mais querido no Jaicó, mais querido do que Nossa Senhora das Mercês, no tempo da política dele. O outro, Umberto Silveira, “o maior político do mundo”, por que o escritor tem que deixar de lado as intrigas e escrever o aconteceu, isso a meu ver. Se não gosta de alguém então deixa de lado e se gosta também, mas faça justiça. Não vá dizer que ele foi o que não aconteceu. Se esquecer alguma coisinha

que ele vez que não seja importante, eu perdôo [...]. A vida do sujeito deve ser biografada direitinho, falando o que aconteceu de bom e ruim, e não somente as coisas boas.

Gosto de ler História, quer dizer, mas uma história contada, mentirosa, num sabe, o Romance. Tal de Alexandre Dumas, grandes escritores, aí tinha tradução aqui e eu conseguia com os amigos daquele tempo. Brasileiro, rapaz que eu, Humberto de Campos, Euclides da Cunha, pra mim muita gente perdeu e não leu. A guerra de canudos, não é. Que a meu ver é uma página da história do Brasil, é Guerra de Canudos, e mais outros aí, agora eu gostava de escritores, de escritores mesmo, dos nossos, eu gostava de gente com a cabeleira da igreja de letras não é. Por que ensinava, o que tava escrito, tava certo. Não tinha negócio de dúvida não. O que ele escreveu certo ou errado, mas era certo, o acadêmico não pode escrever errado né. O que ele escreveu agente pode citar que foi fulano de tal Jorge Pereira, que tá certo. [...].

Meu amigo, aqui era de um atraso tremendo, eu vim de Simões viu. Simões era muito superior, aí você veja de Picos pra Padre Marcos, dois povoados do mesmo município, de Jaicós. Mas é uma diferença lascada, uma diferença grande. Tudo em tudo, até no [...] era uma diferença medonha. Lá tá melhor, lá tinha escola, ensinavam aqui como eu lhe disse era os que sabia ler, os pais faziam isso, tinha as professoras ambulantes, se vivia da profissão de professor, num sabe. Que era a palmatória pra ensinar, esses professores. Licença aqui. No meu tempo tinha os fins de semana, que agente chamava argumento, aí era a hora do bolo viu. O cabra treinava viu. [...] o argumento tinha de ser maior. Ia a semana e no fim de semana. No Paiva Lima não, esse evoluído, já era uma cidade. Mas desses outros professores, até a professora que eu dei fé que entrando professora pública na cidade que eu citei aí. Simões. Lá tinha professor pernambucano pago pelo estado. E Barra de São Pedro Também. Uma cidadezinha aqui vizinha.

Inclinação de ler, num sabe, acho assim que quase por esporte. Gostava de ler. Joaquim Paiva Lima, eu acho que ele tinha mais preparo, tinha mais capacidade, mais conhecimento do que os outros professores meus, mesmo aqueles formados no Recife, viu, dos que eu freqüentei. Logo eu acho que foi ele por que também eu já era taludo num era, já tinha um conhecimento do mundo, das coisas. Geralmente os professores gostavam de mim, [...] eu gostava da escola, estudava, até por vaidade, você sabe. Ganhar um primeiro lugar, eu achava bonito. Fazia mais por vaidade num é. Eu gostava das letras, é por isso que eu acho que eu fui um elemento perdido no tempo e no espaço. Que eu gostava, mas não tinha condição financeira e eu morava numa cidadezinha pequena, fraca, não tinha nem escolinha. Fazer como um velho que tinha aqui, que estudava. Eu estudei, mas aí não fui mais porque não tinha mais o que aprender.

O patronato funcionava o ano inteiro, ele não misturava, se misturava não era tanto, tinha essa separação dos alunos. Aqueles que sabiam mais de tal hora a tal hora, aqueles que sabiam menos de tal hora a tal hora. [...] Era um casal, ei meu amigo só funcionava pra mim, só era um turno. Que eu tive no patronato, 1936, 37 por aí assim. Eu morava lá em Simões. Por que meu pai tinha uma ligação lá. Naquele tempo o meu pai era também perdido no tempo e no espaço, um cunhado dele foi prefeito em Barra de São Pedro – PE precisava de um, o cartório funcionar, um tabelião público, então ele foi convidado lá por esse cunhado dele, foi aí que nós mudamos para Barra de São Pedro. [...] Na Barra de São Pedro, infelizmente mataram o prefeito, uma briga política danada, terminou suprimindo a cidade. Aí ele teve de sair de lá. Em Simões ele montou um pequeno comércio, conseguiu sendo público estadual, o meu pai e de lá foi transferido pra aqui, pro povoado. Aqui ele não tinha quase nada. Ele veio aqui como chefe absoluto era o faz tudo.

Nem fotografo não tinha meu amigo, no meu tempo era um tempo diferente. Muita gente diz Ah meu tempo, seu tempo e o meu e eu sei qual foi seu tempo viu. Com exceção de alguns, mesmo que tinha muita gente que tinha gado, recurso da região de Oeiras eu posso afirmar ao senhor era gado, depois foi a carnaúba, mas o gado foi primeiro que a carnaúba viu. Mas o mais rico era o que recurso tinha, era que podia. Muita gente, e esse Dr. Helvidio Nunes, que morreu ainda um ano desses, que era de Picos, não sei se o senhor é parente dele, ele estudava, ele Helvidio estudava passando aqui até o *vale do umbu*, pra ir para Petrolina pra depois ir pro Rio de Janeiro, você calcula que era que podia estudar se agente tivesse muito dinheiro não era.

Olha aqui na Boa Esperança você tava no Pernambuco, bem ai em Araripina, pra vim aqui de transporte, qualquer transporte, tinha que arodear, sair no Crato, de la vir praqui, passava em Fronteiras, passava aqui. Quem tinha ligação no Piauí no Nordeste, no Nordeste quem tinha ligação com o Piauí só tinha nessas duas entradas, essa daqui que passava aqui e aquela que passava de Teresina pra Fortaleza, só tinha essas duas estradas de transporte. E aí alcancei sem a BR 316 e com a BR 316.

De animais, tinha o vendedor conhecido que era de Salvador-Bahia, chamava Antonio Bernardes, ele vinha vendendo, ia até Picos. Domingos Varão comprava a ele. Ele tem ligação com os nego Varão, por que a primeira mulher minha era Irmã da mulher de Domingos Varão de Picos, eu tinha muita ligação e ele comprava muita coisa de Antonio Bernardes de ano em ano que ele aparecia, pra vender, receber o dinheiro e vender outra mercadoria. E mas o lote de animal dele era pequeno, era uns cinco. Amostra ele trazia, vinha o machado do jeito que era, vinha uma enxadinha, hoje você traz no papel, os desenhos e o nome. Era um tecido,

disso ai eu me lembro de Antonio Bernardes. Agora não vinha. Ele pegava isso mais ou menos de Petrolina pra cá, que ai tinha transporte não é.

Os donatários partia as terras e dava um pedaço de terra a você, dava com o nome, quando a Boa Esperança e esse ai mesmo num sabe, era, depois veio a chamar data ou fazenda. Fazenda e um pedaço de uma data num sabe. A data e um pedaço, da Boa Esperança e tudo. Boa Esperança, por exemplo, vai daqui até ligar município de Canabrava, até ligar o município de Simões, ate ligar ali, Belém, que Belém também era da data Boa Esperança. Ai só se for, o senhor requerer nos cartórios antigos viu. Elas foram a Boa Esperança, mas e a Boa Esperança e a partir daqui, da cabeça daquela serra, vamos dizer. Daqui tem todos os rumos. [...] Simões e data Caldeirão, Vila Nova, data São João, Massapé eu não sei, pode ser, talvez seja juazeiro do quito. Esses que eu to falando e porque eu tenho conhecimento.

A fazenda Boa Esperança era uma data. Assim como Caldeirão, Caldeirão vizinha com a data Serra, que a Serra já e vizinha com a Boa Esperança num sabe. Poço dos veados é da Fazenda Alegrete. Aqui, daqui da Canabrava, que e o Francisco Macedo de hoje. Mas Francisco Macedo é da fazenda. E da data Francisco Macedo. Data Canabrava viu. A divisa aqui e ali no estreito, num tem aquele açude, e justamente ali a divisa. Pra la é Canabrava, pra cá é Padre Marcos.

A família Macedo e desses Rodrigues Coelho, e a mesma coisa, que estacionou, o velho ficou morando em Petrolina. [...] Esse livro que eu me enxiri no Crato, e memórias, o senhor pode ate ter lido o livro e memórias de um inglês, que desceu no tempo de Quixaramobim, la, naquele tempo era de pé, ele a cavalo. A negrada de pé acompanhando ele. Botando ate aqui. Interessava a família, mas o negocio dele era coisa diferente. Cita mesmo a Boa Esperança, com o padre aqui. Um sujeitão inteligente, ele passou não sei quantos dias daqui pra Canabrava, de Canabrava pra aqui, atravessando a bagagem dele no rio, num sabe. Sete vezes atravessou. E ele mesmo no livro ele diz. Uma coisa chamava de légua naquele tempo, umas três léguas da Canabrava a Boa Esperança. Passei não sei quantos dias molhando tudo. Quando se vai sem passar nenhuma vez o rio. [...] eu digo, desse tempo o sujeito já. Por que Canabrava. Só uma viagem que tava pra fazer sem atravessar o rio nenhuma vez. Cento e tantos anos atrás o sujeito já pensava isso. Até aqui ele cita que a melhor fazenda, a mais próxima, era a fazenda do Padre Marcos de Araujo Costa. A Boa Esperança. Tinha água, o rio passava, ai tinha um açude. Por que eu quando novo fui *alfaiate*. Quando o prefeito de Padre Marcos, o Doutor Raimundo Vieira [...] Essa casa eu ainda alcancei ela pertencente a diversos donos. Era uma casa meio grande.

Eu fui casado com gente de dentro da família do padre Marcos, a minha primeira esposa procuravam muito ela aqui dentro de casa por causa disso. Lembro que ela tinha algumas coisas guardadas dele: livros imprimidos na França, dicionários e tinha um livro para passar remédios “Xenofiques”[...]

Você já ouviu falar em Umberto Silveira? Ele teve na legislação, o maior tempo do mundo, ele demorou na legislação piauiense por mais de 50 anos sem sair do lugar, deputado Estadual do Piauí, alias que eu votei por toda vida. Umberto era quase meu irmão. Nós dois teimava muito sobre essa história do padre Marcos. Quando ele chegou com essa conversa eu disse a ele agora tu vem com esse padrezinho, onde tu achou esse padre? Ele me contou a história de como conseguiu o retrato. Fui numa reunião lá em Belo Horizonte com fulano de tal que neste tempo que era secretário de governo, agora não me lembro se era do governo daqui ou de lá. E nós conversando ele me disse que eu conseguiria isso lá em Oeiras e disse o nome da família, os “Pereiras”. Eu já vi esse retrato misturado, esse retrato foi tirado entre outros seminaristas. Pra mim é muito suspeito [silêncio]. O deputado Umberto me disse que a foto do padre era do tempo em que o padre era estudante. Ele não me negou que o retrato foi tirado do meio de outros que estavam na mesma foto, assim ele me contou que quando foi atrás da foto e chegando lá, mostraram a foto e disseram que aquele era o padre Marcos de Araújo Costa no meio daqueles outros. Pra mim é muito duvidoso esse retrato do padre Marcos. Eu achava que ler sobre o padre Marcos era uma coisa tão sem fundamento, que quer saber de uma coisa vou deixar pra lá. Sei que era uma família politicamente para época muito importante e, também, que ter um filho Padre na família era muita coisa. Inclusive eu achava o padre um pouco fraco porque ele não aceitava o comando desse negócio, mas o primo analfabeto comandava e o padre dava tudo para ele. O primo dele ajudava o padre como assim o Senhor pode me ajudar. Agora, Umberto não, colocava ele lá em cima. Olhe é muito difícil pra mim acreditar num sujeito que era tão importante e inteligente e não deixou nada escrito. Não tenho um dado escrito que ele tenha deixado, um livro ou outra coisa qualquer. Li muita coisa sobre ele, mas nada que eu veja de importante. Você pode ser inteligente e pegar algumas informações e construir uma história. Tem gente que chama de ficção pra não dizer que é mentira![risos]. Você conta uma história bonita danada, mas não se distingue a história mentirosa da real. Ele não deixou nada escrito e só conhecemos alguma coisa pelo o que os outros escreveram dele.

Jaicós era um território tremendo que ia de São Raimundo Nonato até Oricurí-PE. Picos era filho de Jaicós, uma cidade que nasceu daqui. Pra mim a cidade que mais cresceu ultimamente foi Picos. Um progresso fantástico. Admirável para nossa região. Não vejo

nenhuma outra cidade no Piauí ter condição de crescer como Picos estar se desenvolvendo. Todos os dias saem daqui para Picos três transportes. Simões e todas as outras cidades e localidades saem gente para Picos. Nem o Crato e Juazeiro tem essa capacidade. Se você prestar atenção à população volante de Picos até meio dia é muito grande. Picos se tornou uma capital para essa região. Todo esse crescimento não faz muitos anos, aqui o povo fazia compras em Araripina-PE, não tinha essa ligação com Picos. Faz poucos anos dessa ida do povo para Picos.

ANEXO – B
DEPOIMENTO DE FRANCISCO DAS CHAGAS CRUZ
Jaicós-PI, 20 de janeiro de 2010



FIGURA 11 – Francisco da Chagas Cruz (Ex-aluno e ex-professor do Grupo Escolar Anísio de Abreu)
Fonte: Arquivo particular de Francisco da Chagas Cruz

A primeira escola que estudei foi no Grupo Escolar Anísio de Abreu. Lembro-me que era um dia chuvoso que diferenciava do clima da região. Sem sol. Aquele momento marcou muito o contato com Dona Adelite Carvalho, professora que nos recebeu com carinho, com alegria. Lembro-me que naquele clima, brincando com a criançada, era uma criança muito tímida. Fiquei muito nervoso no meu primeiro dia de aula e para acalma-se comecei a roer as unhas, mas não conseguia ficar calmo. Então, comecei a passar as unhas sobre o plástico que encapava minha cartilha escolar cuja minha querida mãe havia pedido para zelar daquele material escolar. E, diante daquele clima de alegria das outras crianças, eu passava a unha na capa da cartilha sobre o plástico e, com um olhar bem vivo para as outras crianças, ficava evidente aquele sentimento de medo. Não conseguia me acalmar e com a unha puxava o plástico da cartilha, assim com força, e aquilo era pra me acalmar naquele momento. Diante disso, Dona Adelite repreendeu-me, mas foi uma repreensão de carinho, de amizade. Lembro que ela afagou-me e passou a mão sobre minha cabeça dizendo que me acalmasse e que tudo

estava bem. Da mulher meiga, da educadora enérgica, mas carinhosa. Como soube-me receber nesse primeiro dia na escola. Dia que jamais esquecerei onde iniciei a minha caminhada educativa no tradicional Anísio de Abreu.

No ensino primário me lembro, assim, muito vaga a ideia dos outros professores. O contato mais direto foi com ela (Dona Adelite), mas tivemos uma professora que se chamava Estelita Carvalho: uma mulher alva, os olhos assim, era penetrante o olhar dela, mas eu não me lembro o que ficou dela. Parece-me que ela ficou conosco muito pouco tempo. Os laços de amizade se construíram logo foi com a professora Adelite que foi enérgica, cobrava muito, mas também muito carinhosa, ela tinha um papel de mestre, de acolher, eu diria muitas vezes, depois eu vou contar outro episódio que marcou a vida dela como educadora.

Foi um dia que ela nos repreendeu, e eu fui repreendido. Mas foi uma punição pra eu entender como era pra ser a disciplina, coisa bem interessante pra época. Isso é numa série mais na frente, vou narrar-la agora: na segunda série do ensino primário, nós pegávamos pra patinar, eu me lembro, a expressão era patinar, veja só! Eu não sei de onde, patinar o quê? Se nós vivíamos no nordeste e vivemos numa região seca. Então, a gente ficava acorçado e o coleguinha ou a coleguinha pegava a gente e colocava o papel abaixo do sapato, na época eu acho que era alpargata, não era nem sapato e a sola fazia peso, o papel no cimento ficava liso, escorregadio; aí eles puxavam, em determinado momento era pra dar cambalhota, agente rasgava ou sujava o bumbum, ela veio, puxou-os pelos braços, levou a diretoria, repreendeu e nós teimamos outra vez. Aí a missão dela educativa, chamar Dona Rosa que é minha mãe. Aí minha mãe foi e aconselhou-me e um terminou esse caso com um final feliz. Era para ter um recreio, uma disciplina também no recreio que fosse construtiva, embora nós quiséssemos fazer como gaiatice da época. Mas não era construtivo, sujava o uniforme, talvez fosse se ferir e, ela repreendeu, assim, chegou o limite ela não deu jeito. Então, ela manda buscar a mãe pra correção. É, isso também marcou.

Em 1966, concluí a quarta série primária, eu não perdia ano, 65 terceira, 64, o quê, segunda, 63 primeira, aí devo ter feito maternal, alfabetização em um ano, naquela época eu acho que se alfabetizava antes para poder ir para o primeiro ano. Oh! Só aí nós estamos em 66 com quatro anos né? Quatro anos, então eu devo ter entrado com sete anos, devia ser uma tradição na época.

Fui alfabetizado pela professora Dona Adelite, a cartilha era *Ivo e Ava*, era o título da cartilha e trabalhava, a maneira de alfabetizar era Ba, Be, Bi... através do método silábico. Então era utilizado esse método. Depois, aí falando além do método, é foi cobrado muito a disciplina. Aos Sábados acontecia a “sabatina” dos conteúdos ministrados ao longo da

semana: na parte de linguagem conjugar verbos, tinha que conjugá-los corretos, dar conta de cor; caligrafia organizada sem rasuras, não tinha corretivo, o corretivo da época era a borracha, o grafite e ela cobrava a entrega de cópias, também, era cobrada a leitura individual, cada um levantava pra ler a voz com entonação dando pontuação correta, era cobrado também é leitura, ditado, o que mais? E verbos, verbo nas férias foi colocado na quarta série, me lembro, entramos na primeira série do ensino do antigo ginásio sabendo conjugar todos os verbos, era de praxe levarmos do Ensino Primário já com essa capacidade. E era sabatinado na área de Aritmética, sabatina com as quatro operações matemáticas, tabuada e ditada oralmente, senão ela ainda aplicava o bolo, eu ainda alcancei, ela ficava bem no centro, no meio com a mesa e era sabatinado, fulano de tal oito vezes oito, era questão de minutos que ela esperava senão o próximo respondia, ganhou de ti, vinha e te dava o bolo.

Nós tínhamos medo do bolo, ela não dava o bolo, o aluno que ganhava que dava o bolo no aluno que não respondia corretamente a pergunta, ela assistia a sabatina. Ela motivava você errou, pois você vai dar um bolo nele. Alcancei isso, e o outro processo era a prova, prova escrita. Há ainda alcancei os Estudos Sociais a prova oral, a prova oral, fazia a escrita e a oral. O que mais uma metodologia, uma didática que foi aplicada? Era as seções cívicas se fazia muito, inclusive nós vamos falar a frente, já no Ginásio Padre Marcos, tinha era de fato e de verdade um grêmio organizado, grêmio recreativo, com o nome “Thiago Gomes”. A função do Grêmio era a parte recreativa, cultural e o desenvolvido crítico dos alunos. Disso eu me lembro, isso no ginásio, mas na escola primária tinha, porque os eventos não se passavam em branco, todos eles eram comemorados. Ah, ela fazia aulas extras, extraclasse e piqueniques era muito usado na época, tinha a expressão piquenique de Dona Adelite, levávamos pra Gameleira, para os pontos que tinha aqui, ao redor da cidade.

Até a terceira série eu fiz no turno vespertino, manhã, e quarta série foi na parte da tarde. Sempre com a professora Adelite, agora na quarta série teve me parece, entrou outra que inclusive que ajudava Dona Adelite, que veio com uma, como é que a gente diz? Com técnicas novas da época. Professora Maria de Jesus Teixeira Reis. A dona “Juju”, inclusive foi uma grande mestra de Jaicós, falecida há uma década, deixou marcas indeléveis na educação de Jaicós, uma mulher que teve uma visão a frente da educação de Jaicós na época, e ela ensinou-nos Ciências. Fez um trabalho riquíssimo com o alunado daqui. No primário foi ela e Dona Adelite, agora o marco mesmo foi Adelite. Na época só tínhamos uma única turma de quarta série do ensino primário, no meu tempo só tinha essa turma de quarta série no turno da tarde.

O ano letivo começava no mês de Março até Junho, encerrando com quadrilha, o mês de Julho era férias total, de Agosto a Novembro, às vezes até Dezembro. Janeiro e Fevereiro férias novamente. Isso era de praxe. Jaicós nunca teve aula nas segundas-feiras, porque é uma feira tradicional, inclusive outras comunidades que vem trabalhar em Jaicós, mas não tem? A educação escolar de Jaicós para na segunda-feira, tínhamos aulas de terça-feira à sexta-feira e aos sábados, dia sabatina ou dia do argumento.

Outra coisa que eu ia me esquecendo da professora Adelite, é o espírito filantrópico, a solidariedade que ela gerava e educava nessa linha, eu nunca me esqueci, na escola quando um objeto era danificado ou não tinha. Ela fazia campanha com os alunos e adquiria para o bem para a escola. Eu me lembro, ainda hoje tem as primeiras cadeiras de macarrão foi nessa época que a tecnologia chegou, o plástico e nossa turma da quarta série motivada por ela deixou para a direção da escola um conjunto de cadeiras, nossa turma que ela motivava. Então, esse espírito de participar, de colaborar, de doar, ainda hoje tem as cadeiras, lá! Já foi mudado o macarrão várias vezes, mas as cadeiras são da época de Dona Adelite.

O prédio escolar funcionava ali no mesmo lugar, só que completamente diferente, só está o mesmo onde tem as salas aqui que vai direto. Esses vão pra cá, pra lá, o pátio foi mudado. Ele era um prédio grande. A supervisão entrou e construiu nos anos 80. Já fizeram uma sala nova praqui, onde está a biblioteca e mais uma sala de aula. Então, ele era o que vem aqui, as salas tradicionais e pra cá tinha cozinha e os banheiros. A diretoria e a secretaria eram pequenas. Outra coisa, sempre as educadoras de lá eram mulheres com testemunhos cristãs, a escola foi sempre ministrada através de um espírito de fé, de religiosidade católica, não tinha protestantismo nessa época, em Jaicós.

Nos anos de 64 pra cá, que o protestantismo começa a se infiltrar na nossa cidade. Então, lá tinha quadros religiosos nas salas de aula, na diretoria, Santa Teresinha do menino Jesus, ela nos mostrava, Dona Adelite. Olha um detalhe, as nossas aulas começavam e terminavam com orações, ela deixava todos, já era um hábito formado nos alunos, ela entrar, todos nós levantávamos, ficávamos de pé, e ela iniciava os sinais do cristão, sinal da cruz e, também, ela invocava o espírito santo, vinde espírito santo, iluminai-vos, inteligência, etc... etc... uma breve oração ela fazia, acho que trouxe do colégio da formação dela e sem nem um riso, uma brincadeira, já tomava esse hábito, então o início da aula, não era aula de Religião, era todas as aulas se iniciavam com uma oração, um linha cristã na escola. Isso era um hábito. O que mais que ainda lembro da professora Adelite? Muita responsabilidades, há rigidez, disciplina, muita disciplina, com ela o aluno não brincava, os pais já sabiam, se passar por

Adelite Carvalho não estranhe não, porque não aprendeu, não prestou, a expressão era “ tira que não quer estudar mesmo” com ela estuda.

As turmas eram mistas. Mas tem um detalhe, eu não sei você teve oportunidade de ver. eu trabalhei ali, fazia guerra com elas, oh, gente vamos preservar a carteira da época que ela pegava quatro alunos. Ai tinha, eu cansei com a turma, as meninas foram diretoras, gente guardem, vamos botar, Mas Chico Cruz não tem espaço pra isso mas não. Gente, mas tem que ter um acervo da escola. La tinha palmatória, ainda alcancei, depois que eu fui trabalhar, a palmatória, como era o nome de um jogo para ensinar matemática, o Ábaco, de cor preta, isso na época que fundaram a escola tinha esse instrumento de aprendizagem. Tinha os globos da época, bandeira, nas aulas de ciências tínhamos o corpo humano para entender a anatomia do corpo humano, separado em partes: a cabeça, o ouvido os membros superiores e inferiores, era muito interessante! Não alcancei salas separadas, já foram duplas, mas por exemplo, as cadeiras, era a cadeira tradicional, coletiva, nos sentávamos de quatro, eu me lembro. Tinha um detalhe, ela tinha um buraco, onde agente, eu acho que era pra jogar o lápis, e se agente ficasse brincando incomodava, ela vinha e tomava o objeto. Nesse sentido ela era muito dura quando um aluno perturbava o andamento das aulas, dona Adelite, ela usava o milho, ela usou, ela ainda andou usando a didática antiga: o milho e a palmatória. Mas nunca a vi batendo nos alunos. Lembro que durante as sabatinas os alunos batiam-nos uns nos outros. No entanto, eu ouvia dizer que ela às vezes usava a palmatória. Lembro que ela nunca me bateu. Os alunos eram muito comuns, nessa época, usarem a palmatória para o dia da sabatina. Eu ouvi contar que dona Adelite ainda usou o milho. Não sei se é verídico porque eu não passei pelo milho.

A quantidade de alunos por turma, eram de 26 alunos do sexo masculino e feminino, era nessa faixa, 26 não era pouquinhos assim, só que minha quarta série era única, eu me lembro, quarto ano primário, e ali já era sonhado pra correr para o pré-vestibular da época. Seria um verdadeiro vestibular, o Exame de Admissão.

Seu Geraldo formou gerações com a escola dele. Fiz o preparatório com ele e fui aprovado, eu tenho até as notas do meu histórico, eu tenho o histórico, eu guardo. E eu fui fraco em Aritmética.

O curso preparatório para Exame de Admissão funcionava numa escola isolada em uma propriedade privada, inclusive era numa casa da família deles, era uma casa grande, antiga, tradicional. Um casarão do século passado, agora este casarão estar em ruínas, caiu, teve uma briga entre a família e venderam a casa. Essa casa era um casarão com uma sala enorme, e lá nessa sala ele ministrava as aulas, com quadro de giz, tradicional, um filtro que se bebia água,

filtro de barro, muito enérgico ele também, acho que até porque da tradição dela, ele era um homem jovem, todo cheio e vida. Ele muito sério e rígido, não tinha brincadeira durante às aulas ou estudava ou vá se embora para sua casa, não tinha muita conversa. Então, com ele era “escreveu, não leu o pau comeu”, era assim como era usada a expressão da época, e era muito conteúdo que ele jogava.

Os conteúdos cobrados eram Aritmética, Geografia, História e Português. Olha Geografia e História eram os conhecimentos gerais, Aritmética e Matemática eram específicas e Português. Essas quatro disciplinas que era cobrado para o exame de admissão, eram um verdadeiro vestibular da época, eu me lembro, pra isso vinha gente de outras localidades, além de Jaicós, de Simões, Padre Marcos, Patos, Paulistana, Monsenhor Hipólito, Francisco Santos, aqui foi um encontro de estudantes da cidade de Francisco Santos, até porque o diretor, os familiares dele eram de lá, ele, eu acho que facilitou, muitos já, a ex-prefeita Carleuza ela teve a formação dela secundária, em Jaicós.

A ex-prefeita Carleuza, e muitos e muitos jovens, naquela obra dele, ele conta, mas eu, pode ver oh, bem aqui nessa rua tem uma pensão da Dona Balbina ela era uma moça velha e ela tinha um pensionato nessa rua aqui, hoje uma parte do pensionato e a cada daquelas meninas, então aqui na minha adolescência, eu convivia, eu via, porque eu morei toda vida nessa rua, meus pais toda vida foi aqui e aqui era um pensionato, tinha jovens de Padre Marcos, o Doutor Francisco Macedo, já ouviu falar? Tem até um nome de um município, ele estudou no Ginásio Padre Marcos, morava nessa rua, no pensionato de Dona Balbina, Balbina Lins recebiam recebia professoras do Padre Mariano na casa dela e ele era hospede dela, moravam na casa dela, e os alunos de cidades vizinhas que vinham estudar no ginásio Padre Marcos, então eu me lembro nessa época vinha esses jovens, também ingressavam no cursinho, não se chamava cursinho, o preparatório para o exame de admissão, externato Jovita Feitosa, de Geraldo Rodrigues.

E eu fiz também, outra coisa, naquela época, era uma educação, os mais pobres da sociedade pouco participavam, eu sou de origem humilde, sempre meus pais foram humildes, pobres, mas eles priorizaram tudo pra mim, era a educação, havia carência até de um alimento, mas se dava prioridade á escola. Então eu tive essa prioridade, mesmo como pobre, de ir pra lá, estudar no cursinho dele. Depois você vai pra Teresina, não tinha onde ficar; arranjou-se num internato, aquela coisa, sempre priorizando, eu não posso esquecer-me disso, essa trajetória.

Ainda quero voltar uma coisa da didática da dona Adelite, naquela época, na década dos anos 60, já tinha na escola dela, seu alunado tinha uma consciência ecológica interessante, na

época ela nos ensinava o hino oficial da árvore, e a cada vinte e um de Setembro era plantado árvores no colégio, até pouco tempo tinha castanheiras, deixaram, as gerações de agora estão acabando, mas eu me lembro, nos plantávamos árvores, cavava a terra e ao som da música nossa ensinava-nos plantar, [*o entrevistado canta o hino da árvore*], lembro-me disso, a preocupação ecológica dela, isso era fantástico, não é? Quer dizer, ela já tinha uma visão de futuro.

Sobre a realização do meu Exame de Admissão, foi realizado em Dezembro de 66, os professores que aplicaram as provas foram: Professor Mariano da Silva Neto; a professora Luiza Mendes Coutinho, Matemática, hoje ela é professora em Alagoas; a professora Nazaré Lelis Aragão, aplicou acho que História; ex-bancária e ex-educadora de Jaicós, trabalhou no Banco do Brasil, formada em Direito, passou na OAB, recentemente ela se formou e tem um escritório aqui, Nazaré, e tá faltando quem? Português, quem foi? Professor Mariano, professora Luizinha, professora Nazaré Lelis e professora Teresinha Freitas, aplicou uma das provas, me lembro até dos professores da época. Os testes foram aplicados em dois dias para as quatro provas, manhã e tarde. Com muito rigor, caráter, você entrava individualmente, sentava, era tipo um vestibular, o Exame de Admissão, muitos voltavam, pronto eu nunca me esqueci, que ele contou bem assim: Naquela época o professor Mariano contava, disse que um aluno veio do interior estudar, aí não, era uma menina brincalhona, na época, hoje a gente diz, fulano quer nada, leviano, naquela época era levou “pau”, a expressão, no processo de ensino aprendizagem era comum, mas não era mudou de ano, era levou “pau”, não quer nada com a vida, era muito comum essa expressão. Aí, disse que a moça veio da fazenda, do interior, filha de um ricoço, botou na cidade para estudar, mas a menina não queira nada. “Ela só pensava, ela só pensava em namorar. De manhã cedo...”. [*o entrevistado canta uma música*]. Ela veio pra cidade num mandava nada de notícia para o pai. E o pai lá na fazenda investindo, deu o melhor pensionato e tudo, e ela só namorando e aí chegou o dia do Exame de Admissão. Ela fez as provas e não passou em nada, “pau”! Aí vai que ela escreve, passa um telegrama da cidade grande para o pai, pra levar ela pra fazenda: – “papai levei “pau”, aguardo cama, seguirei com dor”. Abraços fulana...

A gente ria e o padre Mariano dizia num tom de brincadeira, vejam se vocês não passarem, cuidados, pra não levarem ‘pau’ também. Você viu a expressão do bilhete, era engraçada não era levar “pau”. E escrevia nesses termos “papai levei pau, aguardo cama, seguirei com dor”, abraços. Quer dizer ela queria ir embora para casa, pedindo cama para descanso, que ela levou foi “pau” aqui na cidade. Ele, o professor Mariano, tinha umas coisas

cômicas, brincava com a gente muito. Ele dizia na brincadeira, aí vocês também cuidado para não “levar pau” e mandar esse tipo de carta para os pais de vocês.

No ginásio, o professor Mariano foi quem aplicou o Exame de Admissão para que eu ingressasse no Ginásio Padre Marcos, ele era o supervisor da época, e ela supervisionava, a professora Adelite, ela era, o ginásio era bem organizado, toda a papelada era com ela. Ela era secretária com registro.. Então, essas coisas assim, essas provas sigilosas, ninguém tinha acesso, uma cópia ficava, pronto eu me lembro, tinha a dissertação que era feita através dos quadros de desenho, por exemplo, a ordenha, a praia, o circo, o zoológico, aí a gente olhava pra fazer a dissertação. O professor Mariano, eu só o conheci e ter uma vivência com ele na paróquia. Eu fui ligado a ele desde criança e adolescência, primeira eucaristia, já tinha muita ligação com ele, mas como educador não, mas como pároco sim, eu fui ratinho de igreja eu, que era beato, ai no ginásio a gente se encontrava com ele, aí é um segundo momento da minha caminhada educacional, Ginásio Padre Marcos.

A sede do Ginásio Padre Marcos foi inaugurado em 1960 ou 62. No entanto, ele funcionava desde 53 a 62, nesse período eles fizeram uma campanha pra construir o prédio e as aulas eram ministradas no Anísio de Abreu, na antiga cadeia, o ginásio funcionou assim, mas ele oficialmente foi inaugurado em 62. O ginásio nasceu no ano em que eu nasci, eu nasci em Julho e o ginásio e de março, eu sou mais novo que o ginásio. O ginásio foi criado em 19/03/1953, fundadores Adelite Carvalho e Professor Mariano.

A educação do ginásio Padre Marcos, uma educação privilegiada pra época, eu não sei como eles conseguiam no anonimato, como é Jaicós, consegui a organização que o colégio tinha, era bem organizado, tinha professores que não faltavam, dedicados, só depois é que eu vim saber que eles ganhavam mixarias, não tinha, não eram remunerados como deviam, mas mesmo assim tinham um trabalho bem organizado, o colégio era bem organizado, uma disciplina. Eu alcancei ainda como era o fardamento dos alunos que vinha da fundação: uma farda de algodão, da cor de cáqui, de tom amarelado opaco, parecido com os uniformes militares; porém, tinha uma modificação desse fardamento da época dos pioneiros, no meu tempo, já não tinha mais esse quepe feito de lona, parecido com um chapéu, uma coisa assim, a camisa tinha mangas compridas, o quepe, a calça e duas listras azuis nas laterais da calça, sapato preto e meias, e um logotipo que as mulheres mandavam fazer, as mães, as mulheres prendadas faziam com agulhas, bordados, era o logotipo CNEC, Campanha Nacional de Escolas da Comunidade, só que eu já vi documentos e fotografias que os primeiros era CNEG, Campanha Nacional de Escolas Gratuitas. Acho que perdurou até próximo da minha entrada, no ano de 66, já na minha época pagavam um pequeno donativo, mas pagavam, tinha

um carnê de pagamento e tinha uma tesouraria e se pagava, contribuía antes, era assim. Ele na direção, o professor Mariano, e além de dirigir o colégio seria tudo dentro do colégio, ele coordenava, ministrava aulas, eu me lembro às reuniões que ele fazia era muito interessante, ele pegava, o colégio tem uns corredores enormes, ali ele reunia todos os alunos de um lado e outro, e ele ficava caminhando ao meio, tínhamos uma média de mais de duzentos alunos naquela época, por causa da população de Jaicós, tinha mais de duzentos, eu acho, tinha. E ele dava as ordens, administrava o que queria as exigências, disciplina, nesse tipo. Ele não rodava em salas, era nos corredores, todo mundo estivesse lá e ele fazia essas reuniões. Tinha outra coisa muito atuante que ele organizou, era a Biblioteca “Jovita Feitosa”, tinha mesmo a biblioteca com o acervo da época. E tinha também o Grêmio Litero-recreativo Felipe Thiago Gomes em homenagem ao fundador da CNEC, o grêmio ele era bem organizado, a diretoria dele era cada período, acho que era um ano de atuação de cada equipe, e aí tinha, eu me lembro, era no primeiro mês de março, que nos primeiros dias da Março era as campanhas, a gente dizia era a política do Grêmio, bonita e também era rival mesmo passava vinte dias de reboliço, então se tornava corações vibrantes pelo espírito democrático pra aprender a votar, escolher. Eu só sei que ele organizava o processo seletivo, a eleição acontecia em um dia “x” a gente tinha roupas de gala, não era nem a farda do cotidiano que era pra botar e se escolhia uma nova diretoria. A “fogo” e “rixa” mesmo, pra ver quem era o melhor e aí essa pessoa era eleito pelo voto, o voto democrático, tinha urna, e depois tinha uma posse, lembro-me muito bem. A posse era um dia de festa, uma comemoração, aí vinha a gente cobrava da equipe se iriam atuar mesmo ou não o que pregavam que iriam fazer na campanha. O que era: Teatro, Literatura, O jornal, eu me lembro que tinha um jornal. Como era o nome do Jornal? “O Educador” me parece na época. Ou era o Educativo, era o “Educado”. Então, “O Educador” era um jornal semanal. Toda semana tinha matéria de cada uma das séries do ginásio, quinta série, da sexta, da sétima, da oitava, aí esse jornal integrava de mais e ia pro mural enorme que tinha, tudo isso era um trabalho feito com o apoio do professor Mariano. Tínhamos os momentos recreativos na escola, banhos no açude, futebol, basquete, dama, dominó, a última sala do colégio da época era reservada ao, como era o nome, era totalmente esporte, uma coisa assim. Me faltou a palavra, mas era específica a essa sala. E tinha já esses meios aqui, dominó, dama, basquete, futebol de salão, eu me lembro. Tudo isso já tinha, era o que o grêmio organizava, uma terceira parte, nos falamos da literária, da esportiva, aí tinha uma parte crítica que era a artística, tinha o teatro, o teatro era escolher para cantar, pra declamar poemas, peças teatrais, e aí tinha os dias do mês. “Eita”! Eu tenho que me apresentar, se não fosse apresentar era suspenso das aulas, o grêmio tinha poder junto com a diretoria para

suspender o aluno, então, o aluno participava. Eu me lembro, tornei-me muito assim, eu era um menino tímido. Então, eu me lembro que nessa época tínhamos que declamar, aí tem que ir! Cantar no coral que o grêmio organizava e eu me lembro que eu caminhei os quatro anos. Na quarta série do ginásio inaugurou-se energia elétrica em Jaicós, vinha de Boa Esperança, a luz da CEPISA. Eu me lembro, pena que eu devo ter jogado lá pra dentro o discurso que li para o Governado Helvídio Nunes, quando ele veio pra fazer a ligação da chave-elétrica da energia da cidade, fez na frente da casa de João Reis. O caminhão, ainda hoje eu me lembro, umas escadas assim onde as autoridades subiram e o professor Mariano escolheu-me para ler o discurso em nome do Ginásio Padre Marcos, eu me lembro de um garoto, um menino chamado de “talo”, fininho, magrinho, mais magro do que eu, padre Mariano dizia meu irmão tem calma, eu vou te ajudar. Ele escreveu o discurso pra mim eu me lembro, ensaiou comigo e lá foi eu, no microfone, não sabia nem o que era um microfone, ninguém aqui em Jaicós sabia, anos sessenta, aí eu li o discurso, mais porque eu li? Por que ele me ajudou, incentivou a ter o gosto pela leitura, pela coisa, depois eu tive o dom da oratória na paróquia, passei anos fazendo leituras bíblicas, assim o timbre de voz que ajudava. Então, isso aí me ajudou muito e não só ao Chico Cruz, mas a muitos jovens da época de forma privilegiado com o Grêmio.

O Grêmio foi um instrumento educativo muito importante, já no meu tempo quando eu entrei como educador, tava morrendo, só as cinzas, tentamos reergue-lo, Helder Buenos Aires ex-aluno nos ajudou a dar vida ao grêmio, no meu tempo, já levantando, nós ainda atuamos, ele como ex-aluno e eu já como professor, nós ainda fazíamos algumas coisas interessantes, mas não como na minha época, reergueu as cinzas do grêmio, como diz o nome. Então, isso aí foi à dinâmica dele, do professor Mariano. Outra coisa as datas cívicas eram celebradas religiosamente em Jaicós por todas as escolas. E, o Ginásio Padre Marcos não ficava atrás. Fazia desfiles cívicos pomposos, desfiles pomposos. Verdadeiras alegorias, eu nunca me esqueci no meu tempo. Apresentou-se uma alegoria: a execução de Tiradentes, ele que organizou o professor Mariano, com os professores da época, como o professor Valdir Feitosa que era um dentista aqui famoso, ajudava muito, tinha homens com dons artísticos, a primeira missa no Brasil, ela fez a apresentação, a professora Adelite, com um carro alegórico. Toda aquela estrutura, com cenário e todos os atores vestidos com roupas da época. Então, fazíamos muito isso na educação, as datas cívicas eram comemoradas. Os desfiles cívicos, ensaiava-se pode dizer quase o mês de Agosto inteiro. Para não errar a marcha, disciplina, muito bonito, tinha tudo isso. Valores que nós já não temos mais na educação. Então, eu passei isso.

O que mais que foi vivido no tempo do Ginásio Padre Marcos? Sim, a disciplina era cobrada como, na forma das provas, as avaliações e, também, já a partir do segundo ano,

terceira e quarta série, os dois últimos anos já tinha uma metodologia inovadora, como? O professor Mariano mandava as professoras dele pra Amarante, pra Floriano, nos encontros que tinham, Cadê Dona Neuza, não foi pra um encontro da CADE, era uma coisa assim, um órgão que qualificavam elas. Dava coisas assim, essa Dona Juju que atuou que foi ex-aluna do tempo da fundação no meu tempo ela já era professora, foi uma grande educadora. Uma professora de Ciências, de mão cheia, inclusive ela conseguiu, antes de falecer, ela já morreu graduada em Biologia, e naquela época ela já fazia as primeiras feiras de Ciências do Ginásio Padre Marcos, o senhor tá entendendo? Não era nem com a visão de hoje, mas ela já fazia. Montagens de maquetes. Deixa-me ver mais. O que ela fazia, aulas práticas sobre o átomo, o uso do isopor, da fibra, da cartolina, da pedra, aulas instrumentais, ela fazia isso. Então tinha uma inovação, Dona Juju foi muito criativa, Jaicós sabe disso, inclusive a biblioteca do Anísio de Abreu, e em homenagem a ela o nome, na biblioteca. Professora Maria de Jesus Teixeira Reis, então ela foi uma personagem muito interessante, que muito colaborou com o Ginásio Padre Marcos.

Concluir o ginásio no mês de dezembro, no ano de 70, com toda pompa, convite de colação de grau tinha letras douradas, nunca me esqueci disso, toda vez que pego um papel dourado, eu me lembro de um convite, que era feito em Picos. Um terno, não entrava sem este terno. Lembro-me demais. Não discursi na minha colação de grau não. Mas o outro lado você sabe Afonso Teles que hoje é um grande juiz que tem em Teresina, e nossa colação de grau foi com missa, só que ele já não estava nessa época, ele já começava eu acho que a viajar, já os preparativos para o Rio, encerrou o ano já ele saindo e nessa época só tinha a oitava, mas na Colação de Grau o professor Mariano ele não estava mais conosco. Lembro-me de mais quem celebrou a nossa missa, foi o filho do seu Mundico Mendes. Sobre seu Mundico era muito amigo do padre Mariano, então, ele ajudava-o muito lá ginásio, quebrou uma cadeira era ele quem consertava. Então, ele tinha um filho padre, o padre de Dionísio e foi ele quem veio celebrar nossa missa em nossa colação. Que tinha as filhas do Mundico Mendes: Raimundinha, Angélica, Chiquinho e um outro lá que colaram grau conosco, aí quem celebrou foi o padre Dionísio. Lembro um canto que ele celebrou, [E o hoje eu vim senhor as pés do teu altar... *canta o entrevistado*] e aí naquela época nos íamos ensaiar isso e as meninas começavam a dançar, e ele dizia não, não! Dentro da igreja não se dança. Nos anos sessenta já queríamos ter ritmo, pois foi ele quem celebrou a missa, uma missa bonita, uma faixa enorme, que tinha assim escrito: “A alma que se eleva, eleva o mundo”, quer dizer nos estávamos elevando o mundo, por que nossa alma eleva estava presente na colação de grau, entrega de certificado na matriz, coquetel depois, e baile aqui, onde toda a sociedade se

reunia aqui, a elite de Jaicós, auditório da Associação Rural, interessante, na época Jaicós não tinha clubes. Era esse auditório aqui, aí tem, tem o auditório, aí tem o palco, então aí era teatro 4 de setembro de Jaicós era esse aí, tinha drama, povo chamava de drama era as apresentações, seções sindicais, colação de grau, baile de formatura, tudo era aí, e como eu te disse, há duas décadas em Jaicós tinha um racismo muito grande, não entrava os negros, era muito, como e que se diz? Eram as Castas de Jaicós, a população se dividia mesmo, humilhava. Eu me lembro de um preconceito naquela época, de uma moça que perdia a virgindade aqui, ave Maria! Ela era vista como a meretriz, a “puta”, ou seja, uma pessoa a margem da cidade. São valores que eram muito cobrados, eu me lembro disso, não ia mais pra dançar com as outras, tinha de mais isso aqui. Jaicós era uma cidade muito racista. Lá na Associação Rural foi o palco desses eventos. A Escola Normal colou Grau, também lá.

A CNEC foi criada, também, com a atuação do deputado da época Alberto Bessa Luz, ex-prefeito de Jaicós, de renome, de família tradicional, dominou a política local, teve uma atuação política marcante, quer queira quer não, a vida dele tem uma biografia muito vasta, muito conhecida e ele na época com a importância que ele teve juntamente aos políticos da época, e o recém-chegado o neo-sacerdote Mariano da Silva Neto, homem culto, impulsionou com esse espírito de transformar a ignorância na obra prima do saber na cidade mais que centenária sem ter uma escola secundária ainda, então se cria o Ginásio Padre Marcos como nos falamos, ele nasce em 19 de Março de 1953, tendo como fundadora entre outras, a professora Adelite, ele que era na secretaria e professora no caso, ensinava outra disciplina além de inglês de, era professora de artes de Francês, e outros educadores que conseguiram ocupar na época, juiz, autoridades da época e depois ele vai entrar em campanha junto aos políticos que constrói a estrutura, o município doou o terreno, que é um quarteirão inteiro, e aí se constrói o ginásio padre Marcos, que era o prédio de área nobre da época, tinha um espaço grande, eu me lembro, foi lá, eu participei da ordenação, como eu participei? Teve após o rito de ordenação, a ordenação sacerdotal, teve uma apresentação cultural, a elite de Jaicoense, a elite piauiense estava aqui, o clero e na associação rural. Sei que nos fomos apresentar uma peça teatral na associação. Quem organizou foi a professora Adelite com alunos do Ginásio, alunos da rede primária e da catequese. Eu me lembro, o título da peça foi “Para Cear a Festa”, exaltando à ordenação do neo-sacerdote. Lembro-me que era linda a peça teatral, o atual prefeito Ozanam Barros, ele fez parte na época, eu me lembro, ele lia bem, tinha uma voz antífona, aí eu só sei que isso foi ensaiado meses, ela se dedicava Dona Adelite, meses a ordenação foi em Janeiro, desde Setembro que nós ensaiávamos. Eu me lembro que era pra mostrar como é o sacerdócio, a indumentária que ele usava e eu me lembro detalhe, eu me

lembro que eu representava, eu era, tinha a estola, casula, toda alva, todas as partes que compõe o fardamento, aréola era uma palavra que estava dentro do conteúdo, a aréola que mostra a bondade, a pureza, não sei o que do sacerdócio e eu me lembro que eu pronunciava a palavra “aureola” e não colocava o acento, aí que ela me repreendia, Francisco pelo amor de Deus! Meu filho você vai nos decepcionar, aí eu ficava com medo, aí era que eu dizia errado, mas depois que eu fiquei rapaz ela ainda brincava comigo. Francisco você lembra a “aureola”? Mas um dia saiu direito, sim, aí eu me lembro, nesse ano o Ginásio tava pronto já, então a ordenação foi lá, por que era um prédio nobre, eles decoraram, veio gente de Crato.

As atividades do ginásio, vamos ver, eu acho que o ginásio deixa-me ver em 2005 Rosângela ocupou o ginásio, ela ficou 2005, 2006, 2007, 2008 e 2009, passou cinco anos alugado o prédio, pronto em 2004 encerrou, fechou-se. Mas dona Adelite conseguiu a fim de não fechar deixou o primário, Alfabetização e de primeira a quarta séries afim de não fechar o colégio. Ele era mantido pela CNEC, no nível comunitário, os pais pagando. Mesmo assim já não teve mais jeito, aí fechou mesmo. Não teve mais clientela aí alugaram o prédio. A CNEC não deixava o prédio ocioso.

Encerrei o ginásio como aluno, em Dezembro de 1970, com uma turma, me parece que de 23 alunos, desses alunos, muitos, nós brilhamos, nossa turma. Hoje, nos temos teólogos, engenheiros, agrônomos, temos bons advogados, temos médicos, matemáticos, filósofos, há uma série de frutos que foi dessa caminhada da minha turma.

Vou para Teresina, em 71 eu já começo a caminhada educacional em Teresina. Curso o científico da época, o qual eu fiz também com muitas dificuldades materiais, mas eu me lembro, nos fomos pra Picos, dormir em Picos, num ônibus de seu Nicó que tinha na época que o único que levava de Jaicós para Picos e dormíamos no hotel de Dona Creuza, na bomba, a bomba era antiga rodoviária, aliás não existia rodoviária, era uns guichês muito mal cuidados, sujos, lama, e os ônibus paravam ali. Ali onde eu penso que hoje é o Banco do Brasil, por ali, era naquela área ali. Então nos dormimos, eu e uma amiga minha que se tornou uma professora, fez na Escola Normal Antonio Freire, que por sinal e como se fosse minha irmã ela. E aí nós fomos, o irmão dela já estava lá, já fazia o Liceu pra nos levar. E nós dormimos em Picos pra esperar o [...] era um ônibus que eu não sei se vinha era de Juazeiro do Norte e ia para Teresina, só sei que quando esse ônibus chega no outro dia, 10 horas da manhã porque quebrou não sei onde. Lembro-me que nós fomos lá se vai e esse ônibus quebra de novo, por que só tinha asfalto parece-me até o Ipiranga. Aí, eu me lembro eram as máquinas construindo, toda assim esquisita e ia umas freiras eu nunca me esqueci, muito esquisito as freiras de habito das coisas brancas [...] dias chuvosos chegamos em Teresina, lá

foi um menino daqui de Jaicós que fazia Matemática na época, o Rafael Marreiros, ele até ensinou no São Lucas, você sabe quem é. Aí Rafael foi nos acolher na rodoviária, que não tinha rodoviária, era na Praça Saraiva. Pra nos levar ao determinado ambiente onde íamos ficar. Eu me lembro de um fusca, ele nos levou num fusca e o fusca cantava essa música “amada, amante” de Roberto Carlos, aí ficou na minha cabeça, aí eu olhava assim, eu não conhecia Teresina, a cidade é grande, é difícil, como é que eu vou andar aqui? [...] Aí concluso o Ensino Médio, assim sempre ligado ao religioso, a educação, lá eu era o aluno que participava da missa, a missa semanal, fiz parte da pastoral da juventude, e era uma educação muito assim.

No colégio São Francisco de Assis, que era ministrado pelos franciscanos da época, e aí eu tinha colegas que deixou marcas, tinha Rosa de Oeiras, tinha Rubens de Juazeiro de Padre Cícero, tinha uma elite de Teresina, mas assim foi boa a educação foi uma educação assim menos competitiva, claro fico olhando, naquela época era pouca escola privada em Teresina, quem era a escola privada? Era colégio das irmãs, que e o sagrado coração de Jesus, o Diocesano, pouquíssimas. Fiz o Ensino Médio de 71 a 73. Há fiz recuperação no último ano que eu nunca tive inteligência, rapidez pra números. Vinha a Jaicós nas férias, mas vinha de outros meios com amigos. Em parte a gente residia, teve época que ficou sendo internato, mas foi muito pouco, já o resto foi em república mesmo, e em casa de família, eu fiquei em pensionato, Entrei em 74 na Federal depois eu voltei e planifiquei dando aulas, aí eu fiz uns faculdade em Araripina pra não perder esse tempo. E depois eu fiz uma terceira faculdade e fiquei em um curso na UESPI, acho que tenho ate algumas fotos. Eu começo a trabalhar na educação como professor, aí voltei e faço essa faculdade, continuo na educação. Primeiro eu fiz Teresina, depois Araripina e depois inda fiz uma terceira faculdade. Em Teresina eu estudei de 78 a 81 no curso de Teologia, na federal, e aí depois eu fiz uma licenciatura na faculdade de Araripina, Licenciatura em Ciências, depois eu fiz uma licenciatura em Ciências Biológicas, depois eu fui pro Cariri pra fazer especialização na URCA, duas especializações, pronto aí é minha formação.

Assim naquela época tinha muito empreguismo, eu fiquei assim olha, naquela época tinha muito empreguismo, então dependia muito do político. E eu fui uma pessoa com a personalidade polêmica. Embora pudesse ter tido oportunidade, que eu teria entrado nos primeiros momentos, políticos queiram demais a minha pessoa e eu tive propostas. Tentador, [...] que fazia um trabalho muito social então isso em uma cidade como nossa, mexia com as estruturas, mexia não, mexeu. Então eu era a pedra no sapato, mas mesmo assim tem políticos que tem boa inteligência aqui, muitos provocavam assim, pra fazer proposta: Se quiser a gente

leva o contrato, arranja, mas eu fui um tanto orgulhoso, eu nunca fiz, eu não fui em proveito, por outro lado eu sempre cultivava amizades que ajudavam a munir, esse padre mesmo que ficou doze anos, era daquele tipo [que dizia] tu não vai não, não faça isso não, não vai calar tua boca, não e assim, aquela coisa, ajudou também a manter essa personalidade durona. Conclusão eu fiquei um bom tempo, agora tinha amiga minhas que dizia Rapaz tu ta pastando demais. Pastando, um cavalo, tu e um cara que tu tem bagagem Chico, deixa de coisa. Vamos la rapaz. Então aqui era esse tipo, ate o governo Guilherme Melo [...] tinha um político, se saísse tinha de levar. Era um crime. Aqui como todo o nordeste, qual e a diferença? E ai teve isso, então eu não, não creio você acredita que eu esperei, eu fiquei na rede privada esse tempo todo. Ai por outro lado tive amigos, na CNEC, Ginásio Padre Marcos, ganhando migalhas, ai eu tive também, se eu quisesse ter ido a outros meios eu tinha como, por que tinha amizades, umas viagem que eu tive, a Picos Teresina, por exemplo. Teresina tive oportunidades, mas teve dois anos, um foi a minha personalidade que era ser irreversível, eu não achava que podia mudar, não ia eu ficava era dizendo tem que haver o concurso, nos outros lugares não tinha, então faço aqui e mostro, não vou, não vou me curvar a Humberto Reis, senador e deputado e outro fator foi minha mãe que eu fui muito apegado e me apeguei muito mais depois da minha formação adulta quando eu cheguei que a vida ela estava ficando cada vez mais doente, mais velha, e a minha afetividade muito, muito grande, inclusive eu fiz ate um *apelativo*, tive que fazer depois da morte, depressivo e tudo e aquilo me ajudou ao sentimento de medo e de culpa, eu não saio daqui, ninguém cuida de minha mãe se não for eu. Eu achava que só eu fazia. Que era eu, ela e outra que e a mãe de Amélia, inclusive morreu a dois anos de câncer, mas ela vivia em Teresina e o outro foi o irmão dela, afilhado e filho de criação, que agora esta em Teresina, Manoel então praticamente ficou só eu e Manoel pra cuidar. E ai conclusão, minha vida se tornou um sacerdócio, eu me doava pra educação, pra paróquia com todas as minhas forcas, toda minha energia era pra paróquia, foi minha vida a paróquia, eu digo que foi mesmo, a comunidade sabe o trabalho que eu fiz, o apostolado que eu assumi, tudo isso, então isso contribuiu pra não, como e que diz? Saia, eu vou esperar, por outro lado eu concertava juristas, pessoas da área me contavam, olha o teu tempo vai ter que ser assegurado mesmo ganhando teu tempo tu vais ganhar. E eu dizia, eu la me importa. Nem que eu não ganhe dinheiro, eu ganho tempo e eu vou ate o resto do tempo. Dito e feito averbei doze anos do colégio Padre Marcos, 12 anos, 35 meses e parece que 11 dias. Eu tenho registro e tudo ai bem quando abriu o primeiro concurso que teve [...] nessa faixa ai, um concurso pra Jaicos, a minoria, as vagas limitadíssimas, fiz, passei, eu passei no quinto lugar pra Jaicos. Ai fui lá. Conclusão, daí acumulou os anos da CNEC foi tudo averbado o tempo de serviço, lei

da legalidade, eu tinha amigos que se preocupavam com meu bem estar, e ai rapaz como e que tu fica tua vida, essas coisas, sabe. E ai contribuiu também [...] eu só sei que eu já estou com da época averbou o tempo, averbou os anos de magistério agora estou redução de carga horária, todos esses direitos. Quer dizer ai e meu profissional, então eu servi, 83 ou 85 que eu entrei no estado e antes foi CNEC.

ANEXO – C

DEPOIMENTO DE MARIA ADELITE CARVALHO**Jaicós-PI, 04 de fevereiro de 2010**

FIGURA 12 – Maria Adelite de Carvalho
Fonte: Arquivo particular de Lourenilson Leal de Sousa

Fiquei três anos sem lecionar por que não tinha oportunidade de trabalhar na minha cidade natal. Ofereciam vagas para os povoados vizinhos e meu pai não aceitava. De imediato chegou o Deputado, em saudosa memória, Alberto Bessa Luz que indo ao Rio de Janeiro foi informado pelo um conterrâneo que lá residia, João Antônio Monteiro, que no Rio um paraibano recém chegado e formado, foi informado em que poderia trazer para Jaicós a CNEC que quer dizer Campanha Nacional das Escolas na Comunidade, no ano de 1953, foi assim como se instalou o ginásio nesta cidade. O primeiro diretor do Ginásio foi o padre Mariano da Silva Neto e, também, professor das disciplinas de Latim, Língua Portuguesa, História e Geografia. Fui a primeira secretária e, também, professora de Desenhos e Trabalhos Manuais.

Lembro-me que o Deputado Alberto Bessa Luz dizia que foi através do nosso conterrâneo, João Antônio Monteiro, que ele conseguiu chegar até o professor Filipe Thiago Gomes e recebeu a autorização para trazer a primeira Escola Cenequista do Piauí, Ginásio Padre Marcos, sediado em Jaicós. Recebeu o nome de Padre Marcos por que foi um sacerdote que muito fez pela nossa região. A aula inaugural aconteceu no dia 23 de março de 1953. Foram os professores fundadores do Ginásio: Padre Mariano da Silva Neto, Daida e Maria Adelite de Carvalho. A primeira turma do Ginásio era composta de vinte e quatro alunos. Fico

muito feliz em dar este depoimento e considero-me muito realizada em ter servido a minha terra natal e ainda hoje tenho verdadeiro apresso pela a escola que foi o meu primeiro trabalho – o Ginásio Padre Marcos.

Muitos precisavam de ajuda, mas nem todos podiam ajudar, mas a gente fazia um jeitinho e todo mundo vinha para o colégio pra aprender.

Eu lembro assim, quando eu cheguei aqui, ai tinha muita gente que não tinha onde ficar, estudantes, ai tinha uma senhora que era assim já velha num sabe. Ela disse desse jeito: – “Eu também quero que meu filho venha estudar porque eu já ouvi dizer que o estudo aqui e melhor que em muito lugar” disse desse jeito a senhora, ai eu disse assim, não, vai dar tudo certo, só não dar certo se cada um de nós não quiser, porque é melhor ter nem que seja pouco com Deus, mas do que ter muito e não valer...

ANEXO – D**DEPOIMENTO DE GERALDO CARVALHO****Jaicós-PI, 30 de janeiro de 2010**

FIGURA 15 – Geraldo de Carvalho

Fonte: Arquivo particular de Lourenilson Leal de Sousa

Lembro-me que houve um choque entre eu e o padre Mariano. [...] Aqui tinha um juiz chamado Carlos Ferraz, um da cabeça pelada, pois bem ele morava lá na frente da casa do padre, onde tinha uma gaiolinha, esse antigo prédio daqui, a casa paroquial. Criou-se aquela rivalidade, quem ensinava era a moça de doutor Carlos, saiu do patronato, eu até me lembro quem eram os professores do patronato: Era aquela menina de Deográcio, Neuma, aquela filha de Zezinho, que era muito carrasca, Luizinha, o padre já veio me perguntando, “Geraldo quem foi que tirou a menina pra botar em sua escola?” Eu disse: Padre não foi eu não. Ele ficou com raiva de mim. [...] eles saíram de lá por que quiseram, por que eu não chamava ninguém, na primeira turma aquela professora filha de Seu Zezinho Bacorinho, Socorro, morreu, já é falecida, não dava aula, passava não sei quantos dias, Neuza também não dava aula, [...] Quer dizer eu não chamei. Eu ganhava meu dinheirinho, era quinze mil reis por mês na época. Ainda hoje tem gente me devendo, mas eu não fui mas atrás. Tinha tanto gosto em ensinar que as minhas provas eram datilografadas, naquela época não tinha computador, sabe como era, na máquina, tinha um senhor aqui, Seu Aldemar, era quem datilografava minhas

provas, [...] eu tinha gosto de preparar para o exame de admissão, ai eu sair do ginásio, sair de lá e fui ensinar lá no Grupo Anísio de Abreu, então naquela casa que Dinair está morando lá perto, eu sair, eu fiz até uma carta pra ele, viu, assim desagradável pra um padre, botei no correio, expliquei um “bocado” de coisas que não foi eu quem tinha chamado os alunos dele [...] na primeira quem não fizesse a prova, quem não alcançasse vinte pontos, não me lembro mais, não passava, a prova de Português foi o padre que fez Padre Mariano, mas a de Matemática foi a Luisinha, só passou uma, a mulher de Chico *Ceguinho*, Dona Betânia, o resto foi tudo para o “pau”. [...] aí depois e passaram tudo, mas nunca chamei ninguém, ai minhas provas eu mandava seu Aldemar bater na máquina por que eu não sabia e vivia muito ocupado aqui, aí eu ia lá, Aldemar tem uma pra você bater, ai eu “Vi, olha o tanto de pedido” [...] eu nunca paguei em dinheiro, eu dava camisa a ele, assim, eu não quero nada de graça, mas tudo era mimeografado.

O Externato Jovita Feitosa era particular, não era do governo, não vou mentir. Todo mundo gostava de mim, ensinei aquele que não é mais padre, que deixou a batina, Dionísio foi meu aluno, Zé Martins, não Zé Martins não foi não, me deixa ver quem foi mais, dos formados daqui: aquele filho do Seu Chico Crisanto, a menina de Chico Crisanto, vinha gente de Picos, de Patos, de Simões estudar aqui. Era muito falado do ginásio, e o nome da minha escola era Externato Jovita Feitosa, eu gostava, até quando eu fiquei, não tem mais o exame de admissão não, acabou isso aí, faz tempo. Também nunca foi registrada, era coisa particular, só porque eu tinha gosto, viu. Quando era no Sábado eu fazia uma feirinha aí em Patos, eu arranjava aquele que ainda hoje tá em São Paulo, que trabalhava no sindicato, Zé Benvindo, pra dar aula, pra não perder, só aula de Matemática, ele explicava bem, a letrinha dele era boazinha.

O horário das minhas aulas era de uma hora da tarde até quatro horas, lá tinha um filtro, não tinha história de ninguém querer ir lá no salão, “você quer tomar água, quero, pois o filtro está aí”, não tinha esse negócio de pedir licença.

Ministrei aulas só aqui em Jaicós, ainda lembro quando eu começava, não era de inicio de ano, era no dia 05 de Agosto, ate dezembro, e não era negocio de manhã la não, era de uma hora ate quatro horas, eu tinha raiva viu, ate Socorrei tu sabe aquele menino muito impossível pega o ensino, as escolas não aceitavam ele, quebrava tudo, [...] ai um dia eu estava aqui na sala um conhecido de Socorrei e mandou: Geraldo colocar [...] em tua escola, ai me disseram Geraldo tu vai aceitar aquele menino, eu disse aceito, por que lá, ai contei aquela historia do galo, por que não tem um negocio ai que o home diz pra mulher “Olha, aqui quem manda e o galo” [...] Eu não dava aula dia de feira, nem sábado, por que feira e a nossa feira aqui, porque

todo mundo sai pra ferias e no sábado por que eu ia para Patos, quando foi na terça-feira eu disse Zé Benvindo, ele trabalhava no sindicato, e ficava o dia todo lá dentro da garagem, onde hoje e a prefeitura, prefeitura não, a câmara, ai eu disse, olha Zé Benvindo amanhã vai entrar um aluno, e esse aluno disse que e muito impossível, mas qualquer coisa você deixe comigo, que ele só dava aula no Sábado, foi no Sábado, ai Zé Benvindo disse que tava certo, ai eu comecei [...] por pintura quando foi no Sábado foi a aula de Zé Benvindo e as cadeirinhas, aquelas cadeirinhas de pau, todas numeradas, ai foi a aula de Zé Benvindo, ai quando chegou la sabe o que e que ele fez? Pegou as mesas e tudinho e botou tudinho, não quebro, só encostando, ai Zé Benvindo disse “E rapaz que desse jeito” eu me lembro que tinha ate mulheres, Odília Rodrigues foi minha aluna, quem foi mais, aquela mulher do homem que morreu de desastre, foi minha aluna, nem me lembra mais. Ai quando foi na segunda e no sábado, Ai Zé Benvindo disse “Geraldo tu fez o que não era pra fazer” Ai eu disse: Não, não tem nada não. Pegou as cadeiras todas e colocou de lado, fez uma bagunça danada. Não tenha medo, amanhã vou, quem vai resolver sou eu. E não precisa você ir não Zé Benvindo, pra ele ficar logo assustado, quando ele chegou la eu perguntei: [...] Como se foi de aula ontem? Ele disse, foi muito bem, o professor fulano de tal explica muito bem. Eu disse tudo bem, agora eu quero que você pegue essas mesas todas e bote, pode botar por minha conta, mas na educação, ele pegou, ai eu disse agora você emborça, agora você desemborça, pegue seus livrinhos e vá embora, botei ele pra fora viu, e depois Socorro, Geraldo não faça isso não, meu menino vai perder o não, ai ele virou um santo, desse tempo pra ca, ai eu me lembrei da historia do galo, quem manda aqui sou eu, ate água eu levava pra eles, não tinha esse negocio de pedir água, la tinha um filtro de água, viu, na escola. Ai quando eu vi uma moca sentada la na cadeira ai eu disse amanhã você pode vir de saia, eu não aceito chorte aqui. Venha direitinho, arrumadinha viu, não como quem ta na praça, eu também sei o que e namoro porque já namorei muito, peguei muita moca e prometo de casar e tudo, mas aqui dentro de minha escola, eu respeito, aquela mulher, que hoje ela e ate uma viúva, Socorro, lembra de Dona Socorro, bonita, ai o povo dizia Geraldo você e danado, você arranjou ate uma viúva para cuidar [...] [fala de Chico Cruz sobre o relacionamento de Geraldo com o professor Mariano] ele veio aqui com a Mao na cabeça, Alaíde veio, a mãe de Dr. Sólton, ele foi meu aluno, o menino de Betinho, o menino de Chico Crisanto, ai dona Alaíde disse, “ Ei Geraldo, tu não ta indo mais a missa não?” eu disse que não gostei muito da atitude dele. “Mas, Geraldo você não tem nada haver com isso, missa e uma coisa que você tem que assistir” Ai eu comecei a assistir, mas eu não fui mais ensinar lá no colégio, ensinava lá no Anísio de Abreu, ela não era diretora, e Adelite foi quem mandou eu ir ensinar lá no colégio, [...] 19

anos nos fomos professores aqui, [...] aqui tomaram tudo aqui de Jaicós, O Amorim chegou aqui botou, ai a ex-prefeita de Jaicós Sonia Ribeiro, deu um advogado, trabalhava na prefeitura, sabe o que foi que o advogado disse, mas Afonso Reis me ajudou muito, Afonso Reis e aquela Áurea, Aurinha, o advogado lá na audiência, ele chega tava se tremendo o Amorim, “Olha Amorim, um ginásio funciona ate com dois alunos” Eu gravei na minha cabeça, ai começou também esse fracasso do ginásio que o Antonio Crisanto, que eu vou meter a lenha nele também, me importo se ninguém acha ruim não, eu não voto mais nele não. Antonio Crisanto fez o seguinte: No dia que o Humberto completou cinquenta anos de mandato, você sabe, lembra que naquele tempo veio um bocado de avião, ele não teve nem prédio pra receber o governador, era, Mao Santa, foram receber la no patronato, ai o Antonio Crisanto mandou a Sonia vir aqui e eu não entendia nada recolher o nome de todos os alunos de Adelite, coitada de Adelite, e Adelite inocente deu, ai entregou o ginásio e começou o fracasso, ai ele tirou os alunos todos, era paga, ai o ginásio começou a cair, foi só isso. Eu disse la na frente de Rosangela, olha vocês aqui já tomaram vários prédios, você sabe disso, que vários prédios eles já tomaram aqui, Associação foi Renato que fez, aquele negocio de guardar legumes, CEBRAZEM, aquele ginásio que doutor Francisco Nogueira era diretor , que era muito meu amigo.

Não, pronto, você fez uma pergunta e eu não gosto de mentir, eu não tenho nem o ginásio, só fiz o segundo ano ginásial, tenho certeza, aqui em Jaicós, no próprio padre Marcos eu fiz o exame.

Jaicós viu, eu nuca sai daqui pra estudar em outro lugar. Minha professora a *Liria Alencar, Neide Reis, Pio da Reis* que era Irma de um doutor deputado. [...] Eu não queira negocio com estudo depois fio que eu compreendi que eu tinha que estudar, mas o primário já tinha feito, o ginásio foi porque não quis, mas comecei a estudar ate o segundo ano ginásial, no terceiro abandonei então dos meus irmãos formaram quatro: Jose, Antonio, Adelite e Tarso, que e esse que mora em Teresina, faleceu um, Antonio, faleceu no dia primeiro de Maio de 2009, esse ano vai fazer um ano.

Eu não me lembro não, mas acho que era dado, não era comprado. Tinha até uns caderninhos que chamava caligrafia. [...] A escola dava, no Anísio de Abreu, tinha até uns caderninhos nos davam, não era comprado.

Lembro de jeito nenhum, no primário era muito aluno, eram varias professoras: Dona Liria, Nedinha e o da Reis foram meu professor, [a cada ano uma] Benina, Socorro Reis foram todas minhas colegas, e Socorro naquela época tinha negocio de argumento e ela não queira ficar ao meu lado, porque tinha professora lá que mandava meter o bolo, que eu sei a

tabuada de multiplicar de dois ate dez, não precisa olhar a tabuada o senhor pode perguntar: 3x8, 24; 8x3, 24 eu sabia decorado eu ia e a palmatória comia. Eu me lembro que eu fiz umas trapalhadas lá na escola também, tinha ate o retrato daquele governador Getúlio Dornelles Vargas, não tinha, eu aplicava umas trapalhadas, eu e outro passamos cuspe, nossa professora soube, levou nos todos de castigo lá pra casa de dona Neidinha que e essa casa aqui que você sabe, Irma do deputado Humberto Reis, ai papai foi atrás de mim, eu tava era preso lá, ai ele puxou as orelhas, deu umas lapadas, eu tinha umas marcas aqui de cinturão, arriou, ai eu não quis fazer mais essas trapalhadas não, por nos cuspimos na boca de Getulio Vargas, [...] de Doutor Fernando foi minha colega, foi tudo eu me lembro viu. Socorro Reis, Socorro de Maria Messias, falecida hoje, não sei se você chegou a conhecer.

Não sei nem explicar como foi, eu procuro até o livro que tinha que tinha Exame de Admissão, admissão não, era assim: Admissão ao ginásio, que tinha tudo, tinha no livro, tinha uns quadro pra fazer aquelas dissertações, era misturado, tinha o primeiro, segundo, o padre Mariano mandava o aluno dissertar e Ademir de Marica que foi meu aluno de admissão ai eu disse olha Ademir você estude, ai tinha um quadro lá, que tinha um velho tirando o leite da vaca e ele falou e tem seu Manelo tirando leite de sua irmã [...] Vinha gente de Simões, aquelas irmãs de Tasso, cunhada de Tasso estudou aqui, Ivone, não Socorro e a outra era, Iolanda, pronto. Papai morreu com 94 anos, deixou a lojinha ai e nos nunca ajeitamos, mas, nunca se quebramos agora está misturado tem ate moveis, que só tecido não vende não, tinha umas casas lá em Picos que Adelite comprava, Narciso Maia, mas tem mais, eu nem me lembro mais o nome das casas que nos comprávamos em Picos.

Fiquei só no comércio, não quis mais ministrar aulas, não aparecia mais alunos. Não tinha mais negócio de exame de admissão, o colégio era quem ensinava, tinha outras escolas ensinava quem quisesse, de primeiro quem tivesse diploma e eu não tinha. Eu tinha até um dicionário. Eu tenho esse quadro, esse livro, e tenho um dicionário, que a gente chamava de “pai dos burros”, mas não sei onde eu botei.

Era só uma vez por ano, o exame era em Dezembro, começava em Agosto, quando entrava o mês de Agosto começava a vir os alunos, vinha moca de Patos, vinha moca de Simões, Dona Auxiliadora que morava aqui, dona Adozina que tinha um hotel aqui, Elias Andrade que era casado com Carmelita, vinha muita gente professor. Quanto completava um mês, era meio amigável, meu interesse nem ligava pra dinheiro não, era só porque eu tinha aquele gosto, pagava, teve uns alunos que ficaram devendo ai, mas eu não mandava bilhete cobrando de ninguém, nem isso, nem aquilo.

Tinha, tinha caderneta de fazer a chamada, mas não sei onde eu botei. Não sei onde anda isso aqui. Tinha tudo, as minhas provas todas eram mimeografadas, prova de Geografia, de Historia eu gostava muito. Ademar Enoque da Silva era quem fazia as provas. Eu levava o rascunho e ele fazia. Mas eu dava um agrado a ele, cansei de dar um metro e meio de pano. Ele não pedia não, mas a pessoa fez um favor pra mim.

Eu gostava muito do ensino eu tinha amizade, eu não tinha preguiça, eu ia uma hora da tarde, antes de uma hora, quando eu chegava lá os alunos já estavam todos no salão me esperando.

ANEXO - E**DEPOIMENTO DE TERESINA FREITAS DE CARVALHO LEAL****Jaicós-PI, 05 de janeiro de 2010**

Nasci em 01/06/1938, filha de Joaquim Teixeira de Carvalho e Edite Freitas de Carvalho. Estudei aqui em Jaicós o primário, o antigo primário na época, na escola particular, depois fiz o ginásio. Fiz o exame de admissão, em 1953, ingressei no ginásio Padre Marcos, concluí os quatro anos, depois eu fui pra Picos, fiz o primeiro ano de contabilidade na escolinha, de Dorinha Xavier, com um ano eu resolvi cursar o pedagógico, aqui não tinha, fui pra Oeiras porque os familiares de minha mãe é de Oeiras né, aí eu fui pra lá, lá estudei, fiz o terceiro ano pedagógico, aí terminei em 1963, 64 eu vim praqui, cheguei aqui não consegui nomeação no Estado, naquela época era através da política que nomeavam o pessoal, se fosse adversário do lado contrário ficava muito difícil conseguir um emprego, aí o padre Mariano, professor Mariano, que era diretor do ginásio me convidou pra lecionar Comunicação e Expressão na 5ª e 6ª série, aí eu aceitei, com muita dificuldade eu aceitei, não queria né, que eu não tinha prática, aí eu aceitei, e fiquei no ginásio onde lecionei da primeira série a quarta série ginásial, e depois o padre Mariano foi pra fazer um curso, não me recordo se era em Minas Gerais? Rio de Janeiro? Por aí... sei que ele me deixou na direção, aí eu passei dez anos como diretora, diretora e professora de Comunicação e Expressão.

Fiz o ensino primário em etapas, estudava um mês com a professora, outro mês com outra, até que fiz o exame de admissão, me preparei pro exame de admissão, não era escola registrada, era a esposa do juiz de direito que pedia para quem botasse escola particular, aqui tinha, tinha escola pública, o Anísio de Abreu, mas naquela época a política daqui era muito agitada e as professoras eram contrário e sei que eu não estudei né. Nunca estudei em escola do estado, aí estudava particular, mas era um mês aqui outro acolá. Mas terminei fazendo o exame de admissão e cursando o ginásio. No ginásio padre Marcos, aí quando eu terminei que fiquei lá no padre marcos, lecionando no ginásio Padre Marcos eu fui convidada por Adelite Carvalho, que era diretora do Anísio de Abreu pra fazer, pra lecionar lá, uma professora entrou de férias, eu sei que eu fiquei no lugar dessa professora, aí depois houve um concurso público eu fiz, aí fui chamada, comecei a lecionar no primário Anísio de Abreu em 1966, já tava com dois anos que lecionava na CNEC.

Estudei neste prédio aqui da cooperativa, não tinha cooperativa na época, era um salão só com pátio, era do estado e o rapaz veio, aí botou uma escolinha aí, pra preparar pra fazer o exame de admissão, não era casa de ninguém, era um salão próprio, mas particular.

Quando eu estudava o primário minhas professoras foram, Adelite de Carvalho foi minha professora, que foi também diretora do Anísio de Abreu, foi as esposas de uns dois juizes que passou por aqui, Dona Eliete e não recordo o nome da outra, era um salão alugado, elas alugavam o salão e faziam a escola, não, era muito aluno, um vinte e poucos, por aí, naquela época só tinha uma escola aqui, o Anísio de Abreu. Só tinha três professores, não tinha assim muito grupo de escola, também estudei numa escola do município, as primeiras letras né, escola municipal, que por sinal ainda hoje a professora é viva, ela foi minha professora de primeiras letras, também aqui nessa dita cooperativa, porque aí era uma escola viu, a escola era aí, a Anísio de Abreu funcionava aí, no prédio que não era da cooperativa, mas do estado.

Quando o ginásio fechou, eu já não era mais diretora e nem lecionava mais lá, fiquei no Anísio de Abreu até me aposentar, me aposentei com 32 anos de serviço. Fui pra Oeiras me parece que em 1959. Depois eu fiz o curso pedagógico, mas já era professora aqui, depois de muitos anos já no final, que estava perto de sair, já não era mais nem diretora, eu fiz vestibular em Araripina, mas não consegui viajar daqui pra lá todo dia, cansei, adoeci, aí deixei de freqüentar a faculdade. Fui para Oeiras mais pelo curso pedagógico, pois não tinha o curso em Picos, só tinha contabilidade em Dorinha Xavier, Escola Normal só tinha em Floriano, Teresina e Oeiras, era o colégio das irmãs e depois ela instalou, era particular, daqui estudou eu e Betânia. Betânia fez o primeiro ano lá.

As disciplinas do primário era Português, que chamava Comunicação e Matemática, Ciências, História e Geografia; Só essas matérias, quando eu estudava no primário, era como eu lhe disse particular, não existia palmatória, existia na escola pública, mas aonde eu estudei, não existia, logo que eu terminei que fiz o exame de admissão para o ginásio, lá no ginásio não existia palmatória, ajoelhava no milho, palmatória, tinha o argumento de tabuada, mas eu não peguei isso aí, porque eu não estudei em escola pública.

Na época que eu sai que deixei a direção teve uma perseguição política, eu era diretora e você sabe como é esse negócio de eleição de setor, lá em Teresina mudou de setor, aí quando eu cheguei que sai daqui de casa, já era casada, aí fui na casa do funcionário do INSS, quando eu cheguei lá, que eu ia chegando na porta tinha uma senhora que por sinal ela foi sogra do pai do padre, professor Mariano, conversando com dona Jacira que era a funcionária, aí ela disse, “Olha Jacira, eu tô tão satisfeita, padre Mariano andou aqui e disse

que vai me dá a direção do ginásio, prometeu ao deputado Humberto prometeu a ele de me dá a direção do ginásio” fui chegando e disse bom dia, Aí Jacira disse, “Oh, Graças a Deus “ aí respondeu assim todo mundo apressada, aí papo encerrado, eu fiz foi ouvir, não foi ninguém que me disse, foi eu que ouvi, aí no dia 20 de Março que é o aniversário da CNEC eu estava, no dia 21 eu estava no colégio, chegou o professor Rafael com o termo de posse escrito na mão, aí entrou na secretaria e ditou pra secretária o termo de posse, pra secretária escrever, bater na máquina, tomando já, recebendo já a direção do colégio, eu já estava esperando porque eu ouvi isso aí, não tinha nem uma confirmação. Então vamos supor que de qualquer maneira foi um abalo pra mim. Eu já tava sendo diretora há dez anos. Aí eu entreguei, eu iria sair de imediato como professora, mas meu esposo não deixou, disse não, você vai agüentar, pelos tempos que você trabalha, eles não podiam me botar pra fora, porque se botassem tinha indenização, aí eu fiquei lá, passou uns três anos pra mim, mas aquilo ali no inicio eu não me sentia bem, de maneira nenhuma, quer saber de uma coisa eu vou e deixar, o colégio já ta e no final, já ta e se acabando, desmoronando né, já tinha passado por bem três diretores, tinha passado por Adelite, Maria da Conceição, Antonio Eduardo, já tinha passado por três diretores, aí desisti, deixei, três, não quatro, que Rafael foi o primeiro. Aí isso fica gravado na mente da pessoa, que a pessoa não esquece nunca, né!. Se existe uma coisa que me abalou, foi isso aí. Eu nunca esqueci, nunca esqueço, guardo mágoa, guardo rancor, ta entendendo.

Na época do ginásio tinha um grêmio estudantil, no ginásio padre Marcos tinha um grêmio, a fundação do ginásio padre Marcos foi em 1953, eu sou da segunda turma, eu fiz o exame de admissão em 53, mais eu tive um problema de saúde e tive de fazer um tratamento em Teresina, aí não estudei, vim estudar em 54.

Quando saiu o resultado do Exame de Admissão fiquei muito satisfeita, naquela época era muitos alunos, poucos classificados, eram muito carrasco os professores, pra não dizer, na preparação do exame, nós estudamos palavras latinas, palavras gregas, porque o professor dizia que o português era derivado do grego e do latim, aqueles prefixos gregos, prefixos latinos, nós estudamos todos. Era muito carrasco os professores, era Zé Florêncio, irmão de Alberto Luz, que foi quem trouxe o ginásio da CNEC pra Jaicós.

Eu gostava de trabalhar no ginásio, porque era turma de adulto, era só uma matéria e lá no grupo era as quatro matérias, turma de criança, eu gostava mais do ginásio, porque o ginásio era só Comunicação, e naquela época, os alunos estudavam, os alunos eram responsáveis, se um professor reclamasse um aluno desse aí, mandasse chamar o pai, o pai vinha e dava todo apoio ao professor, hoje se você vai pra uma sala de aula, se o aluno desobedecer e mandar chamar o pai, o pai chega pra bater no professor, o filho e quem têm

razão. No meu tempo a perseguição aos professores era grande por parte dos diretores, me lembro que tinha feito um viagem a Canindé, pagar uma promessa e eu comuniquei à diretora que iria pro Canindé e que ia faltar dois dias, ela tinha professor, tinha escravos né, botasse uma das escravas pra me substituir, ela botou um dia, no dia seguinte ela não botou mais, não me substituiu, quando eu cheguei lá, eu tava vermelha, aí eu disse, chamei, porque foi que você cortou meu ponto, eu num lhe comuniquei que eu iria pro Canindé, e iria faltar dois dias, você botasse uma pessoa pra me substituir, botei no primeiro dia, mas faltou mais gente, tive que substituir os outros, mais primeiro é quem falou primeiro não é? Sei daí deu uma discussão, e eu sou muito desafortada, em não engulo, eu não deixo nada me atravessado, eu digo logo o que eu sinto, sei que eu tive uma discussão com ela, eu disse que não iria repor a aula, ela disse que ia descontar em meu ordenado, eu disse e nem vai ser descontado porque se descontar você vai vê seu nome em televisão, em jornal, em tudo que há que eu possa falar contra você eu falo. A diretora na época jogava muito jogo do bicho, se ela tivesse fazendo o jogo dela e chegasse um aluno dona fulana, o menino tá ali queimando, o menino tá ali pulando, ela largava cuspe na cara do aluno, aí eu disse, você vai vê o cuspe que você jogou na cara do aluno no jornal, ela não cortou mais, não descontou, mas se intrigou comigo a vida inteira, trabalhei lá não sei quantos anos intrigado de sangue a ferro. Olha depois que eu saí de lá, o primeiro diretor que assumiu foi Rafael, ele suportou um ano, não agüentou mais; aí veio Maria, aí depois veio ele. Meus professores do ginásio Padre Marcos eram o Padre Mariano, Adelite, Dr. Zé Lopes, que era um juiz de direito, Dr. Zé Dantas que era um médico, Luiz Irineu, era um rapaz de Teresina que trabalhava aqui né, ele tinha científico, ela bem preparado ele, Dr. Adérso, que era farmacêutico.

Eu lecionei no patronato, me jogaram pra lá, eu não queria ir não, mas era o jeito. A escola foi criada pela igreja, pelo padre né, mas ele arranjou professoras do estado para trabalhar lá. O patronato foi desativado, caiu, virou rancho para mendigos. Quando eu era diretora do ginásio, tinha uma turma de adultos que queriam fazer o ginásio, não tinham oportunidade de fazer durante do dia porque era longe de casa, porque eram funcionários públicos, comerciantes, aí eu disse, pois vão fazer o exame de admissão, aí eu criei uma escola, ali na casa paroquial, arrumei com o padre e dava aula a noite, foram meus alunos Jorge, meu esposo, D. Odília, Alvenir e todas senhoras e senhores, tudo casado e já de meia idade, todo mundo já, tinha uns novos, mas a maioria era velhos. Aí fizemos a preparação para o exame de admissão, foram dois meses, fizemos o exame, eles passaram, quem passou foi estudar no ginásio, ai eu criei uma turma à noite pra essas pessoas.

ANEXO - F

HINO OFICIAL DO GINÁSIO PADRE MARCOS

LETRA- autor desconhecido

MÚSICA-maestro Camilo L. Feitosa

I

Concistas do santo ideal
 nós marchamos em busca de luz
 desta luz que desprende o fanal
 da instrução, cujos raios a fluxo
 do intelecto derrama fulgores
 da ignorância espancando os horrores

CORO

Em prol da instrução
 Avante companheiros
 dá alfabetização
 seremos pioneiros
 do estudo à luta intensa
 com ardor nós consagramos
 depois vitória imensa
 alegres cantaremos

II

Nosso lema é amor ao trabalho
 embalados de fé e esperança
 no Ginásio este doce agasalho
 cada dia sentimos confiança
 de que atinja o fim nobre elevado
 deste muito por nós almejado

III

Corajosos sigamos a senda
 que diante de nós se desenha
 o Ginásio nos serve de tenda
 onde o amor pelas letras se empenha
 na conquista da glória final
 puro anelo de nosso ideal

IV

No Ginásio onde vivemos
 a virtude a ciência aprender
 neste abrigo querido sentimos
 de outras mãos o amor nos prender
 assim vamos com o nosso seguro
 alcançando brilhante futuro

